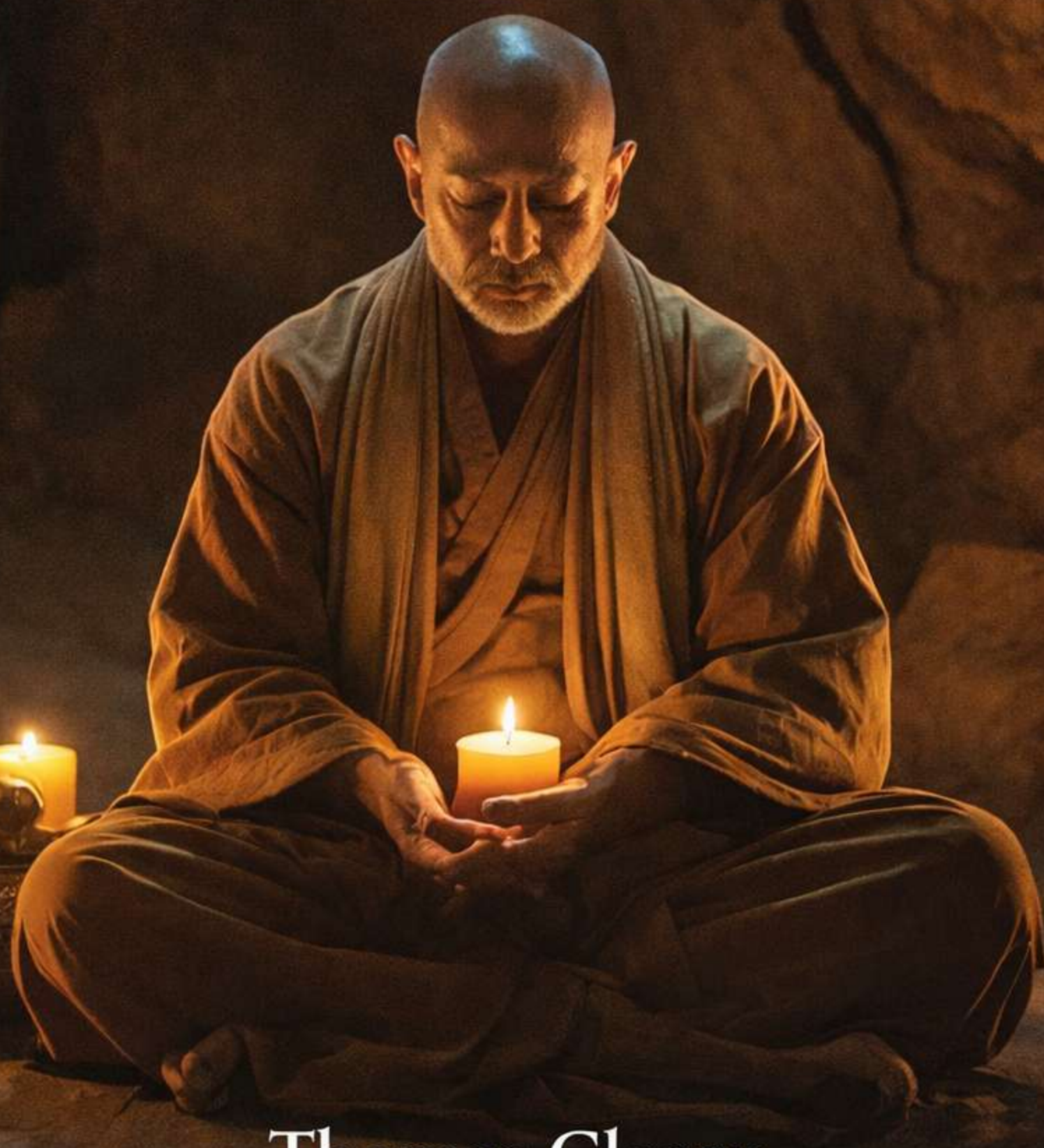


A LÂMPADA IMORREDOURA — DO ZEN —

O TESTAMENTO DO MESTRE ZEN TOREI



Thomas Cleary

TRADUÇÃO; AMADEU ANTÓNIO

A LÂMPADA IMORREDOURA DO ZEN

O TESTAMENTO DO MESTRE ZEN TOREI

Thomas Cleary, 2011

“Um auxílio indispensável para a prática do Zen Rinzai e uma introdução acessível à experiência Zen em geral. Torei é um guia cativante; o seu tom é energético, direto e cheio de personalidade.”

— *Blog Sweeping Zen*

SOBRE O LIVRO

A Lâmpada Imorredoura do Zen é uma destilação pura e poderosa da doutrina e prática Zen, escrita por Torei Enji (1721–1792), um mestre Zen e artista. Torei foi mais conhecido como um dos dois “assistentes geniais” de Hakuin Ekaku, uma figura de proa no Budismo Zen que revitalizou a escola Rinzai, a qual se foca na prática do koan. Torei foi responsável por grande parte do trabalho avançado dos discípulos posteriores de Hakuin e também ajudou a sistematizar os ensinamentos Zen de Hakuin.

A Lâmpada Imorredoura do Zen inclui uma gama de princípios e práticas, desde as mais elementares às mais avançadas. É um auxílio indispensável para a prática do Zen Rinzai, ao mesmo tempo que fornece técnicas tradicionais testadas para o acesso público à experiência Zen. O tradutor de excelência Thomas Cleary fornece uma introdução detalhada e notas de rodapé esclarecedoras ao longo da obra, e a sua tradução magistral deixa brilhar a voz distinta de Torei; Torei é energético, direto e cheio de personalidade. Não existem outras traduções em inglês deste clássico disponíveis e os aficionados do Zen quererão adicionar esta obra à sua coleção.

THOMAS CLEARY é doutorado em Línguas e Civilizações da Ásia Oriental pela Universidade de Harvard e doutorado em Direito pela Universidade da Califórnia, Berkeley Law. É amplamente conhecido pelas suas traduções de clássicos seminais do Taoismo, Budismo, Confucionismo, ciência militar e artes marciais.

ÍNDICE

Introdução do Tradutor

PREFÁCIO

1. A FONTE DO ZEN
2. FÉ E PRÁTICA
3. ESTADOS VISIONÁRIOS
4. A VERDADEIRA REALIZAÇÃO
5. ATRAVESSAR AS BARREIRAS
6. TRANSCENDÊNCIA PROGRESSIVA
7. APLICAÇÃO NO TRABALHO
8. APRENDER COM UM MESTRE
9. MATURAÇÃO
10. CIRCULAÇÃO

Apêndice: Sobre a Prática

INTRODUÇÃO DO TRADUTOR

A Lâmpada Imorredoura do Zen é um testemunho de um dos mais eminentes mestres Zen do Japão pré-moderno, Torei Enji (1721–92), escrito em antecipação à sua morte iminente. Devido às circunstâncias da sua composição, trata-se de uma afirmação excepcionalmente explícita da doutrina e prática budista Zen.

Torei tornou-se monge em tenra idade e estudou Zen sob a orientação de vários mestres, incluindo Kogetsu (1667–1751), um distinto mestre da seita Rinzai do Zen. Torei conheceu Kogetsu pela primeira vez quando tinha apenas cinco anos, mas a personalidade deste mestre já inspirava o seu interesse pelo Zen mesmo nessa idade precoce. Ordenado aos nove

anos, Torei partiu em viagem de estudo aos dezoito. Após alguma experiência no Zen, por conselho de Kogetsu, visitou o temível Hakuin (1685–1768), uma figura de peso que revitalizou o Zen Rinzai, particularmente o estudo do koan Zen.

Hakuin teve muitos discípulos iluminados, mas a Torei é tradicionalmente concedido um estatuto especial como um dos dois *shinsoku* ou “assistentes geniais” de Hakuin. Torei foi responsável por grande parte do trabalho avançado dos discípulos posteriores de Hakuin e também contribuiu consideravelmente para a sistematização do ensinamento Zen de Hakuin.

Depois de o seu despertar Zen ter sido testado e reconhecido pelo notoriamente rigoroso Hakuin, a saúde física de Torei colapsou repetidamente, chegando a um ponto em que foi declarado incurável pelos médicos. Como ele próprio explica no seu prefácio, foi nessa altura e por essa razão que escreveu *A Lâmpada Imorredoura do Zen*.¹ Na época, mal tinha trinta anos de idade.

A Lâmpada Imorredoura do Zen proporciona um vislumbre raro da escola de Hakuin tal como era no tempo do próprio mestre, transmitindo a intensidade e o fervor do renascimento, bem como a precisão prática da perícia técnica. Insistindo na experiência da iluminação, e depois ainda mais na prática progressiva após a iluminação, Torei fornece métodos acessíveis para ambas as partes do processo.

Ensinando o Zen de acordo com os princípios budistas Ekayana do “Veículo Único”, e em resposta às necessidades do seu próprio tempo, Torei mostra como reunir as diversas escolas budistas experiencialmente, mantendo as vantagens das suas especializações. Torei também concilia o Budismo com as outras religiões e filosofias da sua cultura — outra prática Ekayana — neste caso o Xintoísmo, o Confucionismo e o Taoísmo.

Como pretendia ser um testamento final, *A Lâmpada Imorredoura do Zen* representa uma gama de princípios e práticas raramente encontrados reunidos num só lugar, desde os mais elementares aos mais avançados. É um auxílio indispensável para a prática do Zen Rinzai, ao mesmo tempo que fornece técnicas tradicionais testadas para o acesso público à experiência Zen.

Num sentido mais profundo, este tratado é um testemunho do poder do voto, um ingrediente essencial do ensinamento e da prática de Torei, através do qual recuperou e libertou a enorme força de vontade e energia expansiva que o curariam e o impulsionariam por mais quarenta anos de dedicação, para ser difundida por toda a escola mesmo após a sua morte.

A fundação da linhagem Zen japonesa à qual Hakuin e Torei reportam a sua herança espiritual remonta a Daio (1235–1308), que aprendeu o seu Zen na China da dinastia Song. O ramo de Hakuin desta linhagem tornou-se obscuro no século XVI, não se sabendo nada de vários mestres além dos seus nomes. Isto mudou com a emergência do Mestre Gudo (1577–1661) como mestre do imperador. Muito pouco se sabe do trabalho de Gudo, mas ele reconheceu numerosos sucessores espirituais. Um deles, um leigo mal alfabetizado, saiu de casa aos cinquenta anos depois de ter praticado Zen sob a tutela de Gudo durante trinta anos. Tratava-se de Munan (1603–76), que viria a ser o avô espiritual de Hakuin e o antepassado do Zen Rinzai moderno.

Munan deixou um registo relativamente rico em vernáculo simples, fornecendo instruções explícitas nos processos essenciais do Zen. As questões fulcrais que preocuparam Hakuin e Torei nos seus esforços para revitalizar o Zen já podem ser vistas no trabalho de Munan. Ele foi leigo durante a maior parte da vida e, quando saiu de casa e se tornou monge, embora fosse um sucessor reconhecido de um mestre nacional (um título para mestres de imperadores), não teve nada a ver com o carreirismo monástico, mas viveu uma vida de austeridade simples, sustentada pela riqueza da espiritualidade.

Os ensinamentos de Munan colocam grande ênfase na realização do *satori*, ou iluminação Zen. Esta é uma característica comum do Zen Rinzai, mas a ênfase torna-se particularmente marcada sob certas condições históricas, e também condições psicológicas particulares, até ao ponto em que o *satori* pode ser tomado como um fim, em vez de um meio. Em resposta a esta tendência, Munan também sublinhou as armadilhas de sobrestimar o *satori*, e a consequente importância da maturação e do desenvolvimento após a experiência do despertar. Esta atenção concertada às exigências especiais de cada fase da prática Zen continuaria na linhagem de Munan, tornando-se particularmente proeminente no trabalho de Hakuin, e ainda mais no ensinamento de Torei.

Segundo Munan:

O *satori* é o olho de Buda, a medula de Buda, iluminação direta e grande conforto; tudo parece bem. Mas, por mais maravilhoso que seja, o *satori* é um grande inimigo de Buda; não duvides. Quando desapegado de todas as coisas pelo *satori*, se houver algum sujeito cognoscente de todo, num estado em que não se está constrangido por nada, agir-se-á de forma arbitrária, matando até pais e governantes. Assim, o inimigo de Buda é o *satori*.

O mestre Zen chinês Baizhang advertiu: “Se alguém disser: ‘Sou capaz de explicar, sou capaz de compreender — eu sou o mestre, tu és o discípulo’, isto é o mesmo que uma sugestão demoníaca.” Munan disse: “Mesmo que a tua percepção do nada seja certa, emergem falhas pessoais, como nuvens bloqueando o sol e a lua. Devemos purificar-nos das falhas dia e noite.”

Portanto, as dimensões mística e moral da experiência estavam estreitamente tecidas nesta linhagem do Zen. Novamente, o mestre Munan resume isto de uma forma caracteristicamente pragmática, prefigurando a ênfase persistente encontrada nas obras posteriores dos seus descendentes espirituais Hakuin e Torei:

Embora a nossa escola considere o *satori* em particular como fundamental, isso não significa necessariamente que tenhas terminado assim que realizas o *satori*. É imperativo cultivar a conduta de acordo com o ensinamento para completar o caminho. “De acordo com o ensinamento” significa conhecer a tua mente básica como ela realmente é. “Cultivar a conduta” significa usar uma visão e conhecimento precisos para eliminar os obstáculos do hábito enraizado. É por isso que se considera comparativamente fácil despertar para o Caminho, enquanto praticá-lo em ação é extremamente difícil. Portanto, Bodhidharma, o grande mestre, disse: “Aqueles que conhecem o Caminho são muitos; aqueles que praticam o Caminho são poucos.” Apenas mata o teu corpo com uma espada de diamante; quando este corpo perecer, não falharás em alcançar a grande libertação e a grande liberdade.

A analogia do *satori* a uma espada de diamante destaca o papel da iluminação como um meio de libertação e desenvolvimento humano, em vez de ser o fim dos mesmos, ao mesmo tempo que sublinha a importância

de um meio que seja realmente eficaz, conduzindo assim de volta ao refinamento do *satori*. Este reforço mútuo do *satori* e do desenvolvimento do carácter é ilustrado de forma concisa numa das conversas registadas de Munan, na qual alguém lhe perguntou sobre a deterioração do Budismo. Ele disse:

É bastante difícil de expressar em palavras. Chamar-te a ti próprio um renunciante porque rapas a cabeça desonra o próprio nome. Este é um assunto sério. Mesmo que deixes a tua casa comum e vivas debaixo de uma árvore ou sobre uma rocha com um par de mudas de roupa e uma tigela, seria difícil dizer que és um verdadeiro renunciante. O que um verdadeiro renunciante procura é isto: os nossos corpos têm oitenta e quatro mil males, sendo os principais entre eles o desejo sexual, o desejo de ganho, o nascimento e a morte, o ciúme e a inveja, e a reputação e a vantagem. Normalmente, estes são difíceis de controlar.

Usando o *satori* dia e noite para destruir os males do corpo um a um, devemos tornar-nos puros. “*Satori*” significa a mente básica. Reconhecendo com precisão o certo e o errado e o bem e o mal das coisas, livrando-nos do que está errado enquanto preservamos e salvaguardamos o que está certo, sentando-nos regularmente para meditar para ajudar à realização da realidade, se nos esforçarmos para nos livrarmos do mal e continuarmos este esforço ao longo dos anos, as nossas mentes tornar-se-ão pacíficas.

O sucessor designado de Munan, Dokyo Etan (1642–1721), é uma figura relativamente obscura que é conhecida sobretudo pelas histórias de Hakuin. Quando era adolescente, um ancião Zen que visitava o estabelecimento do seu pai foi solicitado por samurais acompanhantes para escrever o nome do bodhisattva da compaixão como talismãs para eles. Quando o jovem também pediu um, o ancião Zen recusou, dizendo-lhe que ele tinha o bodhisattva dentro de si e não deveria procurar fora. O rapaz ficou absorto a questionar-se sobre este bodhisattva interior, chegando ao ponto da distração.

Isto continuou por vários anos, até que ele ficou tão absorto nesta introspeção que se esqueceu de si mesmo enquanto subia uma escada um dia, caiu e ficou inconsciente ao bater no chão. Experimentou então o *satori* no momento em que recuperou a consciência. Durante mais três anos, procurou mestres budistas para ganhar perspetiva sobre a sua experiência.

Depois conheceu o Mestre Zen Munan quando viajou para a capital com o seu pai aos dezanove anos. Após uma aprendizagem severa com Munan e o reconhecimento como seu sucessor espiritual, Etan não assumiu nenhum cargo monástico, mas permaneceu um eremita toda a sua vida.

Na linhagem de Hakuin, Etan é referido como Shojū Rojin, o Velho da Percepção Verdadeira, devido ao nome da sua ermida. No sino-japonês budista, *shojū* é na verdade um termo técnico, uma tradução do sânscrito *samadhi*, concentração ou absorção. Embora as suas interações com Hakuin sejam tipicamente representadas como mediadas por grupos de koans Zen, a prática essencial de Shojū é referida como continuidade da atenção plena correta, e o seu epíteto evoca a sua devoção vitalícia ao aperfeiçoamento desta prática. De acordo com um poema comemorativo que lhe é atribuído, no entanto, não foi senão depois de ter mais de cinquenta anos que finalmente alcançou a continuidade ininterrupta. Este elemento de esforço a longo prazo na história de Shojū desempenha um papel importante na escola de Hakuin, como observado por Torei, para enfatizar o cultivo e a maturação após a iluminação. O próprio Hakuin ilustra este ponto enfaticamente numa carta a um ancião Zen:

Não há nada sem um começo, mas aqueles que conseguem alcançar um fim são raros. As pessoas nas escolas Zen começam com uma vontade admirável e uma conduta respeitável, mas quando passam a ter um teto sobre as suas cabeças e o frio e o calor dependem delas, a fama e o lucro são doces como o açúcar enquanto o foco no Zen é amargo como a ameixa amarela. Tornando-se mais relaxados e negligentes com o passar dos dias e meses, acabam por se tornar um bando de vermes. Enfrentar a velhice será uma barriga cheia de tristeza. Procurando por aqueles que são capazes de começar e que também completam o fim, podes contá-los pelos dedos.

Acontece que eu sou um deles. O cargo de abade é de facto algo para se ter cuidado e de que se deve desconfiar. Recentemente ouvi dizer que se reformou. Isso é encantador, mas lamentável, porque o Zen não é algo que se para quando se compreendeu e que se descarta quando se realizou. Quanto mais compreendes, mais estudas. Quanto mais realizas, mais assumes. A isto chama-se o caso inacabado. Não deixes que a frequência e a complicação dos deveres mundanos te impeçam; não prefiras sentar-te como se estivesses morto num lugar pacífico e silencioso. Seja a caminhar, sentado, em pé ou deitado, mantém-no fervorosa e cuidadosamente — onde

é que o perdes, onde é que não o perdes? Este é o modo de focar no Zen de um predecessor. Agora estás a deixar um general derrotado expor assuntos militares. Parece um tanto vergonhoso. No entanto, o carro capotado à frente pode ser uma salvaguarda para os carros atrás.

Na conceção de Torei de devoção à prática perpétua, emergindo das suas próprias experiências e vigorosamente reforçada pela herança de ensinamento de Munan, Shōju e Hakuin, o tempo não é apenas quantitativo e referencial, mas particularmente qualitativo e experiencial. A persistência torna-se, assim, significativa apenas no contexto da eficiência processual. Torei explica este princípio de *timing* na prática Zen com a analogia das quatro estações numa carta interessante a um leigo que já realizou o *satori*:

No geral, na prática, o *timing* é de suma importância. Se não conheces o *timing*, desperdiças esforço e diminuis a tua própria força espiritual. É como arar na primavera, mondar no verão, colher no outono e conservar no inverno. O teu trabalho de arar na primavera está feito, e as tuas mudas de ver a natureza cresceram saudáveis. De agora em diante, a estação do verão é a mais importante, apenas transplantando para os campos da totalidade e mondando. Tudo o resto deve ser adiado para o outono e inverno.

Os “campos da totalidade” significam transferir aquela grande concentração meditativa solidamente fortalecida para o meio de situações tanto agradáveis como desagradáveis, atividade e quietude, tristeza e alegria. “Mondar” significa ver através dos bons pensamentos e dos maus pensamentos, da confusão e da clareza, sempre que ocorrem, aperfeiçoando o grande potencial para além das coisas, tornando-te como uma espada fina. Para além disto, os exemplos antigos, as decisões oficiais [*koan*], e assim por diante, devem por todos os meios ser postos de lado por agora. Um dos antigos foi até obrigado a dormir durante três dias e três noites porque, quando a alegria do fortalecimento é extrema, danifica as tuas faculdades para o Caminho. Houve também um mestre famoso que escreveu as palavras *retiro de silêncio* com instruções para as manter durante três anos.

Os antigos dignos da seita Soto do Zen faziam os alunos cultivar a absorção no relativo e no absoluto durante três anos após verem a natureza. A absorção no relativo e no absoluto é o que eu chamo de prática de verão. Em suma, os antigos dignos, cada um à sua maneira, cultivavam calmamente a prática de forma gradual, a partir do fundamental.

Dito isto, se investigares exemplos antigos e assim por diante nesta conjuntura, quando ocorre algum alvoroço no peito com uma sensação de alegria, então ficas à deriva e as faculdades para o Caminho perdem-se naturalmente. É como se alguém pretendesse ensinar várias artes e ofícios a crianças, e acabasse por as espancar e bater até à morte. Este é um ponto essencial para os praticantes. Se violares este regulamento estrito, não és meu colega.

Como *A Lâmpada Imorredoura do Zen* ilustra, a questão do *timing* subjaz à organização sistemática das escrituras budistas em termos de fases de desenvolvimento pessoal e educação recetiva. A compreensão do tempo em termos de estados mentais e experiências também explica a ênfase Zen na prescrição individual para a máxima eficiência de ensinamentos e práticas. Por esta razão, a metodologia de Torei inclui tanto o alcance extensivo e a acomodação, como o rigor intensivo e a exclusão. Este tratado inclui, portanto, uma vasta gama de ensinamentos budistas Zen, desde os mais abertos e acessíveis aos mais arcanos e esotéricos, permitindo que todos, desde o principiante absoluto ao praticante avançado, beneficiem do seu encorajamento e instrução.

1. *Shumon mujinito ron. Shumon é uma palavra tradicionalmente usada para as escolas Zen; deriva de um termo no Lankavatara-sutra, uma das fontes escriturais do Zen, distinguindo duas formas de comunicação e compreensão: através da fonte (shu) e através da explicação (setsu). Mujin significa “infinito”, “inesgotável”, e assim por diante; aqui, usado para qualificar a “lâmpada” do Zen, escolheu-se imorredoura no que respeita à natureza testamentária da obra, como algo que transcende a antecipada morte prematura do autor, e o seu dever de transmitir a luz do Zen.*

PREFÁCIO

Se queres ler este tratado, fá-lo do princípio ao fim, penetrando minuciosamente em cada ponto. Não escolhas apenas um dito ou um capítulo que seja do teu agrado e consideres isso como o correto.

Primeiro, distingue a fonte da nossa escola, que tem o seu significado especial.

Em seguida, conheça a fé e a prática. Terceiro, distinga os erros do pequeno conhecimento e das pequenas visões. Quarto, é necessário saber que ver a natureza real e verdadeiramente reside totalmente na grande dúvida e na grande fé, e nenhuma discriminação intelectual é aplicável — quando chega a hora, ocorre naturalmente. Este reino é a raiz da substância de todo o tratado. O fenómeno de ver a natureza é fácil de clarificar, mas difícil de usar plenamente tanto na ação como no repouso, tanto em circunstâncias adversas como favoráveis. Por favor, foca-te ainda mais intensamente quando chegares aqui, pois, de outro modo, os ensinamentos verbais dos Budas e Mestres reduzir-se-ão a meras palavras e não serão métodos reais e vivos. Quando tiveres verdadeiramente desenvolvido uma base, continuamente atento, presente em todas as situações, só então poderás penetrar nos ditos.

Quinto, testa sempre a aplicação quotidiana, valorizando apenas a continuidade da atenção plena correta. A aplicação da prática varia em profundidade e refinamento; estas distinções são extremamente difíceis de discernir. Para aprender sobre elas, examina cuidadosamente os ditos dos Budas e Mestres; tens absolutamente de refletir sobre os seus pontos subtis. A isto chama-se o olho que penetra as barreiras.

Sexto, após teres passado pelas fechaduras dos Budas e Mestres uma a uma, acredita profundamente que existe uma experiência para além dos Budas e Mestres, e cultiva cada vez mais, pratica cada vez mais, nem sequer penses em recuar. Este assunto não é de modo algum fácil. Apenas olha para a realidade em ti mesmo; pesquisa as histórias impenetráveis dos antigos repetidamente — a mensagem essencial transmitida pelos mestres Zen jaz aqui escondida. Ainda assim, se não for pelo treino de um mestre iluminado, como poderás obter quaisquer resultados?

Sétimo, dependendo da profundidade da visão e do grau de perícia na aplicação, há diferenças enormes no poder e na função libertados. Esta é a razão pela qual pessoas com as mesmas visões e as mesmas práticas, tanto agora como antigamente, apresentam diferenças nas suas virtudes.

Oitavo, o que é recebido do mestre, inspirando gratidão pelo ensinamento, é algo a que não deves voltar as costas, mesmo à custa da tua vida. Quando incluis a gratidão pelas conquistas de sucessivas gerações de mestres Zen, cada um igual, nenhuma quantidade de esforço é adequada

para a retribuir. Apenas produzindo um ou dois sucessores genuínos poderás retribuir qualquer parte dessa dívida.

Nono, quer oculto numa floresta ou oculto numa cidade, em todos os eventos e todos os lugares, considera apenas o desenvolvimento como de importância primordial; não te deixes arrastar pelo foco confuso nas coisas do mundo, mas observa os modelos de atenção dos antigos.

Décimo, “circulação” significa todo o processo de cultivo e prática. Primeiro desenvolves a determinação baseada nisto, depois cultivas a prática baseada nisto, procuras as subtilezas da diferenciação baseada nisto, fazes uma vida para além da convenção baseada nisto, agarras as garras e presas da caverna do ensinamento e usas o talismã miraculoso que tira a vida. Com capacidades espirituais desobstruídas, fluidas e independentes, entras tanto no grosseiro como no fino, tanto no real como no convencional, para produzir um ou dois sucessores genuínos, para criar uma lâmpada perpétua que ilumina o mundo. A superabundância de luz difunde-se a todos, trazendo benefício sem fim, fazendo de todas as formas de vida a tua morada vida após vida, geração após geração, independentemente libertado, concedendo benefício livremente.

Tudo isto é produzido pelo treino e refinamento repetidos desta subtileza para além da convenção, cultivada após a realização. Apenas com tal fé e resolução, tal desenvolvimento e maturação, podes ser chamado um budista.

Depois de a minha percepção estar totalmente desenvolvida, eu ainda não tinha dominado as subtilezas de diferenciação dos antigos, por isso permaneci em reclusão por mais de cem dias de cultivo intenso. Um sentido de vergonha e determinação penetrou os meus ossos e medula. Embora tivesse alcançado o meu objetivo, porque não tinha cuidado da minha saúde física e tinha sobrecarregado a minha mente, os meus órgãos internos ficaram todos sob stresse, resultando numa doença grave.

Posteriormente, embora tenha relaxado para cuidar disto, não foi de modo algum fácil de curar. Fui sujeito a males externos, ou perturbado por relações mundanas, e sofri no leito de dor por três vezes; assim que melhorava, adoecia novamente. Isto continuou por três anos. Os médicos desistiram de mim, dizendo-me que, mesmo que recuperasse desta doença temporariamente, não me restariam mais de três ou quatro anos de vida.

Nesse ponto, refleti que a minha vida não valia a pena ser lamentada. Apenas lamentei o facto de ainda não ter cumprido o meu voto original de ajudar-me a mim mesmo e ajudar os outros, e de ter passado por toda esta provação em vão. Finalmente, emulei o Mestre Canónico Seng Zhao,¹ que escreveu um tratado enquanto aguardava a execução, e apressadamente apresentei esta exposição. Sentado numa almofada dia e noite com materiais de escrita ao meu lado, escrevi o que me vinha à mente, completando um manuscrito em apenas trinta dias. Chamo-lhe “Discurso sobre a Lâmpada Imorredoura do Zen”. Isto baseia-se no sentido de uma lâmpada que transmite a sua chama a centenas e milhares de lâmpadas, numa sucessão imorredoura de luzes.

Depois disto, sentei-me e deitei-me à vontade, deixando a minha vida ao destino. Senti então a doença a tornar-se cada vez mais leve dia após dia. Após outro meio ano, soube em mim mesmo que poderia sobreviver.

Por esta razão reconsiderei — se a minha doença tivesse sido terminal e eu tivesse apresentado este tratado ao meu velho mestre [Hakuin], ter-lhe-ia pedido que fizesse quaisquer pontos úteis de encorajamento duradouro para as pessoas posteriores, e se não tivesse nada de útil nele, entregá-lo-ia ao fogo. Agora que tinha sido capaz de superar esta doença, estando a pessoa viva presente, qual seria a utilidade de complicações mortas?

Nesse ponto, ia queimar o meu tratado, mas antes de o fazer, o meu velho mestre enviou-me pessoalmente uma carta, e eu voltei para o ver. Enquanto falávamos em privado, mencionei este tratado e acabei por lê-lo ao velho mestre. Ele disse que poderia ser uma ajuda para os estudantes mais jovens e proibiu-me firmemente de o queimar.

Sendo assim, guardei-o, no entanto, durante muito tempo. Agora, devido ao pedido urgente de crentes, não posso deixar de permitir que seja copiado. No entanto, escritos e ditos são uma base de libertação e também uma base de escravidão. Se dados à pessoa errada, ou na altura errada, até o *ghee* se transforma em veneno. Peço-vos que reflitam profundamente sobre isto e não deixem que este tratado seja lido pelas pessoas erradas ou na altura errada. Se violarem esta regra estrita, jamais serão meus camaradas. Especialmente porque estive muito doente e incapaz de editar e corrigir o manuscrito, como poderia este texto ser considerado definitivo? Só será adequado como um texto definitivo depois de eu ter oportunidade de o verificar novamente um dia.

1. *Seng Zhao (374–414) foi um discípulo do famoso tradutor Kumarajiva. Ver The Blue Cliff Record, caso 40.*

1

A FONTE DO ZEN

Quando o Grande Iluminado Honrado pelo Mundo nasceu, deu sete passos em todas as direções, apontou para o céu com uma mão e para a terra com a outra, e disse com o rugido de um leão: “Nos céus acima e na terra abaixo, apenas eu sou honrado.” Tsk! Ele acabou por revelar uma experiência. Yunmen disse: “Se eu o tivesse visto naquela altura, tê-lo-ia matado com um golpe do meu cajado e dado a sua carne aos cães, para que o mundo pudesse estar em paz.”

Ying-an trouxe isto à colação e disse:

Isto é uma partícula de veneno trazida ao nascer; Yunmen é afetado por ela, por isso sabe ao que se reduz, traz o assunto e usa-o apropriadamente. Se isto fosse tudo o que houvesse, o ensinamento do Buda teria morrido; por isso ele acabou por demonstrar um modelo disso — saindo de casa para praticar austeridades, indo depois para as Montanhas dos Himalaias e sentando-se direito durante seis anos, e então realizando subitamente o grande despertar numa noite, após o que exclamou: “Que maravilhoso! Todos os seres vivos têm inerente neles o conhecimento e as virtudes daqueles que chegam à realidade!”

Diz-se também que, uma vez que o Buda alcançou a iluminação, contemplou o universo e viu que as plantas, as árvores e as terras alcançam todas a budicidade. É verdade, mas que pena! Os princípios que ele realizou e os estados que experienciou, embora não estejam ao alcance da linguagem, foram provisoriamente reunidos — a isto chama-se o *Avatamsaka-sutra*. O ciclo fundamental de ensinamento, os discursos de toda a vida do Buda, repousam todos ali. Apenas aqueles de faculdades superiores o podem compreender, enquanto os medíocres e inferiores não estão à altura. É por isso que o Buda ensinou as quatro verdades no Parque dos Cervos, e a seguir explicou as doze causas e condições e as seis perfeições.¹ Estas são chamadas os três veículos.

Devido ao desequilíbrio doutrinário e à inferioridade de aspiração e prática, o Buda também expôs ensinamentos com censura equilibradora para quebrar esta limitação, comparando os dois veículos a raposas sarnentas.² A intenção era levar os estudantes do cânone a mudarem as suas atitudes para a universalidade e adotarem o Veículo Fundamental.

Assim, existe um Grande Veículo com doutrina distintiva; quando aqueles nos dois veículos o ouvem, perdem a vontade, enquanto os bodhisattvas avançam e descobrem o seu significado. Portanto, o *Sutra de Vimalakirti* diz: “Quando todos os discípulos ouvem este ensinamento de libertação inconcebível, o som do seu lamento abalará o universo. Todos os bodhisattvas aceitarão alegremente este ensinamento.”

Mais tarde, o Buda expôs repetidamente o ensinamento da visão profunda, o princípio purificador do vazio no qual os dois veículos e os três veículos, superiores e inferiores, se misturam. Isto é o que se refere como conduzir do pequeno vazio para o grande vazio, quebrando o falso vazio para alcançar o verdadeiro vazio.³

Após muitos anos assim, quando chegou o momento e o efeito amadureceu, o Buda articulou abruptamente o ensinamento completo e imediato das características da realidade. Ele simplesmente os encharcou com água suja, e os três veículos e as cinco naturezas entraram igualmente no Veículo Único da Budicidade.⁴ Mas, mesmo assim, entraram pela fé, não pelo seu próprio conhecimento, por isso receberam previsões para o futuro e não se disse que eram Budas imediatamente. Ele apenas queria que tivessem a mesma fé e prática do *Avatamsaka-sutra* e a mesma realização e penetração do *Nirvana-sutra*.⁵

Tremendo! O ensinamento do Buda é muito profundo, difícil de compreender totalmente. O mestre é o Domador da Humanidade com Dez Poderes, os estudantes são sábios e iluminados, por isso como poderiam os ensinamentos ser superficiais! A sua orientação indutiva foi também subtil, por isso cada indivíduo realizou a natureza verdadeira não afetada; cada um estabilizou-se na aceitação da realidade sem regressão.

Sendo assim, mesmo tendo feito tudo isto, ele tinha, no entanto, algo mais além. Mesmo no final, um dia, numa assembleia na Montanha do Espírito, ele ergueu uma flor perante a congregação. Ninguém na imensa multidão soube o que pensar disto, exceto o reverendo Kasyapa, que se

abriu num sorriso. O Buda disse: “Tenho o tesouro do olho da verdade, a mente subtil do nirvana, o ensinamento sem forma da realidade; confio isto ao Ancião Kasyapa.”

É por isso que a nossa escola tem uma vida distinta. A transmissão especial fora da doutrina não surgiu arbitrariamente. Brahma foi à Montanha do Espírito, apresentou uma flor de ouro ao Buda, e depois sacrificou o seu corpo para servir de cadeira, implorando que o Buda expusesse a verdade às multidões. O Buda sentou-se no assento e ergueu a flor; ninguém, pessoas ou deidades, soube o que pensar disto. Houve um asceta de rosto dourado que sozinho se abriu num sorriso. O Honrado pelo Mundo disse: “Tenho este tesouro do olho da verdade, que confio ao Ancião Kasyapa. Guarda-o bem.”

Mais tarde, Ananda perguntou ao Reverendo Kasyapa: “Além do manto de mangas douradas que o Buda te legou, o que transmitiu ele?” Kasyapa chamou por Ananda; Ananda respondeu imediatamente. Kasyapa disse: “Retira o mastro da bandeira à entrada.” Perante estas palavras, Ananda foi grandemente iluminado.⁶

A partir daí foi transmitido sucessivamente, o terceiro para Sonavasa, o quarto para Upagupta, o quinto Tirthika, o sexto Micchaka, o sétimo Vasumitra, o oitavo Buddhanandi, o nono Punyamitra, o décimo Venerável Parsva. O seguinte foi Punyayasa, o seguinte Asvaghosa, o seguinte Kapimala, o seguinte o *mahasattva* Nagarjuna, o seguinte Kanadeva, o seguinte Rahulata, o seguinte Sanghanandi, o seguinte Jayasata, o seguinte Kumarata, o vigésimo Jayata, o seguinte Vasubandhu, o seguinte Venerável Manora, o seguinte Haklena.

O vigésimo quarto, Sinha, transmitiu o olho da verdade a Vaisasita, e o manto da fé e o verso do ensinamento ficaram ainda mais frescos depois de a lenha se ter queimado.⁷ O seguinte foi Punyamitra, o seguinte Prajnatarā, e com a vigésima oitava transmissão chegou a Bodhidharma, que seguiu para a China e simplesmente transmitiu o selo da mente iluminada, mostrando este modo de quem usa o manto de retalhos durante nove anos no Pico das Poucas Casas do Monte Song.

O segundo patriarca, o Grande Mestre Ke, curvou-se três vezes e permaneceu no lugar. Primeiro cortou o seu braço e despertou; mais tarde obteve a medula e recebeu o manto.⁸

O terceiro patriarca chamava-se Sengcan. O quarto patriarca chamava-se Daoxin. Chegando ao quinto patriarca, Hongren, as escolas do sul e do norte dividiram o súbito e o gradual. A sexta geração a transmitir o manto foi Huineng, que era capaz de trabalho iluminado por virtude da sabedoria, originalmente analfabeto e ainda sem compreender o “Budismo”.⁹

Em Nanyue estava Huairang; em Qingyuan estava Xingsi: de Jiangxi e Hunan os seus descendentes encheram a terra.¹⁰ O grão de milho único do galo dourado, nenhuma estrada separada na China; o potro que foi enviado pisoteou todos na terra até à morte.¹¹ O Mestre Baizhang fez uma representação e depois pô-la de parte, e ficou surdo durante três dias. Huangbo, ao ouvir isto, deitou a língua de fora.¹² Jiangxi estabelecera o caminho da escola; Linji era o Rei Vajra, aplicando iluminação e função ao mesmo tempo; quem saberia que o olho verdadeiro do ensinamento pereceria num asno cego?¹³ A pitada de incenso de Xinghua trabalhou arduamente para proteger a sua posteridade.¹⁴

A paciência de Nanyuan sob o cajado não cedeu perante o seu mestre quando chegou a hora de agir.¹⁵ O gato de Fengxue era feroz, criado para se livrar de vermes.¹⁶ O método de segurança no topo de uma árvore não devia ser concedido a um cunhado.¹⁷ Qual era a coisa certa a dizer? Shoushan partiu abruptamente. Fenyang, o leão do Rio do Oeste, pegou num cajado e perseguiu Ciming, cujo alcance estava para além do sentido comum, enquanto este picava a sua coxa com um furador para continuar o caminho da escola.¹⁸

A bola de espinhos de Yangqi, apenas Baiyun a pegou e segurou.¹⁹ O Pavilhão do Grou Amarelo com um murro, a Ilha do Papagaio com um pontapé, mais espirituoso que o espirituoso, elegante entre os elegantes, uma vez que o Mestre Yan mordeu até ao fim, os cem sabores estavam todos lá.²⁰ Rompendo em suor por todo o corpo, estabeleceu o caminho da Montanha do Leste em grande escala.²¹ Yuanwu vigiou os seus passos, e ele sozinho aniquilou a nossa escola.²² Huqiu poupou algum dinheiro, mas ainda tinha garras e presas.²³ Com o martelo de Ying-an na parte de trás do cérebro, felizmente surgiu um pulso saudável.²⁴ A tigela de areia partida de Mi-an dormiu em paz em Miaoxi; o manto de transmissão acabou em Songyuan.²⁵ Com feijões pretos no caminho certo, a capacidade de Yun-an para tirar o manto foi entregue diretamente a Xutang.²⁶

Curvo a cabeça perante o Mestre Daio, primeiro patriarca do Mar do Leste [Japão]. Ele viajou duas vezes, e a proliferação da sua progénie foi vaticinada. A espada afiada de Murasakino, amolada por vinte anos, cortou as mãos e os pés dos Budas e Patriarcas, e depois foi levada por Kanzan, que declarou o carvalho como tendo o potencial de um ladrão.²⁷ Lidando unicamente com o transcendental, refinou-o por trinta outonos e encontrou um indivíduo, Juo.²⁸

A estabilidade de Muin foi um grande olho para o mundo inteiro; ele conseguiu arrebatat a pérola do dragão negro-azeviche.²⁹ Nippo iluminou o passado e o presente; o caminho da sua escola chegou a Giten.³⁰ O ensinamento era elevado e a sua operação ainda mais estrita. O damasco do Monte Heng deu frutos venenosos; fez-se um esforço intenso para dominar as duas maravilhas; feijões pretos foram misturados com um olho preciso para irritar os intestinos de quatro herdeiros.³¹

A capacidade natural de Toyo, com um tesouro inesgotável de frutos medicinais gelados, soprou na primavera de Taiga, com as fragrâncias de cem flores surgindo em nuvens; os seus métodos de ensino eram intransigentemente estritos, enquanto os seus ossos de votos protegiam a sua progénie.³²

A novidade de Koho foi proeminente, evitando a discussão perdida na selva.³³ Sensho era feito de ferro, passando por anos de tratamento severo; a personalidade feroz de Ian tinha o espírito de gastar sete almofadas sentado; Tozen foi excecional na sua prática.³⁴ O sol nasceu no céu matinal e no fim do dia escondeu-se numa montanha mediana.³⁵ Revelando metade do seu corpo no espaço vazio, desprezou a aprovação fácil encontrada em todo o lado. O seu ressentimento colocou o ónus num herdeiro: de vinte e quatro escolas, a maioria perdeu a sua transmissão, mas os descendentes do velho Gudo de Kanzan ainda existem hoje.³⁶

A espada de três pés de Munan matou completamente, não deixando um corpo; Shoji arrancou-a e poliu-a por quarenta anos.³⁷ O seu quarto secreto era hermético; ele extirpou as subtilezas dos Budas e Patriarcas. Prendeu o nosso Kokurin, cujo corpo inteiro sofreu dores venenosas.³⁸ Sem vós, o estilo sectário favorecendo a propagação teria sobrecarregado os descendentes para sempre — onde cessaria alguma vez a vossa repreensão irada?³⁹ Para resolver as vossas dúvidas sobre isto, listei

mestres de sucessão autêntica. Não tenho forma de saber sobre as doutrinas herdadas noutros lugares.⁴⁰

PERGUNTA: Se nem mesmo o milhão de sábios e iluminados do tempo do Buda conseguiram compreender, e apenas Kasyapa se abriu num sorriso, por que razão tantos compreenderam após a extinção do Buda?

RESPOSTA: Aqueles que entraram por meio de veículos doutrinários tinham muitas obstruções intelectuais, que se colaram à sua pele e aderiram aos seus ossos, por isso não puderam experienciar a libertação. Aqueles que entraram através do Zen nunca estabeleceram objetos intelectuais, por isso, assim que o aplicavam na prática, era fácil desapegarem-se de objetos intelectuais.

PERGUNTA: Então por que razão o Buda não ensinou primeiro o Zen, em vez de expor tantos veículos doutrinários?

RESPOSTA: Quando o Buda surgiu pela primeira vez no mundo, a fé das pessoas era ainda imatura, e na Índia havia inúmeros outros caminhos, cada um com diferentes doutrinas, e todo o tipo de mal-entendidos. Se o Buda não tivesse exposto os veículos doutrinários, talvez ninguém tivesse acreditado. Portanto, o *Sutra do Lótus* diz: “Refleti que, se eu apenas recomendasse o veículo da budicidade, as pessoas submersas no sofrimento não seriam capazes de acreditar neste ensinamento. Como repudiarão o ensinamento e descrerão dele, cairão nos três estados de miséria.”⁴¹

Agora, embora os estudantes de Zen não estabeleçam um veículo doutrinário, usam primeiro as doutrinas como objetos de fé e fazem delas bases de prática. O sutra proferido por Vimalakirti diz: “Apenas livra-te da doença, não descartes o ensinamento.” Vistos na perspetiva correta, os cinco períodos, oito doutrinas, três veículos e o veículo único são igualmente a experiência única de transcendência progressiva do mestre Zen, sem lugar para enfiar o teu bico.⁴²

PERGUNTA: Existe um ensinamento chamado empoderamento miraculoso de Vairocana, que trata as virtudes simbólicas de forma esotérica. O que tens vindo a salientar revela o grande princípio de extinguir os sentimentos. Como se compara o ensinamento esotérico ao Zen?

RESPOSTA: O ensinamento do Buda sobre o *samadhi* experienciado por si mesmo pode ser ilustrado por explicações metafóricas, mas ele ainda temia que as pessoas não compreendessem, por isso também usou um expediente muito compassivo ao apresentar estas formas simbólicas. Assim, quando falava de princípio, ele transcendia tudo por completo, e a sua apresentação dos fenômenos estava em místico acordo com as características da realidade. A personificação da realidade é considerada o mestre; os ensinamentos que se diz serem inerentes à natureza são as características da exposição. Uma esfera de objetos é chamada de mandala; esta é a representação esotérica do Buda das qualidades do corpo da realidade por meio do empoderamento miraculoso.

Em tempos antigos, o grande Nagarjuna foi à imensa estupa de ferro do Sul, onde empoderou sete sementes brancas e atirou-as contra ela. A porta da estupa abriu-se subitamente e Nagarjuna ia entrar, mas os quatro reis guardiões impediram-no. Ele curvou-se e pediu desculpa, e conseguiu finalmente entrar. Então, o Bodhisattva Vajrapani transmitiu-lhe ensinamentos. Nagarjuna memorizou-os, saiu e depois compilou-os. Eles têm sido transmitidos até ao presente.

“Sul da Índia” significa pureza de consciência aberta; a “estupa de ferro” significa ignorância básica. Os “sete grãos” significam os sete ramos da iluminação;⁴³ “branco” significa pureza. Uma “semente” significa um momento de pensamento. “Empoderamento” significa consciência contemplativa. A “abertura da porta da estupa” significa a obtenção do *samadhi*. “Obstrução pelos quatro reis” significa que se é guardado nos quatro lados pelo sentido de deleite em alcançar algo, por isso ainda há separação da natureza inerente.

“Curvar-se e pedir desculpa” significa desapegar-se do corpo e entregar a vida. “Ganhar entrada” significa realização inicial. “O Grande Sol [Buda Vairocana]” significa a natureza inerente; os ensinamentos esotéricos são os ensinamentos presentes na natureza inerente, por isso diz-se que são expostos espontaneamente. “Vajrapani” representa o conhecimento alcançado depois. “Transmissão” significa compreensão total. Memorizar significa nunca o perder depois de o ter alcançado. “Sair” significa que os bodhisattvas não permanecem no estado que realizam; significa que ajudam outras pessoas.

Se fores capaz de observar a ignorância básica na mente clara de consciência aberta usando o pensamento puro dos sete ramos da iluminação, então a ignorância subitamente romper-se-á e a natureza inerente aparecerá. Nesta altura, por te agarrares alegremente a um sentido de ter alcançado algo, não consegues ver através da tua própria natureza. Apenas quando te desapegas do ganho e da perda, e da afirmação e da negação, tudo de uma vez, é que vês através da tua própria natureza. Inumeráveis ensinamentos são evidentes em todo o lado perante os teus olhos, mas se não os compreenderes por meio do conhecimento adquirido depois, não podes conhecer os elementos distintos do estado de iluminação.

Assim, a capacidade de compreender os ensinamentos é toda produzida pelo conhecimento alcançado depois.⁴⁴ Uma vez que tenhas visto através desta verdade, então todas as tuas atividades, mesmo as casuais, são o Grande Caminho, são todos ensinamentos. A isto chama-se a mente com ornamentos secretos, porque não é a experiência de outro.⁴⁵

As pessoas posteriores não compreenderam isto e erroneamente criaram formas representativas. Se queres dominar este ensinamento, primeiro precisas de ver a natureza. Se queres dominar este ensinamento sem ver a natureza, não será possível. Não digo que as doutrinas exotéricas e esotéricas estejam todas erradas, mas elas estão apenas na estrada a discutir o estado subtil da iluminação sem serem capazes de o experienciar em si mesmas.⁴⁶ Não conseguem sequer alcançar o corpo da realidade, quanto mais o que está além do corpo da realidade. Por esta razão, os veículos doutrinários apenas discutem o perto e o longe da estrada, enquanto o Zen aponta imediatamente para além da estrada. Os veículos doutrinários falam remotamente de alcançar o estado subtil da iluminação, enquanto o Zen testa diretamente a verdade da iluminação.

Supõe, por exemplo, que um indigente fala sobre a riqueza de uma família rica. Ele pode falar dela tão bem quanto possível, mas não pode gastá-la ele próprio. Portanto, que utilidade tem ela para ele? É como plebeus a falar sobre a nobreza dos reis. Podem falar dela tão bem quanto possível, mas continuam a ser plebeus. Se querem a nobreza dos reis ou a riqueza dos ricos, é melhor obterem-nas por si mesmos.

Quando estás à procura, não prestas atenção à nobreza dos reis ou à riqueza dos ricos, apenas consideras os teus próprios recursos e testas a tua própria nobreza. À medida que a procuras, define-la, aumentando e

avanzando conforme podes. É por isso que o progresso e a prática podem ser muito diferentes, mesmo que a intenção seja a mesma.

Se praticares as instruções das escrituras, ficas muitas vezes a pairar sobre os rastros dos ensinamentos — quando experienciarás a libertação? É como o caso de um mercador que guarda as condições sob as quais outros obtiveram lucros, mas perde ele próprio as oportunidades e, assim, não obtém lucro algum. Não existem condições para lucrar — é o ganho que é valorizado. É como um general que mantém as condições sob as quais outros foram bem-sucedidos, mas perde ele próprio as oportunidades e, assim, não alcança o sucesso. O sucesso não tem condições — é a conquista que é valorizada.

Não digo que não existam condições de todo, apenas que estas não devem ser seguidas dogmaticamente. Primeiro descobre a intenção subjacente, reconhece o que é expediente, observa as mudanças de acordo com os tempos, aceita ou deixa de acordo com a adequação. Na nossa escola Zen, não confiamos nos rastros da doutrina, mas temos um objetivo especial. Lidar com as pessoas de acordo com o seu potencial, livremente, sem impedimento, também é assim.

Se queres obter todas as riquezas dos abastados, primeiro deves regressar ao magnata da tua própria mente; então um tesouro inesgotável de ensinamentos virá naturalmente parar às tuas mãos. Se queres alcançar toda a nobreza dos reis, primeiro deves apelar ao rei da tua própria mente, e a nobreza insuperável acabará por recair sobre a tua pessoa.

Desde tempos antigos, tem havido entre os devotos da doutrina aqueles que compreenderam desta forma, por isso aqueles que entraram por via da doutrina não foram poucos. Agora não é de todo assim. Mesmo que o que discutam possa esgotar maravilhas e sondar mistérios, eles repudiam os dois veículos e rejeitam veículos provisórios; discutem sobre parcialidade versus completude, exoterismo versus esoterismo. Após exame, porém, eles não conseguem sequer alcançar as realizações dos dois veículos, muito menos o estado de bodhisattva — quando é que alguma vez sonharam com o Veículo Único da budicidade? Onde estão o parcial e o completo, o exotérico e o esotérico?

A nossa escola Zen não é assim. Transcendendo diretamente os expedientes, meditando intensamente, assim que obtemos a essência, então

os ensinamentos exotéricos e esotéricos do Buda aparecem todos de uma vez. Então atravessamos uma série de barreiras fortes, voltamos e lemos escrituras e tratados, que agora parecem ter sido expostos por nós próprios. Depois, arrasamos a floresta da sabedoria, derrubamos o local da iluminação, destruimos o transcendental e cortamos o pulso dos Budas e Patriarcas. Exotérico e esotérico — que fantasias ociosas são estas? Até o corpo da realidade e o corpo da sabedoria ainda têm de se retirar do universo!

1. *Ver The Flower Ornament Scripture, livro 8, para um tratamento abrangente das quatro verdades; The Flower Ornament Scripture, pp. 745–48, para as doze causas e condições; e Buddhist Yoga, pp. 75–76, para as seis perfeições.*
2. *“Os dois veículos” refere-se a sistemas baseados nas quatro verdades e doze condições, cujo objetivo é o nirvana ou libertação individual. A negatividade associada a este termo refere-se à relativa estreiteza deste objetivo em comparação com o do bodhisattva, que se esforça pela iluminação completa para si e para os outros.*
3. *Aqueles nos dois veículos menores contemplam o vazio da pessoa, enquanto aqueles no terceiro veículo, os bodhisattvas, contemplam o vazio tanto da pessoa como dos fenómenos.*
4. *As “cinco naturezas” referem-se às psicologias associadas aos três veículos, mais as de natureza indefinida e aquelas sem tal natureza.*
5. *Isto refere-se ao Mahaparinirvana-sutra do Mahayana, a Escritura do Grande Falecimento, não ao Nibbana-sutta em Páli.*
6. *Para uma interpretação desta história e das histórias de sucessão dos mestres cujos nomes se seguem, ver Transmission of Light.*
7. *Sinha foi condenado à morte por um rei anti-budista; a lenha refere-se à sua cremação.*
8. *Ver Transmission of Light para estas histórias sobre o segundo patriarca.*

9. Um ditado clássico do Zen afirma que Huineng recebeu o manto que significa a transmissão do mestrado Zen porque não compreendia o Budismo, apenas compreendia o caminho. Isto significa que ele não compreendia a doutrina como um objeto intelectual, mas como um guia para a prática. Ver *The Sutra of Huineng: Grand Master of Zen*.

10. Nanyue, ou Pico do Sul, é o epíteto da mais meridional das cinco montanhas sagradas da China. Muitos budistas e taoistas viveram ali. Para Huairang (677–744) e o seu famoso discípulo Mazu (709–88), que é aqui referido como Jiangxi devido à região onde ensinou, ver *The Blue Cliff Record*, pp. 566–67. Para o ensinamento de Mazu, ver *Teachings of Zen*, pp. 7–11. Para Xingsi de Qingyuan (660–740), ver *Book of Serenity*, caso 5. Hunan, também um nome de lugar, refere-se aqui ao grande discípulo de Xingsi, Shitou (700–790). Para o ensinamento de Shitou, ver *Timeless Spring*. Mazu e Shitou eram referidos no seu tempo como as Duas Portas da Imortalidade, e a maioria dos mestres Zen clássicos descendia das suas escolas.

11. “O grão de milho do galo dourado” refere-se a uma previsão de Prajnatarā, o mestre de Bodhidharma, que trouxe o Zen para a China; o potro enviado refere-se a uma previsão de Huineng (638–713), o mestre de Huairang, sobre Mazu, cujo apelido significa “cavalo”.

12. Ver *The Blue Cliff Record*, casos 11 e 53.

13. Linji pronuncia-se Rinzai em japonês; o Zen Rinzai tem o nome do mestre Linji (m. 867). Ver *The Blue Cliff Record*, pp. 590–94; “Zen Master Linji” em *Zen Essence*; e “The House of Linchi” em *The Five Houses of Zen*. O “asno cego” refere-se ao sucessor de Linji, Sansheng (data desconhecida), que compilou o clássico Linji lu (Registo de Linji). Para esta história, ver *Book of Serenity*, caso 13.

14. Xinghua (830–88) é considerado um sucessor de Linji. A “pitada de incenso” refere-se ao respeito.

15. Nanyuan (860–930) foi um sucessor de Xinghua. Ver *The Blue Cliff Record*, comentário ao caso 38, para esta alusão.

16. Fengxue (896–973) sucedeu a Nanyuan. Ver *The Blue Cliff Record*, casos 38 e 61.
17. Isto alude a um verso de Fenyang (947–1024), sucessor do sucessor de Fengxue, Shoushan (926–93), mencionado a seguir nesta lista. Para o ensinamento de Fenyang, ver “Zen Master Fenyang” em *Zen Lessons*; e *The Blue Cliff Record*, pp. 638–41.
18. Ciming (986–1039) foi o sucessor de Fenyang. Costumava manter-se acordado durante as vigílias de meditação picando-se com um furador.
19. Yangqi (992–1049) sucedeu a Fenyang. Baiyun (1025–72) sucedeu a Yangqi. Para os ensinamentos de Yangqi, ver “Zen Master Yangqi” em *Zen Essence*. Para Baiyun, ver *Zen Lessons*, casos 29–33.
20. O Mestre Yan é Wuzu Fayan (1024–1104), sucessor de Baiyun. Ver *Zen Lessons*, casos 18–28; “Zen Master Wuzu” em *Zen Essence*; e *Unlocking the Zen Koan*, caso 45.
21. A escola de Wuzu era chamada de escola da Montanha do Leste devido à sua localização.
22. Yuanwu (1083–1135) sucedeu a Wuzu. Yuanwu é o comentador do clássico *The Blue Cliff Record*. Para as cartas de Yuanwu, ver *Zen Letters*. Ver também *Zen Lessons*, casos 80–87; “Zen Master Yuanwu” em *Zen Essence*; e “Yuan-wu, Essentials of Mind” em “*The House of Lin-chi*”, *The Five Houses of Zen*.
23. Huqiu (1077–1136) sucedeu a Yuanwu.
24. Ying-an (m. 1163) sucedeu a Huqiu. Ver “Zen Master Ying-an” em *Zen Lessons*; e *The Pocket Zen Reader*, pp. 76, 83–89, 92–93, 131–32, 157–59.
25. Para Mi-an, ver “Zen Master Mi-an” em *Zen Essence*. “Miaoxi” refere-se a Dahui (1069–1163), um sucessor de Yuanwu, que foi chamado de uma segunda vinda de Linji; ver “Zen Master Dahui” em *Zen Essence*, e *Zen Lessons*, casos 145–49; as famosas cartas de Dahui estão traduzidas por J. C. Cleary em *Swampland Flowers*. Songyuan (1139–1209) estudou com Ying-an e Dahui, mas acabou por suceder a Mi-an.

26. *“Feijões pretos” é calão Zen para palavras escritas; ter “feijões pretos no caminho certo” significa dominar tanto o Zen como os ensinamentos canônicos. Yun-an (1156–1226) sucedeu a Songyuan; Xutang (1185–1269) sucedeu a Yun-an. Xutang foi o mestre do Mestre Nacional japonês Daio, que viajou para a China para estudar e trouxe esta linhagem de Zen para o Japão; ver “National Teacher Daio’s Letters to Meditators” em The Original Face.*

27. *“A espada afiada de Murasakino” refere-se ao sucessor de Daio, Daito (1282–1337), cujo sucessor, por sua vez, foi Kanzan (1277–1360); todos estes três mestres foram designados “mestres nacionais”, um título para mestres de imperadores, e esta linhagem é referida pelas segundas sílabas dos seus nomes honoríficos, como a escola de Zen O-To-Kan. O ensinamento de Kanzan é apenas conhecido por um único verso, sobre a história antiga na qual um estudante pergunta a um mestre famoso o significado vivo do Zen, e o mestre responde: “O carvalho no jardim”; dizer que isto tem “o potencial de um ladrão” é um aviso para não deixar a percepção especular do ser-tal-como-é transformar-se em absorção nos objetos.*

28. *Juo Sohitsu (1296–1380), sucessor de Kanzan.*

29. *Muin Soin (1326–1410) sucedeu a Juo Sohitsu.*

30. *Nippo Soshun (1368–1448) sucedeu a Muin; foi sucedido por Giten Gensho (1393–1462).*

31. *“O damasco do Monte Heng” refere-se à escola ancestral do Zen na China. O termo “as duas maravilhas” provém da escola Tendai, descrevendo o Hokke ou Lotus-sutra; “as duas maravilhas” são a relativa e a absoluta: como é introduzido para expandir mentes, o ensinamento do Lótus é chamado maravilhoso em comparação com os ensinamentos que o precederam; esta é a maravilha relativa. Como absorve os outros ensinamentos numa unidade total, não há mais comparação; esta é chamada a maravilha absoluta. “Feijões pretos misturados com um olho preciso”, como um análogo anterior desta expressão, refere-se ao domínio combinado do Zen e dos ensinamentos canônicos, tal como*

a alusão precedente ao estudo dos ensinamentos Tendai. “Quatro herdeiros” refere-se a quatro sucessores do último Mestre Giten mencionado, entre os quais estava o seguinte mencionado, Toyo Eichō (1428–1504).

32. *Taiga é o Mestre Zen Taiga Tankyō (data desconhecida).*

33. *Kohō é o Mestre Zen Kohō Genkū (data desconhecida).*

34. *Senshō é o Mestre Zen Zenshō Zuishō (data desconhecida). Ian é o Mestre Zen Ian Chisatsu (data desconhecida); a descrição do seu espírito refere-se a um famoso mestre chinês que se sentou em meditação tanto tempo que gastou sete almofadas antes de alcançar a iluminação. Tozen é o Mestre Zen Tozen Soshin. (Foi identificado com Sekkō Soshin [1408–86], mas isto é problemático. Este último foi um sucessor de Muin Soin [1326–1410], uma figura anterior na linhagem.)*

35. *Isto refere-se ao Mestre Zen Yozan Keiyo (1559–1629). A referência ao “fim do dia” alude ao declínio do Zen até quase à extinção, e o esconder do sol alude à obscuridade deste mestre Zen.*

36. *Gudō Toshoku (1577–1661) sucedeu a Yozan. A referência às “vinte e quatro escolas” é uma alusão a um verso famoso do próprio Gudō, ao assumir o cargo de abade de Myōshinji, sugerindo que a sua era a única das vinte e quatro linhagens Zen originais no Japão a sobreviver.*

37. *Munan (1603–76), um dos muitos sucessores de Gudō, era um samurai e, no seu ensinamento, usava frequentemente metáforas da espada, de matar e aniquilar o corpo para representar a transcendência Zen; estudou Zen como leigo durante trinta anos, depois saiu de casa e tornou-se monge aos cinquenta e dois anos. “Shōju” significa “percepção precisa” e é um termo técnico budista para o samadhi correto, comumente traduzido como “concentração” ou “absorção”; este era o nome da ermida onde vivia o sucessor espiritual de Munan, Dokyō Etan (1642–1721), e é também o epíteto pelo qual é vulgarmente chamado, Shōju Rojin, significando a última componente “homem velho”.*

38. *Kokurin é o Mestre Zen Hakuin (1685–1768), considerado o revitalizador do Zen Rinzai, de quem todas as linhagens Rinzai modernas reivindicam descendência. Hakuin relata tratamentos severos às mãos de Shōju, e ficou seriamente doente por excesso de esforço, tal como o autor deste tratado, ele próprio um dos discípulos de Hakuin. O “tu” no que se segue refere-se a Hakuin.*

39. *“Propagação” significa ênfase na doutrina e não na iluminação.*

40. *Aqui “teu” refere-se a um interlocutor, portanto ao leitor. A recitação da linhagem era um ritual que se desenvolveu em culturas confucionistas, mas o significado esotérico é focar a consciência no contínuo de consciência subjacente a estados mentais sucessivos.*

41. *“Os três estados de miséria” representam personificações dos chamados três venenos: ganância, agressão e loucura.*

42. *“Os cinco períodos” referem-se a cinco fases do ensinamento do Buda, tal como calculadas na escola Tendai: primeiro é o período Avatamsaka, quando o Buda supostamente expôs tudo de uma vez no Flower Ornament Scripture; virtualmente ninguém compreendeu, por isso o segundo período, chamado período do Parque dos Cervos, representa ensinamentos de remediação, o chamado Veículo Menor que conduz ao nirvana; no terceiro período, chamado período Universal, o Buda repreende a estreiteza daqueles que se agarram ao nirvana e volta a atenção para o Veículo Maior da iluminação universal; o quarto período, nomeado pelas escrituras da Perfeição da Visão Profunda, foca-se no ensinamento do vazio, eliminando apegos ao dogma; o quinto período é nomeado pelas Escrituras do Lótus e do Mahaparinirvana, nas quais o Buda revela o Dharma como uma realidade eterna. As oito doutrinas é também uma construção Tendai: a primeira é chamada doutrina canônica, focando-se na obtenção do nirvana; a segunda é chamada doutrina comum, focando-se no vazio; a terceira é chamada doutrina separada, dirigida apenas a bodhisattvas; a quarta é chamada doutrina completa, dirigida a bodhisattvas das*

mais elevadas faculdades; as quatro seguintes referem-se a modos de ensino — primeiro é súbito, segundo gradual, terceiro secreto e quarto indefinido. Os três veículos referem-se a ensinamentos para ouvintes, iluminados individuais e bodhisattvas.

O Veículo Único refere-se aos ensinamentos abrangentes, como os encontrados nos sutras da Guirlanda de Flores e do Lótus.

43. *Os “sete ramos (ou membros) da iluminação” são discernimento, energia, alegria, alívio, renúncia, estabilidade e atenção plena.*

44. *Isto é, após a realização da natureza intrínseca.*

45. *“A mente com adornamentos secretos (ou esotéricos)” é o termo usado para a experiência culminante do Budismo Shingon.*

46. *Referindo-se à redução destas escolas doutrinárias a formalidades acadêmicas e rituais.*

FÉ E PRÁTICA

No livro sobre a “Manifestação do Realizado”, na Escritura da Guirlanda de Flores, diz-se:

“O conhecimento daqueles que chegam à realidade alcança toda a parte. Porquê? Porque não existe um único ser que não possua o conhecimento daqueles que chegam à realidade; acontece apenas que eles não o conseguem realmente realizar devido às ilusões e fixações de ideias falsas. Se se desligassem das ideias falsas, todo o conhecimento, o conhecimento espontâneo e o conhecimento sem obstáculos poderiam manifestar-se plenamente. É como se existisse uma escritura do tamanho do universo, registrando tudo o que existe no universo, completamente contida num átomo; e, tal como num átomo, assim em todos os átomos.

Ora, há alguém com visão clara e exata que desenvolveu plenamente a clarividência pura e vê esta escritura dentro dos átomos, onde ela não traz qualquer benefício às pessoas, e reflete: ‘Devo esforçar-me por abrir todos e cada um dos átomos para libertar esta escritura e permitir que todas as pessoas em toda a parte beneficiem dela.’ O conhecimento daqueles que chegam à realidade é também assim: infinito, onnipresente, com potencial para beneficiar seres em toda a parte.”

Então o Realizado observou todos os seres vivos do cosmos com o olho do conhecimento puro e desimpedido e pronunciou estas palavras:

“Que maravilhoso! Que estranho! Como é possível que estes seres possuam o conhecimento daqueles que chegam à realidade e, contudo, na ignorância e na insensatez, não o conheçam nem o vejam? Devo ensinar-lhes o Caminho dos sábios, para que possam libertar-se para sempre das fixações das ideias falsas e realmente percebam em si mesmos o vasto conhecimento daqueles que chegam à realidade, em nada diferente do dos Budas.”

Então ensinou as pessoas a praticarem o nobre caminho para que se desligassem das ideias falsas, e elas realizaram o conhecimento infinito daqueles que chegam à realidade, o qual beneficia e consola todos os seres vivos.

A Escritura Abrangente da Consciência Completa diz:

“Todos os seres vivos experimentam a consciência completa. Quando encontram mestres, dependendo dos princípios e práticas que tomam como base, a sua prática pode ser imediata ou gradual; mas, se encontrarem a via correta para praticar a iluminação suprema daqueles que chegam à realidade, então todos alcançam a budeidade, independentemente de as suas capacidades serem grandes ou pequenas.”

Se quiseres dominar este caminho, primeiro precisas da faculdade da grande fé. O que é a faculdade da fé? Significa fé na inerência da natureza da mente e no conhecimento imensurável de todos os Budas; fé em que aqueles que a cultivam a realizarão, independentemente da magnitude do seu potencial ou do grau da sua inteligência; fé em que, à medida que o poder da concentração se desenvolve, vários estados ocorrerão e, se os tomares por iluminação, cairás nas categorias dos dois veículos ou dos outsiders; fé em que, quando chegar o momento e o esforço tiver sido suficiente, a natureza iluminada surgirá subitamente, sem recurso à discriminação intelectual; fé em que, mesmo que a natureza iluminada surja subitamente, se não encontrares um mestre e não atravessares múltiplas barreiras, terás desperdiçado a tua vida; fé em que, mesmo que atraveses múltiplas barreiras e alcances a essência do Zen, o último aspeto da transcendência progressiva da nossa escola possui uma vida distinta; fé em

que, mesmo que alcances essa experiência ulterior, o poder e a função não são iguais, dependendo da aplicação individual e envolvendo muitos detalhes; fé em que a sucessão de mestres tem uma razão de ser e os esforços para continuar o verdadeiro Zen não devem ser negligenciados; fé em que cada vida daqui em diante é uma única coisa: o cultivo do Caminho; fé em preservar a experiência da transcendência progressiva e transmiti-la ao futuro, sem permitir que desapareça.

Quando tiveres desenvolvido deste modo uma mente resoluta, poderás fazer grandes votos: votar nunca desistir até alcançares uma visão penetrante da natureza essencial; votar permanecer para sempre afundado antes de alimentar um único pensamento de recuo; votar ir para o inferno antes de seres enganado pelos ensinamentos populares e antes de aceitares estados visionários, caindo assim nas opiniões dos dois veículos ou dos outsiders; votar realizar eternamente os atos dos bodhisattvas uma vez obtida a visão penetrante da natureza essencial; votar não desistir sem compreender cada um dos ensinamentos verbais dos Budas e Mestres; votar não desistir sem penetrar a transcendência progressiva; votar não desistir sem igualar os Budas e Mestres em poder e aplicação; votar não desenvolver uma mentalidade mesquinha nem desonrar o caminho da escola; votar não ser insincero nem desejar sentimentos humanos; votar produzir um ou dois sucessores genuínos para perpetuar o caminho da escola em agradecimento aos Budas e Mestres, praticando os atos dos bodhisattvas vida após vida, geração após geração, até libertar todos os seres vivos.

Quando tiveres feito grandes votos como estes, tornando os votos de todos os Budas os teus próprios votos, tornando a vontade e a conduta dos mestres Zen a tua própria vontade e conduta, os votos gerais e particulares poderão ser ativados conforme desejares. Reza sinceramente todos os dias; pensa neles constantemente. Tal como a atmosfera sustenta a terra, a atmosfera dos grandes votos sustenta a budeidade. Tal como um vento favorável impulsiona um barco, para o oceano da essência da realidade existe o barco da visão penetrante, que não pode mover-se sem o vento do conhecimento proveniente dos grandes votos. Vós que vos demorais pelo caminho nas mentalidades dos três veículos e nas opiniões dos outsiders, a razão pela qual não conseguis sondar a fonte profunda dos Budas e Mestres é que a força dos vossos votos é inadequada.

O Tratado Combinado sobre a Guirlanda de Flores diz: “Cumprir os ensinamentos utilizados igualmente por todos os Budas desde a primeira inspiração chama-se cavalgar o veículo de todo o conhecimento. Se a compaixão, o conhecimento, os votos e a conduta forem minimamente diferentes dos dos Budas, nem sequer a fé será possível, quanto mais permanecer na morada dos Budas.” Também diz: “Se a aspiração de alguém diferir minimamente da compaixão, do conhecimento, dos votos e da conduta da personalidade espiritual cultivada por aqueles que chegam à realidade, não pode ser chamado de bodhisattva recém-inspirado.” Por isso peço às pessoas que estudam o caminho que desenvolvam primeiro esta atitude.

Se fores magnânimo, mesmo que não trabalhes nisso, ainda assim será um campo de méritos e acabará por se tornar uma excelente condição para o futuro. Quanto mais, então, se continuares a cultivá-lo e fortalecê-lo, dominando o caminho o melhor possível.

O curso correto para cultivar a prática baseia-se em votos. Se a força dos teus votos for profunda e poderosa, demónios e outsiders não te poderão perturbar; se a força dos teus votos for fraca e superficial, encontrarás muitos obstáculos.

Ora, a força dos votos está enraizada na compaixão. Aqueles que procuram o seu próprio benefício permanecem sempre numa perspetiva limitada. São como comerciantes: os que planeiam o próprio sucesso orgulham-se primeiro de uma pequena riqueza; os que querem ser generosos para com todos os outros nunca pensam que pouco seja suficiente.

Por esta razão, a prática dos quatro votos universais faz primeiro da libertação dos outros a promessa principal, juntamente com o esclarecimento da própria natureza, o corte da raiz das aflições, o estudo de todos os ensinamentos e a realização das atividades dos bodhisattvas, para que compaixão e conhecimento sejam plenamente realizados. Isto chama-se o caminho dos Budas.

Deves compreender que a grande compaixão é o fundamento para a realização efetiva da budeidade. Observa atentamente todas as pessoas: como ignoram o essencial e perseguem trivialidades, fixadas avidamente

em ocupações gananciosas, morrendo aqui e renascendo ali, repetindo compulsivamente toda a espécie de rotinas fúteis. Nos céus existem cinco deteriorações; no reino humano existem oito dificuldades; as condições dos fantasmas famintos, dos animais e dos infernos são extremamente dolorosas. Tenta comparar os seus estados mentais com o teu próprio estado mental.

Além disso, todos os seres vivos foram teus pais e irmãos ao longo de vidas e gerações, para com os quais a tua gratidão e amor deveriam ser como para com os teus pais e irmãos atuais. Considerando isto, deves certamente desenvolver uma atitude de grande compaixão.

A secção sobre os votos práticos do Bem Universal na Escritura da Guirlanda de Flores diz:

“Se fizeres os seres sencientes felizes, fazes todos os Budas felizes. Porquê? Porque o coração da grande compaixão é a substância dos Budas. Portanto, eles desenvolvem grande compaixão por causa dos seres sencientes, desenvolvem a vontade para a iluminação com base na grande compaixão e alcançam o verdadeiro despertar com base na vontade de iluminação. É como uma árvore gigantesca num deserto: se as raízes encontrarem água, então os ramos, folhas, flores e frutos florescem todos. A gigantesca árvore da iluminação no deserto do nascimento e da morte é também assim. Todos os seres vivos são a raiz da árvore; os Budas e bodhisattvas são as flores. Beneficia os seres vivos com a água da grande compaixão e poderás obter as flores e frutos do conhecimento e sabedoria dos Budas e bodhisattvas.”

Assim, a grande compaixão é como o céu, porque cobre todos os seres vivos; a grande compaixão é como a terra, porque produz todos os ensinamentos; a grande compaixão torna possível ver a natureza búdica, esclarecendo primeiro o verdadeiro conhecimento para bem dos outros. A grande compaixão torna possível atravessar barreiras inflexíveis, sondando cada vez mais profundamente os ensinamentos em benefício dos outros.

A grande compaixão torna possível penetrar o transcendental, procurando uma vida para além desta em favor dos outros. A grande compaixão pode desenvolver uma aplicação poderosa, esforçando-se neste caminho em benefício dos outros. A grande compaixão pode ativar a

destemidez, mantendo viva uma vontade vigorosa em benefício dos outros. A grande compaixão torna possível ultrapassar a regressão, porque a mente permanece firme em benefício dos outros. A grande compaixão pode produzir vasta aprendizagem, estudando tudo em benefício dos outros. A grande compaixão pode produzir erudição, através da dedução profunda dos princípios das coisas em benefício dos outros. A grande compaixão pode produzir méritos, concebendo constantemente expedientes para os outros. A grande compaixão pode aniquilar as aflições, sacrificando corpo, vida e bens pelos outros. A grande compaixão pode extirpar a arrogância, agindo benevolmente em favor dos outros. A grande compaixão permite o desapego da fama e do lucro, fundamentando tudo na verdade em benefício dos outros. A grande compaixão permite entrar no reino da realidade, porque não existe lugar algum aonde ela não vá em benefício dos outros.

As virtudes da grande compaixão são infinitas; poder-se-ia discorrer eternamente sobre elas sem as esgotar, mas tudo se resume ao seguinte: quem possui grande compaixão pode extinguir todos os obstáculos causados por ações passadas e pode cumprir todas as virtudes; não há princípio que não possa ser compreendido, caminho que não possa ser praticado, conhecimento que não possa ser alcançado, virtude que não possa ser desenvolvida.

Tal como, quando queres conquistar o coração das pessoas, primeiro amas os seus filhos, os Budas e bodhisattvas consideram todos os seres vivos seus filhos; assim, se amares igualmente todos os seres vivos, todos os Budas serão movidos a responder.

Apenas propiciar os Budas beneficia unicamente um indivíduo; os Budas possuem virtude e conhecimento completos, pelo que nunca procuram oferendas de apoio vindas dos outros. Ora, se os servires através da grande compaixão, os Budas ficarão profundamente satisfeitos e os benefícios estender-se-ão ao universo inteiro. É como a diferença entre dirigir-se a um indivíduo e dirigir-se a uma multidão ao ensinar o Dharma. O próprio Dharma não é maior nem menor, nem a sua eficácia o é. O esforço para permitir que todos os outros alcancem primeiro a iluminação reúne, na verdade, as virtudes deles e transforma-as nos teus próprios votos. O primeiro e o segundo ajudam-se mutuamente, incessantemente.

E este princípio aplica-se até à caridade material. Se escolheres alguém específico a quem dar coisas, apenas agradarás a uma pessoa; ao passo que, se deres a todos, mesmo aqueles que nada receberem sentirão sincera gratidão e satisfação psicológica pela virtude. Portanto, todas as tuas realizações, virtudes, bem como os seus resultados e recompensas, devem ser sempre dedicados à iluminação suprema para todos os seres vivos.

Deves pensar nestes termos: “Que todos os seres vivos obtenham acesso ao conhecimento e visão dos Budas; que todos os seres vivos sejam libertos dos obstáculos causados por ações passadas; que todos os seres vivos alcancem a aceitação da verdade; que todos os seres vivos se concentrem intensamente no caminho; que todos os seres vivos experimentem realmente o samadhi; que o conhecimento e a visão de todos os seres vivos sejam claros; que todos os seres vivos dominem os expedientes; que os votos de compaixão de todos os seres vivos sejam universais; que os poderes espirituais de todos os seres vivos sejam desimpedidos; que todos os seres vivos sejam plenamente realizados.”

Além disso, conforme aquilo que ouvires ou vires, adota sempre esta atitude: “Como é triste que todos os seres vivos tenham caído no abismo sem fundo do nascimento e da morte! Como poderei encontrar forma de os salvar rapidamente e permitir-lhes repousar no terreno de todo o conhecimento?”

A Escritura Proferida por Vimalakirti diz: “Se tu próprio estás acorrentado, não podes libertar os outros das suas correntes.” Assim, se queres libertar todos os seres vivos, é urgente procurar todo o conhecimento. Para procurar todo o conhecimento, primeiro tens de ver a natureza essencial. Não é que alcances a budeidade por ti mesmo e depois libertes os seres vivos; é para libertar os seres vivos que procuras tornar-te um Buda. E não é para alcançares a budeidade por ti mesmo que libertas os seres vivos; é em benefício dos seres vivos que praticas em toda a parte o caminho dos Budas.

Por isso, os estudantes devem primeiro abandonar o egoísmo e não se fixarem no próprio benefício. A Escritura do Nirvana diz: “A inspiração e a consumação não são, em última análise, diferentes. Destes dois estados

mentais, o primeiro é mais difícil: ‘Não tendo ainda alcançado a salvação eu próprio, salvo primeiro os outros.’ Por isso honro a inspiração inicial.” Assim, os estudantes devem primeiro abandonar o egoísmo e não permanecer focados no próprio benefício. Aqueles que agem apenas em benefício próprio favorecem unicamente um indivíduo e não possuem o coração para libertar os outros; por isso não esclarecem as doutrinas infinitas nem salvam ninguém, e assim não acumulam riqueza espiritual infinita.

É por isso que os discípulos e iluminados solitários aparecem como inferiores, para ilustrar o significado do enviesamento e da esterilidade na aspiração e na ação, enquanto Budas e bodhisattvas mostram provisoriamente sinais de grandeza e marcas de distinção para representar o princípio da plenitude da virtude e do conhecimento. Mais tarde, as pessoas pensaram erradamente que os dois veículos e os outsiders possuem naturezas diferentes e não existem no presente; o que não percebem é que estes são nomes diferentes para o conhecimento e a prática dos estudantes.

Se procuras o Buda fora da mente, isso chama-se ser um outsider. Se abandonas o caminho da tua própria mente e procuras os caminhos dos outros, ficando assim erroneamente preso a várias opiniões, isso chama-se ser um demónio; quando ouves o verdadeiro ensinamento, irás repudiá-lo. Por isso, realizar primeiro o princípio da vacuidade ao iniciar-se nos Budas chama-se discipulado. Tudo sendo reduzido ao vazio, quando alguém não procura qualquer doutrina mas desperta por si mesmo através das condições, sem desenvolver conhecimento compassivo, isso chama-se iluminação condicional ou solitária, vagueando espontaneamente, desfrutando sozinho do caminho. Assim, desenvolver gradualmente conhecimento compassivo, benéfico tanto para si mesmo como para os outros, chama-se o Veículo dos Bodhisattvas e também se chama o Grande Veículo Temporário — embora exista realização da iluminação, ainda não há liberdade completa e por isso existe medo do oceano do nascimento e da morte. Por conseguinte, alguns gostam do nirvana; alguns procuram a Terra Pura. Não conseguem atingir plenamente o poder e a destemidez.

Ora, se despertares uma vontade grande, heróica e poderosa, vires claramente através da natureza búdica, examinares profundamente todos os ensinamentos de diferenciação dentro da natureza essencial, de modo que te sejam tão claros como algo visto na palma da mão; e depois assumires a

transcendência progressiva, adquirires as garras e presas da caverna do Dharma e, com liberdade desimpedida, libertares todos os seres, praticando a conduta dos bodhisattvas vida após vida, geração após geração, sem nunca pensar em recuar, isto chama-se o Veículo Único da Budeidade. Também se chama o Verdadeiro Grande Veículo, e ainda o Veículo Fundamental, o Veículo Supremo e o Veículo de Todo o Conhecimento. Isto chama-se verdadeira e autêntica libertação última; isto chama-se um bodhisattva mahasattva.⁵ Não é esta a obra de um homem resoluto?

Se queres completar o verdadeiro caminho, tens de ser total. Os estudantes de hoje chamam-se a si mesmos portadores da veste remendada assim que entram em comunidades Zen; seguindo os outros nas suas atividades, desenvolvem gradualmente a aspiração para a iluminação, mas ainda não conhecem a intenção original de abandonar o lar, não estudam as práticas e votos dos bodhisattvas, não examinam a conduta dos antigos, não acreditam nas múltiplas barreiras dos Budas e Mestres. Cobrindo os olhos com as próprias mãos, expõem cegamente o Zen e explicam o Caminho, esperando apenas abrir um grande discurso um dia para menosprezar os outros e desfrutar da vida com reputação exaltada. Por causa disto, o trabalho sobre o Caminho não é realizado e os votos não são cumpridos, mas eles ganham gradualmente fama e lucro, adotando toda a espécie de poses e aparências.

Se sois verdadeiros viajantes do Caminho, não imiteis este costume decadente. Conhecei as restrições e dificuldades da estrada, as passagens e os obstáculos, e só então parti. Entrando diretamente, largai as fixações pré-existentes e minimizai os vossos enredamentos; tornai leves os vossos passos e pesado o vosso sentido do Caminho. Não procureis fama nem ganho, não vos mistureis em pensamentos mundanos. O vosso coração tornar-se-á jubiloso, como se estivésseis a partir pela estrada de regresso a casa, como se estivésseis a entrar numa mina de ouro e jade, como se tivésseis tornado imperadores. Mantende este modo de pensamento após pensamento e podereis condensar uma massa de maravilhamento.

Neste exacto momento, o que é isto? O que é que vê? O que é que ouve? O que é que se move? O que é que se senta? Em todos os momentos, em todos os lugares, concentra-te na tua mente e vê como ela é. Sem conceber ser ou não-ser, sem pensar em afirmação ou negação, sem discriminar, sem racionalizar, apenas observa desta maneira. Quando

chegar o momento, isso aparecerá por si mesmo, sem necessidade da tua discriminação intelectual. Assim que conceberes discriminação, obscureces a natureza essencial original — então, mesmo que trabalhasses para sempre, não a poderias alcançar.

Se os pensamentos estiverem a voar em todas as direções, considera esta história: “Um cão possui natureza búdica? Não.” Traz isto diretamente à mente e não o interpretes logicamente. Não o interpretes como insípido; não o interpretes como nada. Se conceberes qualquer entendimento lógico, nunca completarás o trabalho. Mas também não desenvolves uma mente ilógica. Lógica e ausência de lógica são, afinal, ideias aleatórias. Apenas traz isso à mente e observa-o. Nada tem a ver com interpretação; é o verdadeiro modo de prática dos Budas. Continua momento após momento, quer falando quer em silêncio, ativo ou quieto, caminhando, de pé, sentado ou deitado — não o esqueças! Ou, se ocasionalmente o esqueceres, não percas a força.

Isto é como aprender arco e flecha — leva muito, muito tempo a atingir o centro do alvo. Apenas desenvolve a vontade de perseverar; tem cuidado para não enfraquecer nem afrouxar. Se abandonares este ensinamento, através de que ensinamento poderás alcançar a libertação? E, se não fores libertado, não poderás escapar aos ciclos viciosos. E como se comparam as dores e problemas dos círculos viciosos com os esforços e dores do estudo Zen? Como se compara o prazer do pensamento ilusório com a alegria de ver a natureza essencial? Até a glória temporária de um rei humano é considerada nobre; quanto mais a de um rei do Dharma supremo!

Uma vez que tenhas desenvolvido um grande coração e não regridas momento após momento, a realização torna-se perceptível. Aqueles que se desligam do nascimento e da morte mas não esclarecem o Caminho são como pássaros que querem voar sem asas, como árvores que querem florescer sem raízes. Por favor, reflete sobre isto.

O Mestre Zen Dahui disse:

“Se não recuares da tua inspiração inicial momento após momento, retirando a tua consciência do seu foco nos problemas mundanos e devolvendo-a à visão penetrante, então, mesmo que não rompas completamente nesta vida, ainda assim, quando estiveres perante a morte, não serás arrastado por maus hábitos para maus estados. Na vida seguinte

certamente conseguirás experimentar realmente a visão penetrante, de acordo com o poder dos teus votos nesta vida. Isto é um facto certo, não deve ser posto em dúvida.”

Quanto mais se a tua investigação for incessante — o grande Dharma tornar-se-á manifesto, como apontar para a palma da tua mão.

Abandona de uma só vez ganho e perda, afirmação e negação, e examina diretamente exatamente onde estás: quando sentado, examina enquanto estás sentado; quando ativo, examina enquanto estás ativo; quando deitado, examina enquanto estás deitado; quando comes, examina enquanto comes; quando falas, examina enquanto falas; quando executas todas as tarefas, examina enquanto executas todas as tarefas.

Imagina que uma jóia preciosa que tinhas escondida em casa se perdeu um dia e não sabias onde estava. Quando procuras por toda a parte e ainda não a consegues encontrar, a tua mente fica inquieta. Vinte e quatro horas por dia, não importa o que estejas a fazer, continuas secretamente a procurá-la, perto e longe. De quem é este assunto? E como é a natureza búdica? Quem és tu, aquele a quem ela se assemelha?

Pode haver quem, ao ler um discurso deste tipo sobre o poder dos votos, imagine erradamente que não tem parte nisso e que não pode seguir isto na prática. O que não percebem é que isto é um expediente para desenvolver uma atitude inicial de fé, um precedente antigo para inspirar o início da prática. É como o primeiro livro de caligrafia de uma criança — as letras nem sequer estão completamente formadas, quanto mais habilidosas. Maduro ou não, tudo depende da prática a longo prazo.

Deve-se progredir no estudo tanto quanto possível segundo o método do mestre. O mesmo é verdadeiro para os votos dos estudantes do Caminho; embora inicialmente incapazes, acabarão por ter sucesso. Mesmo que temporariamente desencorajados por obstáculos causados por hábitos enraizados, se conseguirem manter os seus votos em mente, regressarão em breve à sua mente original.

Por esta razão, aqueles que são basicamente preguiçosos devem apoiar-se ainda mais nestes votos; aqueles cuja fé é superficial devem apoiar-se ainda mais nestes votos; aqueles que são lentos e ignorantes devem apoiar-se ainda mais nestes votos. Aqueles cuja percepção da natureza é clara devem apoiar-se ainda mais nestes votos; aqueles cujas

funções intelectuais são independentes devem apoiar-se ainda mais nestes votos. Desde a inspiração inicial no começo até à consumação final no fim, tudo depende do poder prático destes votos. Recitai-os exteriormente; mantende-os interiormente na atenção plena. Rezai sinceramente todos os dias; pensai neles repetidamente. A sua influência inconsciente, como o nevoeiro humedecendo roupas, como a fragrância aderindo às coisas, permite naturalmente alcançar o grau de consciência dos Budas e Mestres, de modo que tanto o auxílio a si mesmo como o auxílio aos outros sejam plenamente realizados.

1. *Por Li Tongxuan, um célebre budista leigo da China da dinastia Tang. Entry into the Realm of Reality contém uma tradução da parte deste comentário que cobre a secção Gandavyuha do Avatamsaka-sutra.*

2. *“Os quatro votos universais” são: “Os seres vivos são infinitos; voto libertá-los. As aflições são intermináveis; voto pôr-lhes fim. Os ensinamentos são inumeráveis; voto estudá-los. O caminho dos Budas é supremo; voto realizá-lo.”*

3. *Os céus são estados meditativos; “deteriorações” refere-se às pessoas que regressam à terra, saindo dessas abstrações. Isto é descrito em termos simultaneamente concretos e metafóricos: as roupas ficam sujas, as flores das coroas murcham e desvanecem, as axilas transpiram, os corpos cheiram mal e sentem-se desconfortáveis onde estão.*

4. *“As oito dificuldades” refere-se à dificuldade de alcançar a iluminação em oito condições: estados infernais, estados animalescos, ganância extrema, um paraíso meditativo de aparente perpetuidade, um paraíso terreno de longevidade, cegueira e surdez, brilhantismo intelectual e nascimento antes ou depois do tempo de um Buda.*

5. *Mahasattva significa “grande ser”, um termo descritivo para bodhisattvas avançados.*

3

ESTADOS VISIONÁRIOS

À medida que o poder da concentração amadurece gradualmente nas pessoas que aprendem o Caminho, as aflições enfraquecem pouco a pouco

e belas experiências ocorrem de tempos a tempos. Estas são chamadas estados favoráveis. Nessas ocasiões, pode desenvolver-se uma visão da vacuidade dos fenômenos, ou uma visão de igualdade uniforme, ou uma visão de completude, ou uma visão de que este próprio ser é Isso.¹ Diversas percepções ocorrem, de acordo com o poder de concentração de cada um.

A Escritura do Progresso Heróico diz:

“Vós, iluminados solitários e discípulos que ainda tendes de aprender, voltaí hoje as vossas mentes para o despertar sublime supremo da grande iluminação. Expliquei agora o método do cultivo autêntico, mas continuais sem reconhecer os subtis enfeitiçamentos na prática da cessação e observação. Quando as alucinações vos aparecem e não conseguis reconhecê-las como tal, a purificação da vossa mente é incorreta e caís em falsas opiniões. Pode tratar-se dos enfeitiçamentos dos vossos constituintes mentais e físicos, ou pode ser enfeitiçamento celestial, ou podeis tornar-vos possuídos ou enfeitiçados. Se a vossa mente não estiver clara, tomais ladrões pelos vossos próprios filhos.”

Além disso, alguns alcançam um pouco e consideram isso suficiente, como o monge ignorante na quarta meditação que erroneamente afirmou ter realizado a santidade.² Quando as suas recompensas celestiais chegaram ao fim e começaram a surgir sinais de deterioração, repudiou os arhats por estarem sujeitos a existência futura e caiu no inferno ininterrupto. Também se diz: “Quando não o considerais santo, chama-se um bom estado; se o interpretardes como santidade, estareis sujeitos a uma multidão de enganos.” Também se diz: “Há alguns demónios que entram no coração.”

Essa escritura define claramente cinquenta tipos de estados visionários. Que tristeza que os estudantes de hoje confundam maioritariamente estados visionários com realização da iluminação. Por esta razão, os devotos de demónios não são poucos — posteriormente sentam-se num santuário, atraem tantas boas pessoas e fazem com que todas caiam em falsas opiniões, sem que nenhuma das partes o saiba. Em vez disso, chamam-lhe maravilhosa iluminação suprema.

Alguns fazem culto da quietude profunda na fonte da mente; alguns fazem culto da despreocupação comum; alguns fazem culto do bater e do

gritar; alguns fazem culto da negação da criação e da destruição; alguns fazem culto de não estabelecer qualquer doutrina. Alguns consideram os ensinamentos verbais dos Budas e Mestres secundários e descartam-nos totalmente; alguns forçam interpretações subjetivas arbitrárias sobre os ensinamentos verbais dos Budas e Mestres e expõem várias teorias.

Alguns fazem um entendimento da ausência de sabor, ou fazem um entendimento dos feitiços, ou fazem um entendimento da bastonada, ou fazem um entendimento do grito, ou fazem um entendimento da mentalidade ladra. Pessoas assim são comuns; todas elas reconhecem erroneamente estados visionários e interpretam-nos como entendimento. Eventualmente acabam nos caminhos dos discípulos, dos iluminados solitários, dos outsiders ou dos demónios, sem contudo se aperceberem disso.

A Escritura sobre a Consciência Completa diz: “Se as pessoas procuram bons amigos mas em vez disso encontram aqueles com falsas opiniões e não alcançam a verdadeira iluminação, são chamadas outsiders. É o erro dos falsos mestres, não a culpa das pessoas.” Quão lamentável é quando pessoas se tornam monges conhecidos como mestres e dignitários eminentes, acabando ainda assim na categoria destes impostores! Pessoas nobres que estudam genuinamente o misticismo devem saber isto e não se deixar iludir por eles, não absorvendo a saliva de raposa acima mencionada, não permitindo que charlatães tirem proveito.

Os noventa e seis tipos de outsiders, bem como o mais maligno dos demónios, pensam ter alcançado a iluminação suprema.³ Portanto, os viajantes do Caminho devem primeiro distinguir os enfeitiçamentos. Quaisquer opiniões que difiram minimamente do Buda são opiniões de outsiders. Observai objetivamente com meticulosidade. Não penseis que é fácil. Mesmo os piores pecadores têm alguma esperança de libertação, mas não há escape às consequências das falsas opiniões.

Como claramente definido nas cartas do Mestre Zen Dahui, estes são estados de enfeitiçamento. O que estarão as pessoas dos tempos posteriores a pensar ao ignorarem isto? É resultado de não terem um guia genuíno. Que tristeza!

Por favor, despertai uma atitude de intensa determinação e dai mais um passo em frente. A morada do tesouro está próxima; não permaneçais

no castelo mágico.⁴ As pessoas antigas passaram por muitas dores amargas antes de realizarem este caminho — haveremos nós de ser exceção? Nascemos e morremos repetidas vezes desde tempos sem princípio, sofrendo toda a espécie de misérias, mas algo deve ter acontecido entretanto para nos permitir surgir num contexto do ensinamento de um Buda do passado e assim ouvir falar do Caminho; contudo, devido à profundidade e gravidade dos obstáculos causados pelos hábitos enraizados, permanecemos perdidos até agora. Agora estamos a ouvir o ensinamento pela primeira vez e não o dominámos através de longa prática. É como conceder repentinamente a realeza a um homem comum — como poderia ser fácil? Apenas determinai alcançar o estado realizado pelos Budas e Mestres e não considereis suficiente um pequeno ganho.

Nos tempos antigos, quando o Buda estava no mundo, já existiam realizações dos três veículos. Os discípulos realizavam a vacuidade e tomavam-na por nirvana; não procuravam de modo algum a totalidade dos ensinamentos do Buda. Os iluminados individuais descobriam por si mesmos a natureza da realidade e pensavam que confiar na natureza e não ter preocupações era o fim último. Os bodhisattvas praticavam conjuntamente as seis perfeições no caminho que tinham alcançado. Desta forma, cada um alcançava realizações resultantes e conseguia desenvolver capacidades espirituais e os poderes do caminho. Mas este não era o caminho da percepção autêntica da natureza essencial, razão pela qual eram criticados nas escrituras universais.

Existem também dois tipos diferentes de três veículos — alcançados pelo estudo e interrompidos a meio do caminho. Isto quer dizer que, primeiro acreditando nos ensinamentos dos três veículos, cada indivíduo alcança a realização correspondente segundo a sua capacidade; isto é referido como sendo alcançado pelo estudo. Alternativamente, mesmo que a tua fé esteja no Veículo Único, se parares a meio do caminho para te entregares aos resultados e não prosseguires mais além, isto chama-se parar a meio do caminho.

Por exemplo, imagina que estás a dirigir-te à sede do condado ou da prefeitura; quando lá chegas, podes residir aí. Por outro lado, imagina que o teu objetivo é a capital real, mas no caminho confundes a sede do condado ou da prefeitura com a capital real. Ora, se fazes do Zen culminante dos

Budas a base do teu estudo mas a tua fé é insuficiente, como consequência pararás numa visão limitada.

Os três veículos e as cinco naturezas são todos estágios no processo de prática do caminho.⁵ É como aprender arco e flecha. O alvo é o objetivo, mas aqueles cuja força é inadequada têm o olhar e os pés instáveis, por isso as suas flechas não atingem o alvo, caindo muito longe. Embora exista esse subtil e maravilhoso Caminho, a sua realização, em última análise, não vai além dos resultados obtidos pelos três veículos.

Portanto, incluo grandes visões e pequenas visões, todas as realizações, dentro da categoria dos estados visionários. Apenas vos peço que presteis atenção e sejais cuidadosos. Mesmo que tenhais alcançado uma percepção genuína da natureza essencial, ainda existem fechaduras de diferenciação e o caminho para além; quanto mais para aqueles que ainda não viram a natureza.

Quando as pessoas antigas falaram de realização num único golpe sem passar por qualquer processo, isso significa apenas que a realização da budeidade é basicamente instantânea — só assim isto faz sentido. É como atingir um alvo; depende de uma única flecha — uma flecha subsequente não ajudará.

Ora, porque não conseguis discernir o alvo e o percecionais incorretamente, criais tanta discussão. Assim, se quereis atingir o alvo, distingui primeiro o falso do verdadeiro. Se o alvo não estiver correto, não é real mesmo que o atinjas.

Geralmente, quando a tua mente é simples e direta, basicamente não existem termos como verdadeiro ou falso. Quando erras ao ponto de tomar o irreal pelo real, então surge a questão do certo e do errado. É por isso que os koans surgiram. Quando chegares aqui, por favor sê vivo e não penses que alcançaste o que ainda não alcançaste ou que realizaste o que ainda não realizaste. Mesmo que tenhas algumas realizações muito profundas, elas são todas estados visionários, não verdadeira budeidade.

Dahui disse: “Grande iluminação, dezoito vezes; pequenas iluminações, nem sei quantas.” Ele já possuía um grande coração, por isso não era presa fácil para estados de enfeitiçamento. Quando encontrou Yuanwu pela primeira vez, pensou consigo mesmo: “Completarei nove verões e, se ele me aprovar como fizeram em toda a parte, escreverei um

tratado sobre a inexistência do Zen.” Vede como as pessoas antigas desenvolveram grande capacidade desta forma. Hoje em dia, assim que as pessoas obtêm um pouco de conhecimento ou meia compreensão, consideram imediatamente a grande questão concluída. Quanto aos seus mestres e ensinamentos, trocam selos de aprovação, certificando isto como Budismo genuíno.

Ainda pior são aqueles que, ao ouvirem falar da mente e da natureza, tomam isso por Zen. Gabando-se do princípio da inerência, não acreditam nas explicações dos antigos acerca da verdadeira realização. Por isso o Mestre Zen Yuanwu disse: “Suponhamos que alguém aparece aqui e diz que originalmente não existe transcendência nem acomodação, então porquê estudar? Eu dir-lhe-ia apenas: ‘Eu sabia que vivias numa caverna de fantasmas.’” Ele disse: “Que pena! Mais tarde, muitas pessoas racionalizaram que ‘palavras grosseiras e discurso subtil acabam todos na verdade última.’ Se compreendes desta forma, vai ser professor, onde poderás passar a vida a lucrar com muito conhecimento e muita interpretação.” Também disse:

“Ora, diz-se frequentemente que originalmente não existe iluminação, mas que um ensinamento da iluminação é criado para construir esta tarefa. Se compreendes desta forma, és como parasitas no corpo de um leão, alimentando-vos da carne do leão. Não vistes como um antigo disse: ‘Se a fonte não é profunda, o fluxo não dura. Se o conhecimento não é grande, a visão não alcança longe.’ Se o interpretas como uma construção, como poderia o Budismo ter chegado até ao presente?”⁶

Infelizmente, as coisas já eram assim mesmo nos tempos antigos — como podemos ser orgulhosos nos dias de hoje? Imploro àqueles que têm vontade que não imitem ignorantemente os outros. As Admoestações de Guishan dizem: “Espero humildemente que desenvolvais uma vontade determinada e intensa, que abras um coração de realização extraordinária e que, na vossa conduta, observeis aqueles que são superiores; não sigais egoisticamente os medíocres e inferiores. Precisaís de resolução nesta vida; considerai que ela não depende de outro.”⁷

Além disso, o Mestre Zen Dazhi de Baizhang disse: “Se quereis conhecer o significado da natureza búdica, observai o tempo e as condições. Quando o tempo amadurece, é como compreender subitamente

após ter estado confuso, como recordar subitamente após ter esquecido. Então tereis visão penetrante de vós mesmos, que não é obtida de outro.”⁸

Os estudantes devem apenas assumir energicamente a história sobre a qual se estão a concentrar e, um dia, ela tornar-se-á naturalmente evidente. É como alguém do campo que quer ir à capital pela primeira vez. Assim que entra em território central, pode ver a regularidade das estradas, ou a magnificência dos edifícios, ou a grandiosidade dos castelos, coisas que nunca viu antes, e imaginar erroneamente que já está na capital. Mas, se encontrar um guia conhecedor que já lá esteve, não parará a meio do caminho, mas irá diretamente para a capital, sem prestar atenção aos salões administrativos ou às câmaras imperiais, visando apenas encontrar pessoalmente o governante.

1. *Visão não se refere a visões oculares ou outros fenómenos sensoriais, mas a experiências místicas; embora rigorosamente distinguidos da iluminação, tais fenómenos também são definitivamente distinguidos de makyo, alucinações e ilusões produzidas ou potenciadas pelo stress neurológico na concentração.*

2. *“A quarta meditação” é caracterizada como tendo quatro elementos: (1) nem dor nem prazer, também traduzido como neutralidade da sensação; (2) renúncia; (3) atenção plena; (4) unidirecionalidade da mente. Para além destes existem quatro estados sem forma, também chamados quatro concentrações vazias: (1) absorção na infinitude do espaço; (2) absorção na infinitude da consciência; (3) absorção no nada infinito; (4) absorção em nem perceção nem não-perceção. Segundo a definição tradicional, o arhat budista, ou santo, domina estes exercícios e experiências mas não está confinado a eles nem definido por eles.*

3. *No tempo do Buda histórico dizia-se existirem noventa e seis outras escolas filosóficas, das quais seis eram particularmente proeminentes. “O mais maligno dos demónios” é Mara Papiyan, o Mais Maligno Destruidor, dito residir no sexto sentido, isto é, na faculdade cognitiva. Mara Papiyan personifica o intelecto delinquente, chamado o mais maligno devido à sua capacidade de criar confusão e ilusão e fomentar ganância e agressão.*

4. *“A morada do tesouro” representa a iluminação completa; “o castelo mágico” representa o nirvana pacífico.*

5. *Mais uma vez, “as cinco naturezas” referem-se às psicologias associadas aos três veículos, mais as da natureza indefinida e as daqueles sem tal natureza.*

6. *Estas citações de Yuanwu são excertos combinados e paráfrases dos seus comentários em The Blue Cliff Record, casos 77 e 71.*

7. *Ver “A Casa de Kuei-Yang” em The Five Houses of Zen para mais excertos desta obra.*

8. *Ver The Five Houses of Zen sobre “Pai Chang” em “A Casa de Kuei-Yang”; ver também The Pocket Zen Reader, pp. 35–52, 175, 219; Teachings of Zen, pp. 14–19; The Blue Cliff Record, casos 26, 70–72; Book of Serenity, caso 8; e Unlocking the Zen Koan, caso 2.*

4

VERDADEIRA REALIZAÇÃO

Nas pessoas de espírito elevado que trabalham genuinamente sobre o caminho, quando o esforço da busca interior se acumula e o poder da concentração se torna pleno, então a ideação comum e os sentimentos conscientes ficam todos inativos; a razão e a fala chegam ao fim e até a própria mente que procura desaparece ao mesmo tempo. Até a respiração quase pára. Este é o momento em que o Grande Caminho aparece.

Os estudantes devem estar alerta: neste momento, não concebam um único pensamento de compreensão extraordinária e não concebam um único pensamento de recuo. Largai corpo e mente e não procureis absolutamente nada. Trazei vigorosamente à mente a história que tendes contemplado e deixai estar quaisquer estados que possam aparecer: se surgirem percepções dos dois veículos, deixai-as estar; se surgirem percepções dos outsiders, deixai-as estar — sabendo que não são reais, não as temereis. Mergulhando com o corpo inteiro, saciai-vos da fonte, evitando cuidadosamente excitar a mente para agarrar e rejeitar.

Precisais de abandonar o vosso corpo e renunciar à vossa vida nisso apenas uma vez. Quando chega o momento, acontece subitamente, e reconheceis esta experiência. Isto chama-se largar o vosso apego sobre um precipício abrupto e, depois de perecer, voltar à vida. Subitamente, num instante, reconheceis a fonte-raiz: a vossa própria natureza, a natureza dos outros, a natureza dos seres vivos, a natureza das aflições, a natureza da

iluminação, a natureza dos Budas, a natureza dos espíritos, a natureza dos bodhisattvas, a natureza do criado, a natureza do incriado, a natureza do fim último, a natureza do senciante, a natureza do insenciante, a natureza dos fantasmas, a natureza dos titãs, a natureza das bestas, dos infernos, dos céus, das terras poluídas e das terras puras — vedes através de tudo isto de uma só vez, sem exceção, concluindo a grande tarefa e atravessando nascimento e morte. Como poderia isto não ser agradável?

Mesmo assim, para testar aquilo que experimentastes, procurai um grande mestre Zen que possua certeza definitiva. Um antigo disse: “O coração do nirvana é fácil de esclarecer; o conhecimento da diferenciação é difícil de iluminar.” Não permitais que o conhecimento indiferenciado obscureça o conhecimento da diferenciação.

É como polir um espelho: no momento em que a sua superfície clara é exposta, ele pode distinguir todas as coisas. O grosseiro aparece grosseiro, o fino aparece fino; azul, amarelo, vermelho, branco, bonito, feio, grande, pequeno, quadrado, redondo, longo, curto — tudo é refletido tal como aparece, sem deixar de fora sequer uma partícula ou ponta de cabelo.

Quando isto ocorre, se houver algo que permaneça obscuro, isso significa apenas que, embora a clareza esteja presente, a impureza residual ainda não foi removida; os vestígios do polimento ainda permanecem, bloqueando a realidade. É por isso que não concebemos a noção de já termos alcançado e não pensamos em parar, mas procuramos certeza junto de um mestre iluminado para testar a nossa realização.

Nos tempos antigos, quando Sushan ouviu Xiangyan dizer pela primeira vez: “A questão da fala não é som; antes da forma, não existe coisa alguma”, experimentou uma iluminação libertadora e pensou ter compreendido completamente. Prometeu: “Quando tiveres um lugar onde viver, mentor e irmão mais velho, irei tratar da lenha e da água.” Mais tarde ouviu também o dito do Mestre Zen Da-an de Guishan: “As proposições de ser e não-ser são como trepadeiras agarradas a uma árvore”, e dirigiu-se especialmente a Guishan por causa disso, tendo “vendido uma esteira a mil milhas de distância”, pensando igualmente que estava correto.

Guishan estava a rebocar uma parede quando Sushan perguntou: “‘As proposições de ser e não-ser são como trepadeiras agarradas a uma árvore’ — é esta a tua frase?”

Da-an disse: “Sim.”

Sushan disse: “Suponhamos que a árvore cai e as trepadeiras morrem — onde vão parar as proposições?”

Da-an pousou a colher de pedreiro, riu alto e voltou para o seu quarto.

Sushan disse: “Vendi uma esteira a mil milhas de distância para vir aqui apenas por isto — porque não explicas para mim?”

Da-an chamou um assistente: “Vai buscar algum dinheiro e dá-o a este pequeno acarya”, e disse a Sushan: “Um dia haverá um dragão de um olho que te mostrará isto.”

Mais tarde, Sushan foi até Mingzhao e relatou a história anterior.

Mingzhao disse: “Guishan estava correto do princípio ao fim, mas não encontrou um conhecedor.”

Sushan disse: “Se a árvore cai e as trepadeiras morrem, onde vão parar as proposições?”

Mingzhao disse: “Estás a renovar o riso de Guishan.”

Sushan alcançou grande iluminação com estas palavras. Disse: “Guishan teve uma espada no seu riso o tempo todo”, e fez uma reverência à distância para se arrepender do seu erro.

Depois, quando Xiangyan apareceu no mundo, Sushan manteve a promessa anterior e foi visitá-lo.

Quando Xiangyan subiu à sala de ensino, um monge perguntou: “Como é quando alguém não procura os sábios e não estima o próprio espírito?”

Xiangyan disse: “Miríades de impulsos cessam; os mil sábios não acompanham.”

Ao ouvir isto, Sushan fez um som como de vômito.¹

Vede como primeiro pensou que Xiangyan era alguém importante, mas depois, quando conheceu o assunto da escola Zen, ao ouvir a afirmação de Xiangyan foi como um aristocrata a ouvir um camponês falar. É por isso que os estudantes devem primeiro visitar um mestre iluminado

assim que alcançam percepção da natureza essencial, para se libertarem da confusão dentro da iluminação.

Antigamente, Huanglong Sixin disse: “Quando tens confusão, precisas de alcançar a iluminação. Depois de alcançares a iluminação, precisas de reconhecer a confusão dentro da iluminação e a iluminação dentro da confusão.”² Deveis compreender que este é um bom momento para procurar um mestre iluminado, uma experiência que vos diz agora que deveis cultivar a prática. O Mestre Baiyun disse: “Esta questão requer iluminação para ser alcançada; após a iluminação, é necessário encontrar alguém.”

Dizeis: “Uma vez iluminado, está-se em repouso — porque é necessariamente preciso encontrar alguém?” Aqueles que encontraram alguém após a iluminação terão claramente a sua própria forma de expressão quando se trata de meios hábeis de alcançar os outros e não cegarão os estudantes. Aqueles que realizaram um nabo seco não apenas cegarão os seus estudantes, como também tenderão eles próprios a ferir as mãos na ponta. Não admira que os mestres de hoje em toda a parte ceguem erroneamente os olhos dos estudantes. Mesmo que precisas de encontrar alguém, não encontres ninguém que não seja um grande mestre Zen com certeza genuína; caso contrário, ficarás iludido, dificultando a tua iluminação.

Quando comecei a viajar, encontrei vários mestres Zen cujo ensinamento eu não diria ser inteiramente incorreto, mas que, comparados com figuras como Yantou, Xuefeng, Dahui e Xutang, apresentavam discrepâncias.³ Por isso albergava sempre dúvida no meu coração e não confiava completamente neles. Pensava que o Budismo já estava extinto no tempo presente e que ninguém possuía conhecimento e percepção corretos. Pensei que seria melhor ir sozinho para as montanhas e estudar e praticar intensamente como os antigos faziam, esperando o momento por mim mesmo.

Mais tarde, quando ouvi falar do Caminho do meu antigo mestre [Hakuin], acreditei metade e duvidei metade. Disse a mim mesmo que não podia confiar no que outras pessoas diziam, mas que devia ouvi-lo ensinar antes de decidir. Então, quando recebi a sua instrução, ela correspondia realmente a muito do que os mestres ancestrais disseram ao longo dos tempos, de tal forma que o meu coração se encheu de alegria. A partir

desse momento entreguei a minha vida à procura da certeza, até ao dia de hoje.

No tempo presente, os mestres em toda a parte desencaminham e cegam os estudantes, porque as suas realizações não alcançaram o domínio pessoalmente realizado pelos antigos. Quanto ao transcendental, quando terão eles sequer sonhado com isso? Embora originalmente não existam dois ou três Budismos, existem o superficial e o profundo, o grosseiro e o subtil. É apenas porque os estudantes não têm força suficiente de fé, não eliminaram a cognição dos estados e não extirparam os hábitos residuais que surgem tantas distinções no Budismo. Se até os antigos eram assim, como poderiam as pessoas de agora não o ser?

Há muito tempo, o Mestre Dongshan definiu provisoriamente cinco posições para indicar os essenciais da escola.⁴ A posição do absoluto é vacuidade. A posição do relativo é o temporal. Isto não é ensinar a contemplação Tendai das verdades.⁵ Nessa contemplação das verdades, primeiro contempla-se a verdade da vacuidade para quebrar o apego à ideia de existência. Depois contempla-se a verdade temporal para eliminar o sentimento de permanência na vacuidade. Quando as barreiras do ser e do não-ser desaparecem, as visões da vacuidade e da existência temporal são ambas esquecidas e a essência real aparece — isto chama-se a verdade das características reais do caminho do meio.

Este é um método corretivo que opõe sujeito e objeto. Baseando-se na substância e função da natureza real, ao mesmo tempo que as utiliza provisoriamente para definir os termos, gradualmente chega-se a conhecer uma parte do princípio na natureza através do poder da contemplação. Portanto, é apenas ao alcançar a verdade do caminho do meio que alguém vê pela primeira vez a natureza com as três contemplações numa só mente.⁶

Assim, este ensinamento das cinco posições foi estabelecido para permitir àqueles que viram a natureza investigar sucessivamente os significados profundos, de modo a desenvolver a capacidade dos grandes reis do Dharma com grande visão. Como poderia isto ser uma doutrina vulgar?

Aquilo a que aqui se chama vazio e temporal são nomes diferentes para a natureza real. A substância básica da natureza real é vazia e pura;

não há nada nela a que se possa dar nome, mas o rótulo de vacuidade é-lhe imposto. Não existe nada que não apareça na substância da natureza inerente, de acordo com as diferenciações; o rótulo de temporal é imposto a isto.

“O relativo dentro do absoluto”, ou “absoluto relativo”, significa que, mesmo quando vês a natureza corretamente, embora a tua visão penetrante de ti mesmo seja profunda, o teu grau de poder é fraco e por isso ainda não tens total clareza acerca das diferenciações. É como um espelho que ainda tem algum pó, de modo que os objetos não são completamente claros em detalhe. É também como ler à luz da lua; não é totalmente claro o que são os ideogramas. Portanto, o verso diz:

O relativo dentro do absoluto:
À meia-noite, antes de a lua brilhar,
Não te admires de encontrar sem reconhecer;
A aversão do passado ainda está escondida no coração.

Isto significa que, mesmo que vejas a natureza real, quando ela ainda não está completamente clara, em última análise não saís do domínio da ignorância passada. Por esta razão, foi definida a posição do absoluto dentro do relativo, ou absoluto relativo, para esclarecer este ponto.

Se queres entrar na absorção deste absoluto dentro do relativo, tens de estudar as histórias difíceis de penetrar. “O absoluto dentro do relativo” significa que ver a natureza é perfeitamente claro, sem qualquer impureza, e os padrões subtis da diferenciação aparecem em tudo. À medida que a diferenciação se torna clara, o fundamental torna-se ainda mais claro; e, à medida que o fundamental é esclarecido, a diferenciação torna-se o mais clara possível. Quando ambos são perfeitamente claros e, como resultado, não existe reflexão entre eles, isto chama-se o absoluto dentro do relativo. O verso diz:

O absoluto dentro do relativo:
Uma mulher que se levantou tarde está diante do espelho antigo —
Vê claramente o seu rosto, mas já não há realidade;
Ela já não confunde o reflexo com a sua cabeça.

Os estudantes estiveram imersos em falsas opiniões durante tanto tempo que, quando veem pela primeira vez a natureza real, as diferenciações ainda não estão claras por essa razão. É como uma mulher

que acordou tarde e agora se encontra diante de um espelho antigo: vê claramente tudo, isto e aquilo com total nitidez e, contudo, não existem imagens — noumeno e fenómeno estão completamente fundidos, natureza e características não estão separadas.

Diz-se que isto não possui realidade, tal como quando vêes o teu rosto no espelho todas as tuas feições aparecem e assim confundes a imagem no espelho com a tua própria cabeça. Quem reconhece o espelho da cognição perde então a substância fundamental. Mas isto não se refere ao espelho dos outros tipos de conhecimento; uma vez que vejas a natureza com clareza perfeita, todo o conhecimento e inteligência desimpedida aparecem. Este é o espelho do conhecimento.

Portanto, se a função da inteligência não está clara, o fundamental não foi penetrado; quando a função da inteligência está clara, inevitavelmente ficas preso ao espelho da cognição. Quando chegas aqui, precisas de procurar uma saída diferente. E não cometas o erro de dizer que não reconhecer absolutamente nada é correto; mesmo que realmente chegues ao ponto de não reconhecer nada, o jardim do Zen continua para além do horizonte. Tens de estar intensamente consciente da tua experiência quotidiana no noumeno de ver a natureza, sentindo interiormente alguma razão. Não penses que é fácil — a posição de surgir de dentro do absoluto é a derradeira saída transcendente da nossa escola. Assim se diz: “Dentro do nada existe uma estrada para fora do pó.”

“Dentro do nada” significa que, quando tudo está completo e tudo foi feito e procuras avançar na tua prática, afinal nada é alcançado. Isto chama-se o ponto onde a estrada termina. Tens também de passar por isso e ter uma vida para além, pois a tua realização anterior ainda não saiu do pó. É apenas quando alcanças esta estrada que saís do pó. Portanto, é totalmente impossível discutir aquilo que vem depois disto — encontrar a estrada de saída para uma vida além deve apenas ser investigado e determinado por ti próprio.

O velho Mestre Dongshan definiu provisoriamente termos e fez tantas explicações apenas para vos fazer saber que existe camada após camada de significado profundo; isto nem sequer é a intenção fundamental de Dongshan, então porquê acrescentar racionalizações para aumentar as preocupações dos outros? Em geral, é realmente difícil encontrar sequer uma ou duas pessoas que achessem com sucesso o “surgir de dentro do

absoluto”, por isso agora, ao definir ainda mais as posições de chegada em ambos e realização em ambos, torna-se realmente possível ver o estado único do Grande Mestre Dongshan. O elogio de Xuedou diz: “O seu alcance era afinal como um precipício de dez mil braças.”⁷ Pode dizer-se que sabe do que fala.

Todos os mestres Zen do passado e do presente que fizeram análises disto falharam em compreender inteiramente a aplicação deste ancião, por isso todos perdem o significado da repetição. Que pena! Esta definição de tantas posições para indicar os essenciais da escola pode parecer inferior a Linji e Deshan, mas, quando se trata de conduzir ao significado essencial, como poderia haver superioridade ou inferioridade? Na verdade, ele fez circular este resumo secretamente, aguardando descendentes poderosos, porque temia que nas gerações futuras não houvesse ninguém que dominasse pessoalmente o ensinamento e assim o verdadeiro pulso se perdesse.

Se os estudantes primeiro empregarem toda a sua força em surgir de dentro do absoluto, um dia terão uma vida para além; então regressem e observem a posição da chegada em ambos para ver porque foi estabelecida. O verso diz:

Duas lâminas cruzam as pontas, sem necessidade de recuar;
um perito é como um lótus no fogo.

Isto quer dizer que este não é o domínio de qualquer outra pessoa senão dos peritos que alcançaram eles próprios o maravilhoso. Portanto, primeiro tendes de alcançar esse domínio.

Ora, qual é o princípio da posição da realização em ambos? Vede como o antigo se estendeu com meios hábeis para que não permanecêsseis no único princípio de ver a natureza. Na escritura, Manjusri representa o grande conhecimento de ver a natureza, enquanto Samantabhadra representa o cultivo da prática após a iluminação.⁸ Li Tongxuan diz que, mesmo que possuas o grande conhecimento de Manjusri acerca de ver a natureza, sem a prática refinada de Samantabhadra após a iluminação acabarás por cair nas opiniões dos dois veículos.⁹

É como no ensinamento da Guirlanda de Flores, onde o verdadeiro despertar é alcançado no momento da inspiração inicial e, contudo, cinquenta tipos de ensinamentos são subsequentemente praticados. Quando

Sudhana estava no lugar do jovem Manjusri, realizou inicialmente pela fé.¹⁰ Depois, quando encontrou o monge Meghasri no cume da montanha do maravilhoso, num pico separado, a totalidade apareceu completamente e ele alcançou o ensinamento da luz do conhecimento que vê em toda a parte contemplando os domínios de todos os Budas.

A partir daí viajou gradualmente para sul, através de cento e dez cidades, visitando cinquenta e três mestres. Depois, com base na instrução de Maitreya, quis ver Manjusri novamente. Então Manjusri estendeu a mão direita para além de cento e dez léguas e bateu na cabeça de Sudhana.

Disse:

“Bem, bem! Homem virtuoso, sem a faculdade da fé, a mente é fraca, ansiosa e arrependida. Se a ação meritória é insuficiente e foges ao esforço diligente, permanecendo numa única raiz de bem e pensando que pouca virtude é suficiente, então não poderás realizar habilmente os votos e não serás aceite nem protegido por bons amigos. Não serás capaz de compreender uma verdade como esta, um princípio como este, um ensinamento como este, uma prática como esta, um domínio como este. Quer em relação ao conhecimento abrangente quer ao conhecimento diversificado, serás incapaz de sondar a fonte ou compreender completamente, ou entrar, ou saber explicar, ou analisar, ou realizar, ou alcançar.”

Quando Manjusri apontou isto a Sudhana, enquanto falava Sudhana realizou incontáveis verdades, foi impregnado com a luz imensurável do grande conhecimento, entrou pela porta do Bem Universal e, num único pensamento, viu tantos mestres quantos os átomos em mil milhões de mundos, assistiu a todos eles, aceitou respeitosamente as suas incumbências e recebeu e executou as suas instruções, alcançando a libertação do tesouro dos adornos do conhecimento proveniente da atenção plena sem esquecimento.

A escritura prossegue dizendo que Sudhana entrou num campo dentro de um poro do Bem Universal e, ao dar um único passo dentro do poro, atravessou tantos mundos quantos os átomos em inumeráveis e inexplicáveis campos búdicos, todos com Samantabhadras, Budas, campos, práticas e libertações equivalentes, todos inteiramente iguais, equivalentes, nem outros nem diferentes.

O Tratado Combinado diz:11

“Cinquenta modos de transcendência em cinco posições, cinco níveis de refinamento, distinguem amplitude e estreiteza de conhecimento e compaixão, crueza e maturidade, libertação e aprisionamento, oposição e concordância, combinando as diferentes quantidades e graus de virtude e sabedoria, para induzir os aspirantes a não considerarem suficiente permanecer num único ensinamento, ou mesmo em três, quatro ou cinco, ou dez, cem ou mil. O objetivo é fazê-los progredir e ascender até alcançarem o domínio infinitamente vasto da realidade tal como é. É por isso que cinco posições são aí definidas.”

Vede como o Buda discutiu tão bondosa e claramente as posições do Caminho para vós. Tudo isto são modelos de progresso no verdadeiro cultivo após a iluminação, expedientes onde não existem expedientes, graus no que não possui graus. O mesmo é verdade para as cinco posições de Dongshan e os quatro pontos de vista e as quatro relações hóspede-anfitrião de Linji — tudo isto são modelos para depois da iluminação.¹² Os estudantes do tempo presente não utilizam expedientes como estes para testar a sua realização, rejeitando-os com o clichê: “Que estacas para prender burros são estas?” Isso pode realmente parecer assim, mas as suas visões ainda têm muito pó e areia. Portanto, os estudantes não devem parar no único princípio de ver a natureza e deixar-se ficar aí.

1. *Ver Book of Serenity, caso 87, para comentários clássicos sobre esta história.*

2. *Para mais deste mestre, um dos primeiros luminares da seita Huanglong, ver The Pocket Zen Reader, pp. 63, 72; e Zen Lessons, casos 127–133.*

3. *Para Yantou (827–887), ver Teachings of Zen, p. 32; The Blue Cliff Record, casos 51 e 66, e o suplemento biográfico na p. 618; Book of Serenity, caso 22; Unlocking the Zen Koan, caso 13. Para Xuefeng (822–908), ver “Hsueh-feng” em “A Casa de Yun-men” em The Five Houses of Zen; The Blue Cliff Record, casos 5, 22, 49, 51, e o suplemento biográfico na p. 570; Book of Serenity, casos 24, 34, 50, 55; Unlocking the Zen Koan, caso 13. Para Dahui, ver Swampland Flowers; Zen Lessons, casos 145–151; “Zen Master Dahui” em Zen Essence. Para Xutang, ver Unlocking the Zen Koan, caso 20.*

4. O Mestre Dongshan era Liangjie (806–869). Ver *The Blue Cliff Record*, caso 43; *Book of Serenity*, casos 49, 89, 94, 98. O tratamento Rinzai do dispositivo das cinco posições é diferente do de Dongshan, baseado na revisão de Fenyang. Para mais sobre a estrutura original, ver “Caoshan sobre as Cinco Posições” em *Timeless Spring*; “A Casa de Ts’ao-Tung” em *The Five Houses of Zen*; e “Os Cinco Estados de Senhor e Vassalo”, o apêndice sobre dispositivos tradicionais de ensino em *The Blue Cliff Record*. Para o tratamento de Hakuin, ver “As Cinco Posições” em *Kensho: The Heart of Zen*.
5. Sobre este método Tendai de contemplação, ver *Stopping and Seeing*, pp. 113–122.
6. “Três contemplações numa só mente” significa ver a realidade temporal, a vacuidade e o caminho do meio ao mesmo tempo. Esta é uma prática da escola Tendai. Ver *Stopping and Seeing*, p. 34.
7. *The Blue Cliff Record*, caso 43.
8. Para Manjusri, ver *The Flower Ornament Scripture*, livros 9–12; para Samantabhadra (Bem Universal), ver livros 36–38. Ver também livro 39, pp. 1159, 1169, 1229, 1502, 1503.
9. Ver *Entry into the Realm of Reality* para o comentário de Li sobre o livro final da *Escritura da Guirlanda de Flores*, que apresenta ambas as figuras.
10. A história da peregrinação de Sudhana é o tema do livro final da *Guirlanda de Flores*.
11. Isto refere-se ao comentário de Li Tongxuan sobre a *Escritura da Guirlanda de Flores*.
12. “Os quatro pontos de vista de Linji” são retirar o sujeito mas não os objetos, retirar os objetos mas não o sujeito, retirar tanto sujeito como objetos, e não retirar nem sujeito nem objetos. Nos termos de prática usados neste tratado, o anfitrião representa ver a natureza, e o hóspede representa o conhecimento da diferenciação; as “quatro relações hóspede-anfitrião” de anfitrião e hóspede são as seguintes: o hóspede olha para o anfitrião, o anfitrião olha para o hóspede, o hóspede dentro do hóspede e o anfitrião dentro do anfitrião.

ATRAVESSAR BARREIRAS

O Grande Mestre Yunmen disse: “Em terreno plano os mortos são incontáveis; aqueles que conseguem sair de uma floresta de espinhos são os peritos.” Este é um dos ditos dos antigos difíceis de penetrar. O tempo presente está totalmente degenerado; é a isto que se chama os mortos em terreno plano. É por isso que é difícil encontrar um verdadeiro mestre Zen.

A Escritura do Sol Nascente diz: “Os sábios usam a visão penetrante para refinar as suas mentes; como ferro no minério, são necessárias centenas de fundições para produzir metal puro, tal como é preciso o constante bater do oceano para produzir os seus tesouros.”

Por esta razão, Shojū Rojin disse:

“Os monges Zen dos tempos recentes que tomam o dito de que um cão não possui natureza búdica e o abordam autenticamente com esforço puro e sem mistura todos atravessam, mas assim que atravessam um pouco pensam que alcançaram e pensam que estão iluminados. Falam em tom grandioso, mas isto é apenas um grande sinal de aprisionamento, promovendo opiniões subjetivas e aumentando o egoísmo. O jardim dos ancestrais continua ainda muito distante no horizonte. Se quereis alcançar genuíno conforto, quanto mais compreendeis mais trazeis à mente, quanto mais entendeis mais contemplais, até realmente verdes a questão final dos Budas e Mestres tão claramente como olhar para a palma da vossa mão.”

Peço aos estudantes que fixem os olhos e observem — em que estação estamos agora? O tempo é precioso. Para testar os ensinamentos que alcançastes, apresentei uma série de escrituras e tratados budistas. Examinai cuidadosamente e vede se aquilo que alcançastes está ou não de acordo com as escrituras e tratados. Se divergir ou contrariar as escrituras e tratados, então a vossa visão é enviesada e também superficial e simplista.

Falando da perspectiva de ver a natureza, como poderia haver qualquer razão para não estar em concordância? Aqueles que conseguem compreender plenamente e desenvolver conhecimento completo veem cada um dos infinitos ensinamentos dos Budas com clareza distinta, reconhecem cada um dos infinitos expedientes dos Budas com clareza distinta, compreendem claramente cada visão penetrante individual, cada

capacidade espiritual individual, cada libertação individual, cada estado individual e todos os princípios das infinitas diferenciações.

Os Três Tratados, as Características dos Fenómenos, o Lótus da Lei, o Desaparecimento Final, a Guirlanda de Flores, o Introdutório, o Extenso, a Visão Transcendente e o Ornamento Esotérico fundem-se sem obstáculos, e vedes através de todos eles.¹ Não interpretaís os significados literalmente; não distorceís o texto através do significado. Não confundis múltiplos ensinamentos com um único ensinamento, nem contradizeís um ensinamento com múltiplos ensinamentos. Apenas compreendei através da visão natural, não tenteis descobrir conscientemente. Se conseguirdes compreender com perfeita clareza quando chegardes aqui, conceder-vos-ei que tendes o olho para ler as escrituras.

É como as quatro características na Escritura da Consciência Completa: estas apontam o pó e a areia nas visões. Diz-se: “Estados mentais até à realização do fim último do conhecimento iluminado e perfeito do nirvana puro são todas características do eu.” Também se diz: “Estados mentais até à completa realização do nirvana são todos eu, porque a mente mantém algum entendimento. Se exaurirdes completamente os princípios realizados, todos são chamados características da personalidade.” Também se diz:

“Todas as realizações e entendimentos das pessoas são eu e personalidade. E onde as características do eu e da personalidade não alcançam, manter posse de objetos de entendimento chama-se a característica de um ser senciente. E o que é a característica de uma vida? Significa que, quando as mentes dos seres sencientes se concentram na pureza e têm uma sensação de compreender algo, que todo o conhecimento condicionado não consegue ver, isso é como a raiz da vida. Se a mente percebe qualquer consciência, tudo isso é considerado poluição de dados sensoriais, porque aquilo de que a consciência está consciente não está separado dos dados sensoriais.”

Isto é claramente apontado na escritura, mas como o aplicais? Quando a vossa visão penetrante é clara, esta é precisamente a substância da aparência do eu. Saber que a visão penetrante é eu e abandoná-la chama-se a aparência da pessoa. Onde eu e pessoa não alcançam chama-se a aparência de um ser. Quando todas as aparências desaparecem e transcendeis tudo, ainda assim não escapais à vida. Isto chama-se o vínculo

final. Onde assentam os monges Zen os seus corpos e estabelecem as suas vidas?

No tempo presente, as pessoas pensam frequentemente que não possuir conhecimento intelectual é Zen e, por isso, não usam escrituras nem tratados. Em vez disso dizem: “Qual é a necessidade de escrituras e tratados na transmissão especial fora da doutrina?” Ainda não percebem que, quando aquilo que está fora da doutrina é claro, aquilo que está nas doutrinas não interfere; mas, se aquilo que está fora da doutrina não admite aquilo que está nas doutrinas, então aquilo que está fora da doutrina também não é verdadeiro. Porquê? Porque, quando um espelho está claro, não seleciona aquilo que reflete; se os reflexos não aparecem, isso significa que o espelho não está claro. Estais a rejeitar as imagens dos objetos por causa do pó que cobre o espelho.

Se estais no Grande Caminho, não concebeis esta opinião, especialmente porque existem significados muito profundos nas escrituras que podem apontar tantas das vossas barreiras de percepção. É apenas porque a vossa visão não é clara que repudiáis as palavras douradas do Buda e não conseguis descobrir os significados ocultos nas escrituras difíceis de desvendar.

Não se trata de fazer uma religião das escrituras e tratados, mas apenas de usar escrituras e tratados como espelhos reveladores, usando o ensinamento para refletir a nossa própria natureza e usando a nossa própria natureza para refletir os ensinamentos. Ambos devem ser claramente compreendidos.

A escritura também diz:

“As pessoas da era final que não compreendem as quatro aparências podem praticar o caminho com intensidade diligente durante éones,² mas isto apenas pode ser chamado artifício — no fim não conseguem alcançar nenhuma das realizações dos sábios. Esta é a razão pela qual se chama a era final do verdadeiro ensinamento. Porquê? Porque o eu universal é tomado por nirvana e ter realização e ter iluminação chama-se cumprimento.”

Isto é realmente um grande cadeado — não interpreteis mal esta passagem pensando que é correto não haver realização nem iluminação. Esta escritura baseia-se na realização da pura consciência completa. Portanto, diz: “Se as pessoas da era final esperam completar o Caminho,

não as deixem procurar iluminação, pois isso apenas aumentará a sua aprendizagem formal e ampliará a sua opinião acerca de si mesmas.”

Subsequentemente também utiliza quatro doenças para ilustrar enfermidades da percepção, chamadas construção, cessação, espontaneidade e extinção. O uso do conhecimento com uma sensação de compreender algo chama-se a doença da construção. Seguir a natureza das coisas, sendo espontâneo aconteça o que acontecer, chama-se a doença da espontaneidade. Parar todas as percepções de modo que nem um único pensamento surja chama-se a doença da cessação. Total aniquilação e quietude absoluta sem atividade chama-se a doença da extinção.

Ora, disse-me, como aplicais isto na prática? Guifeng fez erradamente esta interpretação:³ “Ora, a razão pela qual são consideradas doenças é porque todas as quatro carecem de visão observadora.” Errado! Não é a visão observadora a própria substância da doença da construção? Ele também diz:

“É apenas porque induzem a mente a permanecer unilateralmente numa única prática, falhando em descobrir o significado completo junto de bons amigos e, no seu desejo de simplicidade, agarrando-se a uma só coisa e considerando-a completude, que a escritura as denuncia todas como doenças. Se conseguires dominá-las todas, sem fixação numa só, então poderás entrar no Caminho através de todas as quatro.”

Errado, errado! Se compreendes desta maneira, qual é a vantagem? Mesmo que consigas compreender todos os quatro princípios e o significado completo esteja distintamente claro, quando chegas aqui é como colocar espinhos nos teus olhos.

Escrituras como estas foram amplamente anotadas por seguidores de escolas de interpretação intelectual que todos falharam em captar o profundo significado do Buda. O discurso de Zhenjing sobre todos realizarem critica os imaturos; Heshan repudia a explicação subjetiva para advertir os estudantes.⁴ Assim, se quereis ler os ensinamentos antigos, não useis anotações. As anotações frequentemente obliteram a intenção do texto original.

Isto significa que as mensagens místicas nas escrituras difíceis de compreender andam de mãos dadas com as quatro aparências acima mencionadas, como um tambor envenenado, como uma fogueira, como um

diamante, como leite de leão. Se os estudantes querem compreender os significados profundos mencionados e libertar-se das aflições das visões mencionadas, antes de mais não construam interpretações aleatórias; apenas contemplem os ditos difíceis de penetrar.

Um deles é este: “O gado da Província de Huai come grão; os cavalos da Província de Yi ficam saciados.”

Outro é este: “Segurando uma enxada com mãos vazias, montando um búfalo enquanto caminha a pé, alguém atravessa uma ponte — a ponte flui, não a água.” Qual é a lógica disto?

Um monge perguntou a Zhaozhou: “As miríades de coisas regressam ao uno; para onde regressa o uno?” Zhaozhou disse: “Quando estava na Província de Qing, fiz uma camisa de pano que pesava sete libras.”⁵

Yunmen disse: “Remédio e doença acalmam-se mutuamente. A terra inteira é remédio — o que é o próprio eu?”⁶

Wuzu disse: “É como um boi a passar através da grade de uma janela — a cabeça, os cornos e as quatro patas já passaram; porque não consegue a cauda passar?”⁷

O incidente da torre memorial de Sushan, o exemplo de Zhaozhou ao examinar a mulher, os três tipos de doença de Jianfeng, os sorvedores de borras de Huangbo — existem bastantes koans destes;⁸ apenas tomai-os de acordo com as vossas afinidades psicológicas e vede do que tratam.

Este tipo de coisas são todas difíceis de acreditar, difíceis de compreender, difíceis de penetrar, difíceis de entrar. Não podem ser facilmente atravessadas; como uma fogueira, se vos aproximardes demasiado queimar-vos-ão o rosto. São como uma espada afiada — imitai-a e perdereis a vida. Apenas trazei-as à mente, não as interpreteis mal. Não são objetos de entendimento lógico nem objetos de discriminação. Estão muito para além do sentido comum, transmitindo sinais de forma distinta.

Quando os estudantes fazem uso do seu poder para gradualmente progredir ao longo do caminho, nenhum deixa de encontrar bastantes sinais; então, de uma só vez, usam mal as suas mentes e pensam ter sondado completamente a fonte. Alguns alegam-se, alguns descansam, alguns abrem grandes bocas para explicar aos outros, ainda sem perceberem que estão apenas a tomar emprestado o poder dos ditos para

adornar e dignificar as suas próprias opiniões e que isto não é o verdadeiro significado.

Continuai apenas a progredir e não pareis a meio do caminho. Um antigo disse: “Aqueles que alcançaram têm bolor a crescer nas bocas.” Por favor, mantende a boca fechada por agora e compreendei interiormente. O Budismo não é este ou aquele princípio.

No tempo presente existe também um tipo de pessoa que tende a conceber visões fáceis dos koans dos antigos. Todos igualmente os olham e dizem: “Uma barra de ferro não tem sabor — ah, ha, ha!” São como homens cegos a perguntar sobre a cor do leite: quando lhes dizem que é como uma concha, interpretam em termos de som; quando lhes dizem que é como neve, interpretam em termos de frio.

Ora, uma “barra de ferro” não significa que não exista sabor; significa que não há nada onde possas cravar os dentes — é isto que se chama uma barra de ferro. Apenas despertai uma atitude intensa de grande fortaleza onde não existe nada onde cravar os dentes e mastigai verticalmente, mastigai horizontalmente, mastigai e mastigai sem cessar e, subitamente, mastigareis através dela.⁹ Uma vez que a tenhais atravessado mastigando, encontrareis aí dentro o inesgotável sabor do Dharma. É isto que se chama uma barra de ferro — as pessoas posteriores não compreenderam e interpretaram-no erradamente como ausência de sabor.

É como a grande escritura da Guirlanda de Flores dentro de um átomo — não a podeis obter sem desfazer o átomo. Assim também é a barra de ferro — se tentardes procurar o Budismo sem mastigá-la até atravessá-la, nunca tereis sucesso.

O Mestre Zen Wuzu disse: “Quando cheguei à escola de Baiyun, roa uma trave de ferro e encontrei nela contidos todos os cem sabores.” Se uma barra de ferro não é atravessada pela mastigação, então não possui absolutamente sabor algum, por isso poderia ser chamada insípida; mas, se desistirdes sem a saborear, quando escapareis ao nascimento e à morte? Seria como segurar a escritura dentro do átomo sem a extrair, sendo falsamente aclamado como reverendo e passando a vida inteira na ociosidade. Mesmo que trabalhásseis durante a eternidade, que benefício haveria nisso?

Alguns dizem que a evocação do princípio e as funções são uma só coisa, que a evocação do princípio explica abertamente os princípios, enquanto as funções indicam secretamente os princípios.¹⁰ Isto é simplesmente uma ideia enganadora, cometendo o mesmo erro da noção acima mencionada de “ausência de sabor”. Porquê? O domínio percebido quando vedes a natureza essencial chama-se realização do princípio.

Se apenas permanecerdes no princípio solitário de ver a natureza, isso cola-se à vossa pele, adere aos vossos ossos e não conseguis realizar plenamente as subtilezas de diferenciação dos Budas e Mestres. Ora, para remediar isto, são citados muitos ditos diferenciadores para romper através disso. Estes chamam-se funções.

Por esta razão, Wuzu disse: “Se falais da mente e falais da natureza, isso é boca imunda.” Alguns dizem que, antes de Mazu e Shitou, todos ensinavam claramente através de princípios, enquanto depois de Mazu e Shitou, desde Linji e Deshan em diante, começaram a empregar funções, que não eram o mistério dos Budas e Patriarcas da antiguidade. O que não percebem é que o uso abundante de princípios pelos Budas e Patriarcas da antiguidade era afinal uma indicação do caminho, não realmente o significado interior dos Budas e Patriarcas.

Dizei-me — não apresentam as escrituras canónicas princípios? Porque insistiria a escola Zen numa fonte fora da doutrina, citando o sorriso perante a flor erguida? Porque não confiou o Buda princípios a Kasyapa?¹¹

Foi apenas porque as pessoas da antiguidade eram simples e diretas, inocentes e sinceras, que, quando o caminho lhes era apontado, avançavam diretamente para a passagem mística. É como uma pessoa inteligente que segue diretamente para casa assim que descobre o caminho, enquanto o ignorante pára algures a meio, imaginando que aquilo é a sua terra natal. Quando se trata de pôr de lado o caminho e apontar diretamente para a fonte, Buda e Mestres empregaram todos funções como “erguer uma flor” e “sorrir”, e “derrubar o mastro da bandeira”.¹²

Ora, dizei-me, quando chegais aqui, que princípio existe para falar? Podeis chamar princípios a estas coisas? Os sucessores posteriores apenas transmitiram uma única experiência; os seus versos sobre a transmissão do Dharma são exemplos de funções. Existe algum discurso assim no cânone

das escrituras? É como uma fogueira, como uma espada de diamante — se permanecerdes aí a tentar ter uma discussão, perdereis a vida.

Se interpretardes o significado literalmente, isto é naturalmente conversa comum. Como poderiam reverendos iniciados no Dharma não saber pelo menos isto? Então qual é o significado individualmente transmitido de um para um numa linhagem sem desvios? E porque receberam eles este Dharma apenas depois de já terem compreendido a mente e alcançado o Caminho e, finalmente, encontrado mestres com a transmissão não distorcida, seguindo-os durante muitos anos?

O Mestre Zen Yuanwu disse:

“Desde que existiram mestres, eles trabalharam apenas na transmissão exclusiva do apontar direto, não gostando de gotejar água e arrastar lama, estabelecer sinais e dispor clichés para fazer tolos das pessoas. O Buda Sakyamuni, em mais de trezentas assembleias, estabeleceu ensinamentos em resposta às capacidades, oferecendo orientação para a época. Tudo isso foi muito indireto, por isso no fim chegou aos essenciais para lidar com as capacidades mais elevadas. Embora as vinte e oito gerações desde Kasyapa mostrassem algumas funções, a maioria revelou princípio; mas, quando chegou o momento de transmitir a transmissão, todos sem exceção a apresentaram diretamente, como dizer ‘Derrubem o mastro da bandeira do santuário’, colocar uma agulha sobre uma tigela de água, mostrar um círculo, agarrar uma bandeira vermelha, pegar num espelho claro. Proferiram versos transmitindo o Dharma que eram como barras de ferro.

Bodhidharma refutou seis seitas e provou a sua doutrina aos outsiders, e assim o mundo ficou em paz.¹³ Ele girou o ‘Eu sou uma divindade, tu és um cão’,¹⁴ os seus funcionamentos espirituais tão rápidos que não podiam ser compreendidos através de discussão ou pensamento. Depois, quando veio para Liang e viajou para Wei, falou abertamente do selo mental puramente transmitido fora da doutrina.¹⁵ As instruções das seis gerações de grandes mestres foram explícitas e óbvias. Quando chegou o momento do Grande Espelho de Caoqi, ele demonstrou domínio da explicação e domínio da fonte em detalhe.¹⁶

Após a passagem de muito tempo, grandes mestres Zen profundamente libertos e com percepção correta mudaram para abrir caminho, de modo que a longa permanência sobre nomes e formas não

caísse em discussão abstrata. Libertaram funções vivas, livres, independentes e subtis. Finalmente vemos o uso da bastonada e do grito, rejeitando palavras por meio de palavras, retirando expedientes por meio de expedientes, combatendo veneno com veneno, refutando ações com ações.”

Vede como aquele homem antigo explicou tudo minuciosamente com clareza distinta. O facto é que, desde a Idade Média, o carácter das pessoas tornou-se perverso e distorcido, por isso demoram-se no processo, desejando avidamente realizar os resultados. Portanto, portões fechados foram provisoriamente estabelecidos para averiguar o que tinha sido alcançado. Estes chamam-se koans, “decisões oficiais”. Isto é como funcionários num posto de passagem a verificarem a autenticidade antes de permitirem a entrada. Se quiseses ir para a capital sem passar pelos postos de controlo, nunca encontrarás um caminho. Se conseguires atravessar cada posto de controlo das funções, os princípios explicados pelos Budas e Mestres ao longo do caminho também se tornarão claros. Caso contrário, mesmo que compreendas os princípios, isto continua a ser informação exterior ao portão, não verdadeiramente experiência dentro da casa dos Budas e Mestres. Portanto, deveis compreender que as expressões verbais possuem muitas subtilezas.

Antigamente um monge perguntou a Xuefeng: “Como é quando a nascente está fria no vale antigo?”

Xuefeng disse: “Quando olhas diretamente, não vês o fundo.”

O monge perguntou: “E quanto àquele que bebe dela?”

Xuefeng disse: “Não entra pela boca.”

O monge citou isto a Zhaozhou. Zhaozhou disse: “Não pode entrar pelo nariz!”

O monge perguntou então a Zhaozhou: “Como é quando a nascente está fria no vale antigo?”

Zhaozhou disse: “Doloroso.”

O monge perguntou: “E quanto àquele que bebe dela?”

Zhaozhou disse: “Ele morre.”

Quando Xuefeng ouviu isto, disse: “Zhaozhou é um Buda antigo; inclino-me diante dele à distância. A partir de agora não darei mais respostas.”

Olhai — Xuefeng, Grande Mestre da Verdadeira Iluminação, possuía os principais olhos Zen do seu tempo; os mestres Yunmen, Xuansha, Changqing e Baofu emergiram todos da sua escola.¹⁷ Ainda assim, quando ouviu a resposta de Zhaozhou, inclinou-se à distância e deixou de dar respostas por sua própria iniciativa. De que se tratava tudo isto? Pensais que isto é “insípido”? Pensais que não tem significado? Pensais que está ao nível do estado de Xuefeng, ou para além do estado de Xuefeng? Se realmente conheceis este significado profundo, podeis vós mesmos caminhar de mãos dadas com Xuefeng.

Quando Sushan ouviu um único exemplo de um dito do mestre do Monte Dayu, inclinou-se à distância e disse: “O antigo Buda do Monte Dayu irradia luz até aqui.”

No momento em que o Eremita do Pico do Lótus ouviu dizer que “um cavaleiro gosta de riqueza mas obtém-na de forma principiada”, exclamou espantado: “Ainda existe um descendente de Yunmen!” A meio da noite acendeu incenso e inclinou-se na direção de Yunju.¹⁸

Dizei-me, se estas coisas fossem insípidas ou sem significado, quem não seria capaz de as dizer? Agora, enquanto observo em redor, aqueles que sabem ser insípidos, aqueles que sabem furtar bolsos em plena luz do dia e aqueles que sabem ser desprovidos de mente são extremamente comuns: assim que são questionados, gritam, ou batem, ou vomitam ditos, ou fazem mímica. Se Xuefeng e Sushan estivessem vivos hoje, mesmo que vos inclinásseis para leste diante deles todas as manhãs e vos inclinásseis para sul diante deles todas as noites, nunca terminaríeis! Mesmo que existissem pessoas como Xuefeng e Sushan, o que haveria de extraordinário nelas?

Além disso, não podeis dizer que não havia ninguém na antiguidade mas existe agora. Não cometais o erro de passar por eles em vão, de modo a nada obterdes deles — com fé clara de que os ditos possuem muito significado, examinai-os de perto para alcançar resolução. Se não compreenderdes clara e completamente cada uma de todas estas diferenciações, então, mesmo que os vossos olhos sejam vazios como o

espaço e a vossa energia engula o universo, continuais a ser um espírito de raposa selvagem a vaguear pelas terras ermas.

Por esta razão, o Mestre Nacional Daito disse num verso japonês:19

Há já mais de trinta anos
Que também eu vivi numa caverna de raposa;
Agora até o humano transformado
Se tornou civilizado.

1. *Estas referem-se a escolas, escrituras e corpos de ensinamentos budistas. A escola dos Três Tratados trata da compreensão analítica da vacuidade dos fenómenos. A escola das Características dos Fenómenos baseia-se na doutrina da mera representação, referindo-se à natureza descritiva da realidade convencional tal como a cognizamos. A Escritura do Lótus da Lei rebaixa o nirvana a um expediente estratégico e introduz visões do Veículo Único e da iluminação abrangente. A Escritura do Desaparecimento Final enfatiza a eternidade da realidade subjacente ao ensinamento e identifica o Buda, o Ensino e a Comunidade com o ser-tal-como-é. A Guirlanda de Flores ensina a relatividade universal, resumida pelo princípio “Tudo em um, um em tudo”. As doutrinas Introdutórias referem-se às escrituras do Pequeno Veículo, enfatizando purificação e nirvana. As escrituras Extensas, ou Universais, afastam gradualmente a mente do Pequeno Veículo para se concentrar no Grande Veículo. As escrituras da Visão Transcendente libertam a mente do apego aos ensinamentos como objetos mentais. A Escritura do Ornamento Esotérico apresenta a doutrina mística da budeidade neste corpo.*

2. *“As quatro aparências” referem-se às aparências acima mencionadas de eu, pessoa, ser e vida.*

3. *Guifeng Zongmi foi um mestre Zen erudito da China da dinastia Tang; grande parte da sua obra perdeu-se.*

4. *Zhenjing foi um dos grandes mestres da seita Huanglong do Zen na China da dinastia Song; ver Zen Lessons, casos 51–56; Teachings of Zen, pp. 67–71. Para Heshan, ver The Blue Cliff Record, caso 44.*

5. *The Blue Cliff Record, caso 45.*

6. *The Blue Cliff Record, caso 87.*

7. *Unlocking the Zen Koan, caso 38.*

8. Para Zhaozhou, ver *Unlocking the Zen Koan*, caso 31; *Book of Serenity*, caso 10. Para Jianfeng, ver *Book of Serenity*, comentário ao caso 46. Para Huangbo, ver *The Blue Cliff Record*, caso 11.

9. Aqui, “verticalmente” refere-se ao trabalho na quietude, onde intensidade e intemporalidade se assemelham tanto à ascensão vertical às alturas como à descida vertical às profundezas, enquanto “horizontalmente” refere-se ao trabalho na atividade, onde a passagem através do tempo e a consciência expansiva se assemelham à extensão horizontal.

10. “Evocação do princípio” e “funções” são as duas primeiras de três categorias de koans no sistema de Daio e as duas primeiras de cinco categorias de koans no sistema da escola de Hakuin que Torei e outros mestres ajudaram a desenvolver.

11. Ver *Unlocking the Zen Koan*, caso 6.

12. Ver *Transmission of Light*, caso 3; e *Unlocking the Zen Koan*, casos 6 e 22.

13. Ver J. C. Cleary, *Zen Dawn*, para obras atribuídas a Bodhidharma.

14. Isto refere-se a Kanadeva, sucessor de Nagarjuna, associado à exposição da vacuidade e do caminho do meio. A escola chinesa dos Três Tratados do Budismo baseia-se nas obras de Kanadeva e Nagarjuna. Para este diálogo, ver *The Blue Cliff Record*, comentário ao caso 13.

15. Isto refere-se ao transplante do Zen para a China por Bodhidharma. Ver *The Blue Cliff Record*, caso 1.

16. Para os ensinamentos atribuídos a este mestre, Huineng, ver *The Sutra of Huineng: Grand Master of Zen*.

17. Para discursos de Xuefeng, ver “A Casa de Yun-men” em *The Five Houses of Zen*; para koans de Xuefeng, ver *The Blue Cliff Record*, casos 5, 22, 49, 51; *Book of Serenity*, casos 24, 50, 55; *Unlocking the Zen Koan*, caso 13. Para discursos de Yunmen, ver “A Casa de Yun-men” em *The Five Houses of Zen*; para koans de Yunmen, ver *The Blue Cliff Record*, casos 6, 8, 14, 15, 22, 27, 34; *Book of Serenity*, casos 11, 40, 82, 92, 99; *Unlocking the Zen Koan*, casos 15, 16, 21, 39. Para discursos de Xuansha, ver “A Casa de Fa-yen” em *The Five Houses of Zen*; para koans de

Xuansha, ver The Blue Cliff Record, casos 22 e 88; Book of Serenity, caso 81. Para koans de Changqing e Baofu, ver The Blue Cliff Record, casos 8, 22, 23, 95.

18. *Sobre “o Eremita do Pico do Lótus”, ver The Blue Cliff Record, caso 25.*

19. *Como o discurso de Torei está escrito inteiramente em kanbun, o tipo de chinês literário escrito no Japão, por vezes chamado sino-japonês, a transcrição deste verso vernacular no uso arcaico anterior à invenção dos sistemas de escrita japoneses, usando caracteres chineses numa mistura de aplicações semânticas e fonéticas, cria efeitos com nuances para os japoneses que não podem ser reproduzidas em tradução.*

20.

6

TRANSCENDÊNCIA PROGRESSIVA

Aqui existe o caminho da expressão individual progressiva. Isto chama-se a experiência que os mestres ancestrais não transmitiram. Por isso Banshan disse: “A estrada para além não foi transmitida por mil sábios; estudantes que brincam com formas são como macacos a agarrar reflexos.”

Isto também se chama a última palavra. Fushan disse: “Na última palavra alcanças finalmente uma barreira inabalável.”

A mensagem orientadora não está na explicação verbal: aquilo que Budas e Mestres desde a antiguidade receberam sucessivamente uns dos outros sem erro foi, em todos os casos, esta única experiência. Mesmo que monges Zen investiguem verdadeiramente as subtilezas misteriosas em profundidade, atravessem múltiplas barreiras e vejam através de histórias impenetráveis indo além, e ainda assim tropecem nesta pequena tarefa, isso não acontece por outra razão senão porque os seus votos de compaixão não são profundamente sérios e a sua vontade e atitude não são elevadas e transcendentais, o seu arrependimento não é sincero e a sua dúvida não é completa. Como sempre, permanecem nos seus velhos hábitos.

Por esta razão, antigos como o Mestre Nacional Shoitsu estabeleceram provisoriamente três fundamentos — princípio, funções e progressão — para remediar esta decadência.¹ Desde a Idade Média, as pessoas analisam

ditos para os classificar como auxiliares da compreensão intelectual. O que não percebem é que as vossas experiências de ver a natureza são todas princípio, os ditos dos Budas e Mestres difíceis de compreender são todos funções, e na experiência da transcendência progressiva existem indicações de possuir uma vida para além. A razão pela qual a nossa escola Zen coroa todas as escolas é precisamente por transmitir este elemento. Se simplesmente ver a natureza claramente fosse considerado suficiente, que necessidade haveria de estabelecer a nossa escola além disso?

Considerai a grande assembleia no Pico do Abutre.² Pensais que foi fácil chegar lá? Todos tinham passado por refinamento repetido e estavam completamente realizados em princípio e facto, em natureza e características. Pensais que o entendimento e conhecimento deles eram inferiores aos vossos? Obviamente não os podeis igualar. Ora, sendo eles assim, porque foi apenas o Reverendo Kasyapa quem irrompeu num sorriso? Ananda também acompanhou o Buda durante trinta anos, e o seu entendimento na assembleia Surangama em particular era extremamente profundo,³ e ainda assim não compreendeu — porque foi ele ter com Kasyapa para receber a transmissão deste ensinamento?

No tempo presente, os estudantes pensam que é fácil. Não consideram precedentes antigos como estes. Depois de estudarem algum Zen, desperdiçam as suas vidas no lazer. Que tristeza! A escola de Bodhidharma está extinta!

Alguns dizem que a escola de Bodhidharma consistia em apontar diretamente para a mente humana, ver a sua natureza e tornar-se iluminado, então como poderia existir qualquer princípio para além de ver a natureza? Isto pode ser verdade até certo ponto, infelizmente, mas disse-me, se o ensinamento de Bodhidharma fosse apenas acerca de ver a natureza, porque existiriam diferenças de pele, carne, ossos e medula?⁴ Supondes que ele enganava as pessoas?

Quando Baizhang teve o nariz torcido pela primeira vez por Mazu, viu claramente através da situação; porque existe então a história da sua segunda investigação?⁵ Ele disse numa assembleia: “O Budismo não é uma questão pequena. No passado fiquei ensurdecido durante três dias por um único grito de Mazu.”

Quando Zhang Wujin estava a ler as citações de precedentes de Xuedou,⁶ ao chegar à história de Baizhang visitando Mazu, disse: “O ouro puro altamente refinado não muda de cor.” Atirando o livro para o lado, disse: “Se realmente fosse como isto diz, como poderia Linji existir hoje?” E compôs um verso dizendo:

O único grito de Mazu no Pico do Grande Herói —
O som entra-lhe no crânio, ensurdecido durante três dias.
Quando Huangbo ouviu isto, mostrou a língua;
Em Jiangxi estabeleceram a partir disto o estilo da escola.

Mais tarde disse a Yuanwu: “Eu costumava não gostar da apresentação de Xuedou acerca da afirmação de Baizhang de que ficou ensurdecido durante três dias, e dizia: ‘O ouro puro altamente refinado não mudaria de cor.’ Agora percebo claramente que não compreendia a verdadeira escola de Jiangxi.”

Yuanwu disse: “Recentemente escrevi um verso sobre isso precisamente com o mesmo significado que o teu.”

Wujin disse: “Posso ouvi-lo?”

Yuanwu recitou:

Erguer o espanador e suspender o espanador,⁷
A obra inteira aparece e desaparece.
“Em unidade com isto ou separado disto?”
O seu discurso parece traçar uma linha.
O trovão ressoa diretamente do topo da cabeça,
Extraíndo com agulha a doença fatal.
Ensurdecido durante três dias ao receber um grito,
Se o poder espiritual da cria de leão lançasse um contra-ataque,
Até ouro puro refinado cem vezes perderia a sua cor.

Wujin ficou satisfeito. Disse: “Sempre tive receio de que o caminho dos mestres tivesse enfraquecido, mas agora posso dizer que vi um grande estadista em trajes de monge. Felizmente existe alguma razão para além.”

Linji, por exemplo, foi grandemente iluminado primeiro com sessenta pancadas de bastão de Huangbo, mas depois também permaneceu associado a ele durante vinte anos, lançando-se numa forja viva, para ser

fundido cem vezes e refinado mil vezes. Finalmente subiu a montanha no meio do retiro de verão, permaneceu alguns dias e depois despediu-se.

Huangbo disse: “Interrompeste o retiro de verão para vir aqui; agora estás a partir sem completar o verão.”

Linji disse: “Vim durante algum tempo prestar-vos respeito.”

Huangbo então expulsou-o. Depois de ele ter caminhado cerca de uma milha, Linji começou a ter algumas dúvidas acerca disto, por isso regressou e terminou o retiro de verão.

Um dia despediu-se de Huangbo. Huangbo perguntou: “Para onde vais?”

Linji disse: “Se não for para sul do rio, acabarei a norte do rio.”

Huangbo então bateu-lhe. Linji agarrou-o, segurou-o e deu-lhe uma bofetada. Huangbo soltou uma grande gargalhada e chamou o seu assistente: “Traz a almofada de meditação e a secretária do meu falecido mestre Baizhang.”

Linji disse: “Assistente, traz fogo.”

Huangbo disse: “Embora estejas certo, pega neles e vai-te embora — mais tarde cortarás as línguas de toda a gente sobre a terra.”

Ora, dissei-me, do que se tratava tudo isto? Hoje em dia as pessoas costumam dizer: “A sua mente ladra ainda não tinha morrido.” Ha, ha! Se desperdiçardes tempo desta maneira, um dia tereis arrependimentos.

Yunmen disse: «Não ter qualquer problema no mundo é uma expressão de transição; mesmo quando és capaz de não ver uma única forma, isso é apenas metade da questão. Também deves saber que há um momento em que a questão inteira é trazida à tona, acima e para além disso.»

Sushan disse: «Antes da era Xiantong, eu conhecia aquilo que pertence ao corpo da realidade; depois da era Xiantong, conhecia aquilo que está para além do corpo da realidade.»[8]

Somos afortunados por termos tais exemplos dos antigos; porque não ser completos? Considerem versos como os de Xuedou sobre cem exemplos — em cada um deles ele quis transmitir este pequeno ponto aos

descendentes. Na verdade, todos os mil e setecentos kōans são informação acerca deste pequeno ponto. Dentro deles encontram-se o próximo e o distante, o grosseiro e o subtil, o completo e o incompleto, a fim de testar se reconhecem ou não este pequeno ponto.

Por isso, *The Blue Cliff Record* diz:

«O jade é testado com água; o ouro é testado com uma pedra; uma espada é testada com um cabelo; a água é testada com um bastão. Na escola dos monges de manto remendado, com cada palavra, cada frase, cada acto, cada estado, cada saída, cada entrada, cada saudação, cada resposta, precisas de ver o superficial e o profundo, precisas de ver se alguém está voltado para diante ou para trás.»

No tempo presente há alguns genuínos homens de manto remendado que aplicam grande dúvida aos ditos durante anos, segundo o modelo dos antigos; quando chega o momento e o seu trabalho amadureceu, um dia realizam subitamente a iluminação. Porque aquilo que alcançam emerge das histórias dos antigos acerca do fim último, já pensam que o conhecem. O que ainda não percebem é que isto é um acontecimento ao longo do caminho.

Por exemplo, a história do cão de Zhaozhou apresenta basicamente de forma clara a tarefa da transcendência progressiva, não sendo uma questão menor;[9] ainda assim, quando os estudantes estudam esta história pela primeira vez e subitamente penetram nela, apenas alcançaram o portão — isto é apenas tomar temporariamente emprestado o poder do dito para obter acesso ao terreno da natureza essencial; ainda não é o conhecimento completo do significado mais profundo.

Simplemente porque as pessoas se afastaram da consciência e se envolveram nos objetos desde um tempo sem princípio, os seus hábitos de confusão estão profundamente enraizados, e assim, quando chegam a encontrar este Zen transcendente, tudo o que alcançam pertence ao processo. É por isso que tenho de distinguir isto e colocá-lo no seu devido lugar, repetindo cuidadosamente, empenhado em indicar os essenciais do Zen. Que os conhecedores procurem compreendê-lo por si mesmos.

Yantou disse: «Mesmo o grande Deshan não conhece a última palavra.» Também disse: «Lamento não lhe ter dito a última palavra logo no início; se lha tivesse dito, ninguém poderia fazer-lhe nada.»[10] Digam-

me, qual é este princípio? Se não houvesse absolutamente nenhum significado, teria ele dito estas palavras?

Mas não interpretem um kōan logicamente e pensem que é isso. Procurar isto nos kōans está muito longe; têm de atravessar até à libertação sobre o kōan antes de o compreenderem. O Mestre Zen Wuzu Fayan estudou primeiro com Yuanzhao Ben e compreendeu todas as histórias, antigas e contemporâneas. Depois encontrou Fushan Yuanjian, que lhe disse: «O Buda tinha um dito secreto; Kasyapa não o ocultou.» As dúvidas de Wuzu dissolveram-se então. Mais tarde estudou com Baiyun.

Um dia citou a história de um monge que perguntava a Nanquan acerca da jóia que satisfaz os desejos, e quis fazer uma pergunta sobre ela. Baiyun repreendeu-o, e Wuzu atingiu a iluminação, rebentando em suor por todo o corpo.

Pouco depois, Baiyun colocou Wuzu no cargo de chefe do moinho. Um dia Baiyun foi ao moinho e falou com Wuzu.

«Sabes alguma coisa?», perguntou.

«Não», respondeu Wuzu.

Baiyun disse: «Recentemente vieram vários viajantes Zen do Monte Lu. Todos eles experimentaram iluminação e, quando lhes peço que expliquem Zen, conseguem explicá-lo; conseguem também comentar apropriadamente e comparar e criticar passado e presente.»

Wuzu perguntou: «Como lidaste com eles?»

Baiyun respondeu: «Disse-lhes simplesmente que ainda não tinham chegado lá.»

Wuzu sentiu grande dúvida acerca disto. Pensou para consigo: «Se foram iluminados, e conseguem explicar e compreender, como é que ainda não chegaram lá?» Continuou a interrogar-se durante dias sem fim, ao ponto de comida e bebida não terem sabor. Sete dias depois finalmente percebeu o significado disto, e de uma só vez abandonou aquilo que até então estimara.

Correu para ver Baiyun. Baiyun alegrou-se imensamente por ele, mas Wuzu apenas soltou uma gargalhada, nada mais.

Wuzu contava sempre esta história aos estudantes, observando: «Por causa disto, rebentei em suor por todo o corpo. A partir daqui compreendi o “vento claro depois de descarregar”.»

Também disse à comunidade: «Viajei durante quinze anos. Primeiro visitei o Mestre Xian e obtive o cabelo. Depois encontrei um velho adepto em Sihai e obtive a pele. Em seguida fui ter com o ancião Fushan Yuanjian e obtive os ossos. Subsequentemente, na residência do Mestre Baiyun, obtive a medula. Só então presumi aceitar a transmissão e trabalhar como mestre dos outros.»[11]

Vejam como atravessou tantas dificuldades antes de estar apto a ser chamado um grande mestre. Digno de estima, restaurador da escola Linji — se não tivesse feito tudo o que fez, existiriam hoje os seus descendentes?

Agora digo-vos claramente: mesmo que realizem a vossa natureza essencial e compreendam os kōans, e consigam explicar o Zen e comentar em conformidade com a escola dos mestres e comparar habilmente o falso e o verdadeiro do passado e do presente, quando chegam aqui ainda nem sequer sonharam com isso. Qual é este princípio? Quando a vossa busca alcança este ponto, precisam de ter alguma clareza.

O Mestre Nacional Daio estudou com Xutang. Quando Daio se preparava para regressar ao Japão, Xutang despediu-se dele com um verso:

«Batendo à porta da escola,
Onde a estrada terminava, ele continuou,
Dizendo claramente ao Velho Xutang
Que os seus descendentes além do Mar Oriental
Aumentariam com o passar dos dias.»

Digam-me, a que se refere isto? Porque aceitou ele a predição de aumento com o passar dos dias? As pessoas não fazem ideia de onde isto vem e chamam-lhe erradamente inconcebível.

Uma vez que batera à porta da escola dos Budas e Mestres e compreendera tudo em detalhe, revendo milhares e milhares de vezes, estudando todo o Zen que pode ser estudado, compreendendo todos os ensinamentos que podem ser compreendidos, penetrando todos os ditos que podem ser penetrados, que estudaria ele agora? Quando já não conseguem

encontrar absolutamente nada para investigar, isso chama-se o fim da estrada. Se ele tivesse parado aí, que teria Daio de tão extraordinário?

Por esta razão, as admoestações finais do Mestre Nacional Kanzan dizem:

«Há muito tempo, o nosso ancestral Daio enfrentou cedo as dificuldades do vento e das ondas para ir para a China. Encontrou o velho Mestre Zen Xutang em Jingci, estudou sinceramente e teve realização genuína. Mais tarde completou os ensinamentos esotéricos em Jinshan. Foi por isso que recebeu elogios por continuar quando a estrada termina e recebeu a predição de que os descendentes aumentariam dia após dia. A transmissão pura da linhagem ortodoxa de Yangqi para o nosso país foi a realização do nosso grande ancestral.»[12]

Devem saber que isto é muito significativo.

O Mestre Nacional Daito estudou primeiro com Bukkoku. Através de procura genuína e esforço puro, uma noite foi subitamente grandemente iluminado. A meio da noite bateu à porta de Bukkoku para apresentar a sua compreensão. Bukkoku disse: «Isto é percepção genuína. Deves erguer a bandeira do Dharma e estabelecer uma escola.»

Depois disso Daito ouviu dizer que os métodos de Daio eram muito severos, e dirigiu-se para Quioto, indo diretamente ao lugar de Daio. Enquanto trocavam perguntas e respostas de um lado para o outro, Daio não concordava minimamente com ele.

Então Daio colocou a questão: «Wuzu disse a Foyan:[13] “Um boi passa através de uma grade de janela: cabeça, cornos e quatro cascos conseguem sair; porque não consegue a cauda sair?” Tenta fazer uma afirmação.» O Mestre Nacional Daito comentou: «Adivinhando com uma concha, ele escuta o som vazio.»

Daio disse: «Agora isso já se parece com alguma coisa.»

Depois disso Daito procurou instrução manhã e noite, sem ousar regredir. Daio apresentou-lhe também o dito: «As sobancelhas de Cuiyan ainda lá estão? Yunmen disse: “Uma barreira!”»[14] Daito comentou: «Ele acrescenta erro a erro.» Daio disse: «Tens razão, mas se conseguires concentrar-te na palavra barreira, um dia terás uma vida para além.»

Mais tarde penetrou subitamente a palavra barreira. O suor escorreu-lhe por toda a espinha. Correu para a sala do mestre e comentou: «Quase da mesma maneira.» Daio ficou muito surpreendido. Disse: «Na noite passada sonhei que Yunmen vinha ao meu quarto, e hoje atravessaste a sua palavra barreira. És um segundo aparecimento de Yunmen!» Daito tapou os ouvidos e saiu.

No dia seguinte apresentou dois versos:

«Uma vez atravessada a barreira das nuvens,[15]
Sul, norte, este, oeste, a estrada viva estava clara.
Hospedando-me de noite, viajando de dia, nem hóspede nem anfitrião,
Os meus pés levantam uma brisa pura sob os passos.

Ao atravessar a barreira das nuvens, o antigo caminho já não está lá:
Sob o céu azul em plena luz do dia, esta é a minha montanha natal.
A roda da potencialidade atravessa e transforma, difícil de alcançar para as
pessoas;
O asceta dourado desiste e regressa a casa.»

Daio pegou num pincel para escrever um posfácio: «Concordas tanto na luz como na escuridão: eu não sou tão bom como tu. Contigo, a nossa escola florescerá. Mas amadurece durante vinte anos antes de deixares as pessoas saber desta confirmação.»

Esse Mestre Zen Bukkoku era profundamente admirado por Bukko e foi mestre de Muso;[16] como poderia ter pronunciado facilmente palavras de aprovação? O facto é que Daito já estava claramente iluminado; apenas lhe faltava um pouco. Quando entrou na presença de Daio, a sua realização era como uma sombra, como uma poça comparada a um oceano, como um cabelo no imenso céu, como uma formiga tentando abalar um pilar de ferro, um mosquito numa ventania. Não deveria ele alegrar-se? Quem não procuraria isto?[17]

Eu próprio experimentei primeiro clareza distinta na Montanha Flor de Lótus, na província de Omi, mas quando mais tarde fui à caverna do Incorrigível [Hakuin],[18] nem sequer conseguia abrir a boca. A partir daí baixei a cabeça das nuvens e procurei instrução manhã e noite.

Um dia o meu mestre disse: «Suponhamos que um poderoso demónio vinha por trás de ti, estendia a mão, agarrava-te e atirava-te para um fosso

ardente de fogo. Nesse ponto, terias alguma saída?» Naquele momento fui incapaz de me levantar e sair da sala do meu mestre; senti tanta vergonha que rebentei em suor por todo o corpo. Depois disso, sempre que entrava na sua sala, o mestre perguntava: «Tens uma saída?» Eu nunca conseguia responder. Se eu tivesse sido como vocês, com a vossa atitude despreocupada, não poderia ter respondido com uma ação ou um objeto? Porque respeito profundamente e acredito no significado de ser completo, nunca disse nada para encobrir.

Agora eu estava inquieto o tempo todo. Até o universo parecia apertado; o sol e a lua pareciam escuros. Na primavera do ano seguinte, 1744, pedi para me retirar em reclusão a fim de procurar completude dia e noite.

O mestre veio um dia e disse: «O estereótipo do homem firme está diante de ti. Não tenhas medo do estereótipo; apenas descobre a origem do estereótipo. É por isso que se diz que os antigos se preocupavam em morrer sem reviver, enquanto as pessoas de hoje se preocupam em reviver e, por isso, não morrem.

“É como cair na água. Só quando alcanças o fundo podes subir assim que os teus pés tocam. Se tiveres tanto medo de afundar que te debates selvaticamente com mãos e pés, todo o teu corpo se cansará e afogar-te-ás.

“Isto chama-se largar-se sobre um precipício íngreme e depois, após perecer, regressar à vida. Tens de ser completo.”»

Quando ouvi estas palavras, foi como engolir manteiga clarificada. A partir desse momento o meu trabalho fortaleceu-se grandemente, e estimulei-me ainda mais.

Subsequentemente li o *Sutra do Diamante* durante vários dias e subitamente alcancei absorção na visão transcendente, ao ponto de esquecer corpo e mente.[19] Depois, para testar isto, li também a secção [do *Sutra da Guirlanda de Flores*] sobre os votos práticos da Bondade Universal,[20] e adquiri algum conhecimento do cosmos da Guirlanda de Flores. Em seguida li o *Sutra do Lótus*,[21] e ao chegar à secção da duração da vida, subitamente realizei o samadhi do Lótus e vi todos os ensinamentos da vida inteira do Buda como se os estivesse a ver na palma da minha mão.

Corri para dizer ao mestre: «Há muito que queria ler o cânone, mas nunca o terminei. Agora vejo através dele num relance.» O mestre disse: «Bom! Esta tua felicidade é como a história da subida à torre do presidente ministerial Chen Cao.[22] Como a compreendes?»

Disse-lhe honestamente. O mestre respondeu: «Sê consciencioso.» Também disse: «Falando em nome do funcionário, como agradarias ao presidente do ministério?» Tentei vários ditos, mas nenhum o satisfaz. No dia seguinte, numa entrevista, consegui apresentar um dito que levou o mestre a levantar-se inconscientemente e bater-me duas vezes; disse: «Finalmente conseguiste dizer algo satisfatório. Ainda assim, não relaxes. Mais tarde chegarás a saber por ti mesmo.»

No dia seguinte fui novamente à entrevista. O mestre perguntou: «Como compreendes a história da torre memorial de Sushan?» Eu disse: «Ele quer cortar a raiz da vida das pessoas com uma mão venenosa.» O mestre perguntou: «Depois de cortar a raiz da vida — precisamente o que é essa vida?» Eu disse: «Sushan e o artesão estendem uma mão juntos.»[23] O mestre disse: «Ainda não atravessaste.» Então citei também a história de Zhaozhou expondo a mulher e disse: «Se eu tivesse estado lá, teria dito a Zhaozhou: “Expuseste-a antes de falar ou depois de falar?”» O mestre disse no lugar de Zhaozhou: «Vai em frente.» Eu disse: «Então a mulher de Taishan foi exposta por ti.» O mestre perguntou abruptamente: «Onde encontras a mulher de Taishan?»[24] Quando tentei responder, o mestre mudou de expressão e disse em voz severa: «Não, não — não é isso.»

No dia seguinte, quando fui à entrevista, ao ver-me aproximar o mestre estendeu rapidamente a mão e disse: «Em que se parece a minha mão com a mão do Buda?» Apresentei imediatamente um dito, e o mestre elogiou-o altamente. Então disse: «Recentemente perguntaste sobre a história da mulher que queimou a cabana.[25] Na altura falhei a subtil habilidade da mulher. Ao dizer o que disse, a mulher não podia deixar de chocar o monge até à depressão e confundir toda a gente na terra até à morte. Tenho um dito em nome do eremita; agarraria a mulher e diria:

“Tenho recebido o teu apoio há vinte anos.”» Antes mesmo de eu terminar, o mestre endireitou-se e gritou tão alto que o som penetrou até à minha medula. O meu peito doeu durante vários dias, e o meu corpo e mente ficaram atordoados, como se estivesse envolto em neblina. Pensei comigo: «Alcancei claramente a iluminação — porque estou assim? Deve

ser porque, embora tenha o olho para ver a natureza, o meu poder de concentração meditativa ainda não amadureceu.»

Perante isto, fiz voto de tentar aperfeiçoar a concentração meditativa, mas à medida que os dias e os meses passavam, continuava como antes, ainda sem liberdade. Subsequentemente retirei-me para a reclusão, onde ninguém podia alcançar-me, e lutei dia e noite, tal como um condenado contando os dias até à sua execução.

Manipulando poderosamente a pérola da consciência, não a largava nem por um instante. Ora obtendo-a, ora perdendo-a, achava difícil manter contínua a atenção correta. Tristeza e apreensão obstruíam-me o peito, e eu permanecia inquieto, quer sentado, quer em movimento.

Isto prosseguiu durante cinquenta dias, quando subitamente tudo se encaixou no devido lugar. Estilhaçando a pérola luminosa, completamente despido, totalmente nu, compreendi verdadeiramente o «vento claro depois de descarregar».

Ainda assim, a minha aplicação não era ainda completa. Por isso voltei a açoitar o boi morto para avançar incessantemente. Cerrando os dentes e apertando os punhos, nem sequer notava que tinha um corpo. Mesmo em dias gelados e noites gélidas, as minhas roupas estavam sempre húmidas de suor. Por vezes, quando o demónio do sono era forte, espetava-me com uma agulha.

Penetrando ossos e medula, não encontrando sabor em comida nem bebida, passei mais cinquenta dias. Durante esse tempo tive compreensões oito ou nove vezes e, no último dia, vi através da experiência quotidiana do meu mestre. Ah, ha, ha! O trabalho morto que eu erroneamente estivera a fazer, juntamente com as nuvens brancas, merecia trinta golpes de bastão.

Soube verdadeiramente que o poder de capacitação do meu mestre era tremendo — se ele não me tivesse conduzido e instruído tanto, como poderia eu estar onde estou hoje? Teria passado toda a minha vida permanecendo erradamente morto dentro da compreensão e do conhecimento. Agora, quando penso em acontecimentos passados, cada palavra, cada frase, escorria sangue, assustadora e triste. Desde então, a minha atenção nunca mais foi interrompida. Estudei dia e noite, sem jamais parar. Como podemos desperdiçar o tempo ociosamente com uma atitude despreocupada?

Quero praticar diligentemente este caminho para restaurar o verdadeiro Caminho, agora em declínio, tão bem quanto puder. Não desejam isto também? Quando se trata disto, por favor tenham um único olho.

Porque tive muitas doenças, sou capaz de reconhecer as doenças dos outros. Como curei as minhas doenças, aprendi também acerca dos remédios. À medida que as minhas doenças foram sendo gradualmente curadas, comecei então a preocupar-me com as doenças dos outros. Porque os outros tinham doenças, a minha doença regressava. O Mestre Zen Luopu disse: «Na última palavra finalmente chegas à barreira definitiva.»

Como são verdadeiras estas palavras! Atravessar nascimento e morte rumo à libertação, empunhando o selo da verdade, refere-se inteiramente a este momento: só assumindo a função suprema te tornarás perito. Eu também sou assim: apenas desejo que exista alguém assim a três mil milhas de distância para curar esta minha doença. Mas se não existir, então que todos no mundo critiquem livremente.

1. *Estas eram três categorias de kōans, mais tarde refinadas em cinco na escola de Hakuin. Para as instruções de Shoitsu, ver The Original Face.*

2. *Esta é uma das histórias fundadoras do Zen, a história da flor e do sorriso. Ver Transmission of Light, caso 2; e Unlocking the Zen Koan, caso 6.*

3. *Isto refere-se ao Surangama-sutra ou Escritura do Progresso Heróico, que se tornou muito influente entre os budistas Zen chineses da dinastia Song.*

4. *Isto refere-se a uma história que encapsula as avaliações de Bodhidharma dos seus quatro sucessores: um obtivera a sua pele, um a sua carne, um os seus ossos e um a sua medula. As principais correntes de transmissão do Zen traçam-se tradicionalmente até ao último destes, o discípulo que obteve a medula.*

5. *Ver The Blue Cliff Record, casos 11 e 53.*

6. *Esta colecção de citações com comentários em verso de Xuedou constitui o núcleo de The Blue Cliff Record, que consiste nas introduções, comentários e palestras de Yuanwu sobre cada exemplo.*

7. O manejo do espanador de moscas é usado simbolicamente para representar todas as funções; assim, ao pegá-lo e pendurá-lo, «a obra inteira aparece e desaparece».

8. A «era Xiantong» da dinastia Tang durou de 860 a 874, pelo que a implicação é que Sushan levou muito tempo a fazer este progresso.

9. Para esta história, ver *Unlocking the Zen Koan*, caso 1; *Book of Serenity*, caso 18. A versão tipicamente usada nas escolas Rinzai diz que um monge perguntou ao mestre: «Um cão possui natureza búdica ou não?» O mestre respondeu: «Não.»

10. *Unlocking the Zen Koan*, caso 13.

11. Para os ensinamentos de Fushan, ver *Zen Lessons*, casos 9–17. Para os ensinamentos de Wuzu, ver *Zen Lessons*, casos 8–28; e «Zen Master Wuzu» em *Zen Essence*.

12. A seita Yangqi é um ramo da escola Linji. Ver «Zen Master Yangqi» em *Zen Essence*; e «Facing Suchness» em *Teachings of Zen*. A outra seita, chamada Huanglong, foi introduzida no Japão mais cedo por Eisai, mas não floresceu como a linhagem Yangqi.

13. Foyan foi um dos chamados Três Budas entre os discípulos de Wuzu. Para as suas palestras, ver *Instant Zen*.

14. *The Blue Cliff Record*, caso 8.

15. O nome Yunmen significa «porta das nuvens».

16. Bukkoku (1241–1316) foi o mestre do grande Muso Soseki (1275–1351), que recebeu o título de mestre nacional de sete imperadores. Alguns dos seus diálogos foram publicados ainda em vida, tornando-se eventualmente um dos clássicos nativos do Zen japonês. Ver *Dream Conversations* para uma tradução desta obra fundamental.

17. Isto é, ele deveria alegrar-se por reconhecer a sua incompletude e ter uma oportunidade para iluminação adicional.

18. «O Incorrigível» (sânscrito, *icchantika*) era um dos nomes literários de Hakuin, uma referência irónica à compaixão.

19. Para um comentário Zen ao Sutra do Diamante, ver *The Sutra of Hui-neng: Grand Master of Zen*.

20. *The Flower Ornament Scripture*, pp. 1503–18.

21. Nome popular do influente *Saddharmapundarika-sutra*, favorecido pela escola Tendai.

22. *The Blue Cliff Record*, comentário ao caso 33.

23. Quando a torre memorial de Sushan estava para ser construída, o administrador veio informá-lo. Sushan perguntou: «Quanto vais pagar ao artesão?» O administrador respondeu que isso dependia de Sushan. Sushan disse: «Deverias dar-lhe três wen, dois wen ou um wen? Se conseguires responder, construirás tu mesmo a minha torre memorial.» O administrador ficou sem resposta. Na altura, o Mestre Luoshan vivia no Monte Dayu. Um monge veio contar-lhe esta história, e Luoshan perguntou se alguém conseguira responder. O monge respondeu negativamente, pelo que Luoshan lhe disse: «Volta e diz a Sushan que, se pagar três wen ao artesão, nunca obterá um monumento nesta vida; se pagar dois wen ao artesão, ele e o artesão juntos estenderão uma única mão; se pagar um wen ao artesão, meterá o artesão em problemas e as suas sobranceiras e barba cairão.» Quando isto foi relatado a Sushan, ele inclinou-se à distância perante Luoshan, dizendo: «No Monte Dayu há um velho Buda cuja luz radiante alcança até aqui. Ainda assim, isto é um lótus no Inverno.» Quando isto foi comunicado a Luoshan, ele disse: «O facto de eu falar assim já estava a fazer crescer mais algumas jardas de pêlo de tartaruga.»

24. *Unlocking the Zen Koan*, caso 31; *Book of Serenity*, caso 10.

25. Uma mulher sustentou um eremita durante vinte anos. Um dia enviou uma jovem para o testar, e o eremita rejeitou-a friamente. A mulher que o sustentava disse que afinal ele era um homem mundano e incendiou a sua cabana.

APLICAÇÃO PRÁTICA

As pessoas podem pertencer ao presente ou ao passado, mas o Caminho não tem passado nem presente. Uma pessoa pode praticar o Caminho, mas ao atingir o Caminho, a pessoa é esquecida. Portanto o Caminho é a pessoa; não existe pessoa para além dele. Por isso se diz que, se o Caminho é o mesmo que antigamente, também a pessoa o é.

A única razão para não sermos iguais aos antigos é que a percepção do Caminho não é transcendente e a aplicação prática não é clara.

Agora que conhecem a experiência para além, precisam de a pôr em prática claramente. A menção de procurar continuidade da atenção correta refere-se a este momento. O Grande Mestre Bodhidharma disse: «Muitos compreendem o Caminho, mas poucos o praticam.» O Mestre Dongshan disse: «A continuidade é muito difícil.» Shojū Rojin disse: «É difícil encontrar sequer um em dez mil que tenha atenção correta contínua.»

Quando o Bodhisattva Diamond Navel praticava o Caminho há muito tempo, um rei demónio seguiu-o durante mil anos à procura dos seus rastros, sem jamais os conseguir encontrar. E o Mestre Dongshan viveu toda a sua vida num mosteiro, e o espírito da terra quis vislumbrá-lo, mas nunca o conseguiu fazer. Estes são modelos antigos de continuidade da atenção correta.

Ainda assim, se alguém não transmite o ponto da transcendência progressiva, isso é verdadeiramente ganhar a vida numa caverna de fantasmas. E mesmo que conheçam o transcendental, se a vossa aplicação prática não for clara, são apenas alguém que abraça o Caminho mas continua incapaz de exercer a grande função.

Por esta razão, embora tenha havido bastantes pessoas com percepção correta, entre elas eram raros os que atingiam a grande função do grande potencial. O Mestre Zen Huangbo disse: «Mazu teve oitenta e quatro sucessores que dirigiam lugares de prática, mas houve apenas três ou quatro que obtiveram o verdadeiro olho do Mestre Ma.»

O Mestre Zen Lingyuan Qing costumava dizer aos estudantes: «É difícil encontrar pessoas autênticas nas escolas Zen. Depois de deixar Huitang, o único mestre Zen genuíno que vi foi o meu irmão no Dharma da Montanha Oriental.»[1]

O Mestre Zen Dahui disse: «Dos veneráveis adeptos da linhagem do velho Nan, Wuzu só concordava com dois anciãos, Huitang e Zhenjing, e mais ninguém. Os restantes não os aceitava.»[2]

Além disso, Ying-an disse: «Não viram como o Mestre Dasui disse: “Visitei mais de setenta mestres, e apenas um ou dois tinham grande percepção. Os restantes tinham todos percepção correta.”»

Neste momento o único verdadeiro mestre no mundo com grande percepção é o meu tio no Dharma e velho mestre [Hakuin]. A sua vara de bambu envernizada de negro derruba oceanos e montanhas, golpeando desde o início; embora seja remédio para um cavalo morto, é a sua própria quintessência.

Também o Mestre Chijue disse: «Viajei trinta anos na sociedade monástica; naqueles dias o único com grande percepção era o velho Songyuan. Se ele não tivesse sido assim, como poderia o budismo ter sobrevivido até hoje?»[3]

Devem saber que há outra fechadura sobre isto. Mas todos e cada um daqueles mestres dos tempos antigos possuíam conhecimento e função para além da convenção; a seleção de um ou dois assim refere-se apenas a possuir visão tremenda. Os mestres do tempo presente não têm a percepção para distinguir objetivamente. Criticam erradamente os antigos por não reconhecerem os próprios erros, e afirmam erradamente que o seu caminho ultrapassa os antigos. Isso é ridículo. Deixando de lado por um momento aqueles especificamente indicados por Huangbo e pelos outros, e quanto aos restantes conhecidos como mestres Zen — pensam que podem sequer ser mencionados no mesmo dia que os «mestres iluminados» do presente?

A sua virtude movia a época; os dragões e elefantes de toda a terra eram influenciados por eles. Portanto devem compreender que as seleções de pessoas feitas pelos mestres ancestrais eram as mais difíceis das dificuldades, as mais subtis das subtilezas.

Antigamente Guishan perguntou a Yangshan: «Dos oitenta e quatro sucessores de Mazu, quantos alcançaram grande potencial e quantos alcançaram grande função?» Yangshan respondeu: «Baizhang alcançou grande potencial; Huangbo alcançou grande função. Os restantes eram apenas guias.»[4]

Vejam — os descendentes do nosso Linji possuíam cada um capacidade para além de um mestre e nunca morreram perante um dito de um mestre da escola.[5] Após mil dificuldades e miríades de dores penetrando ossos e medula, tudo fluía dos seus próprios corações. Com isto, estenderam uma única mão em conjunto para sustentar o verdadeiro Caminho. É por isso que o caminho do Zen continuou e não desapareceu.

Antigamente dizia-se que Yunmen salvava com palavras enquanto Linji salvava com atos.[6] A verdade não é assim. Mesmo que possuam a maravilhosa exposição de um Yunmen, sem os grandes feitos de um Linji é como ter o estatuto de imperador sem o poder de um general. A deterioração resultante acaba por degenerar em vagueza misteriosa, e a vagueza misteriosa transforma-se em subtileza escorregadia. Todos depois do grande Ben foram assim.[7]

Por outro lado, se possuem os grandes feitos de um Linji mas sem a maravilhosa exposição de um Yunmen, é como possuir o poder de um general sem o estatuto de um imperador; a deterioração resultante acaba por degenerar em excentricidade inacessível, e a excentricidade inacessível transforma-se em rude agressividade.

Os tipos Zen do presente geralmente não são melhores do que isto, mas Yunmen e Linji não eram de todo assim. Eram capazes de transcender para além dos grandes feitos e da maravilhosa exposição, e também de agir livremente dentro dos grandes feitos e da maravilhosa exposição. Quando as suas escolas degeneraram, tomaram os vestígios dessa atuação e transformaram-nos em estereótipos. Portanto o nosso Linji, desde o tempo dos mestres Xinghua e Fengxue, também foi equipado com a maravilhosa exposição de Yunmen; o estilo da escola mudou e o budismo renovou-se diariamente.[8]

Com base nisto, o Grande Mestre Wuzu veio montado sobre a roda dos votos e reabriu a escola da Montanha Oriental, cantando a canção de Yunmen e empunhando a espada de Linji, como duas rodas de uma carroça. O caminho da escola, bem estabelecido, reviveu a linhagem autêntica dos Budas e Mestres, fazendo assim com que a sua herança não desaparecesse. Zhenjing tinha um verso que dizia:

«Yunmen e Linji — uma primavera de cem flores;
Todos os que tinham potencial espiritual possuíam génio.»

Se todos possuíam génio, não regressaria a primavera ao jardim dos mestres? A partir daí Yuanwu, Huqiu, Ying-an e Mi-an apareceram sucessivamente no mundo e trabalharam para praticar este caminho e restaurar o caminho da escola.

Por esta razão, quando Songyuan estava a morrer, disse à comunidade: «Entre aqueles que percorrem a estrada correta há alguns incapazes de usar os ensinamentos escritos. O caminho de Linji está à beira da extinção. Que pena!» Xutang citou isto e disse: «O velho mestre do Pico do Abutre parece muito alguém montando um cavalo com a ajuda de um bastão — embora não haja perigo de cair, não consegue evitar parecer ridículo aos olhos dos observadores. Tsc!»

Até o grande Xutang foi afetado pelo veneno de Songyuan e também quis ferir os outros, afligindo assim o nosso primeiro patriarca Zen no Japão, estendendo-se a calamidade à sua posteridade. Se Shojū Rojin não tivesse trabalhado durante quarenta anos para distinguir este ingrediente venenoso, os descendentes das gerações futuras estariam sem esperança.

Que tempo é este? Quem consegue assumir a responsabilidade? Por favor ergam bem alto o olho na vossa testa e pratiquem diligentemente este caminho para restaurar o verdadeiro Caminho, agora em declínio, e não deixar a sua posteridade extinguir-se.

Esta secção sobre aplicação prática é da maior importância. A restauração da verdadeira escola e a circulação da verdadeira percepção estão inteiramente nisto. Ainda assim, como a direção final não reside na explicação verbal, como pode isto ser discutido em palavras? Errado, errado! Apenas são necessárias pessoas de grande poder para erguer a verdadeira escola e carregá-la sobre um ombro, sem deixar morrer o verdadeiro caminho dos Budas e Mestres!

1. *Para os ensinamentos de Huitang, ver Zen Lessons, casos 35–40; para Lingyuan, ver Zen Lessons, casos 64–79. «Montanha Oriental» refere-se a Wuzu Fayan; ver Zen Lessons, casos 17–28.*

2. *«Velho Nan» refere-se a Huanglong Huinan, de quem a seita Huanglong da escola Linji recebe o nome. Para os ensinamentos de Huanglong Huinan, ver Zen Lessons, casos 41–47, e «Zen Master Huanglong» em Zen Essence.*

3. Para os ensinamentos de Chijue, ver *Teachings of Zen*, pp. 109–14. Para Songyuan, ver *Teachings of Zen*, pp. 105–7.

4. Para Baizhang, Guishan e Yangshan, ver «The House of Kuei-Yang» em *The Five Houses of Zen*. Para Huangbo, ver «The House of Lin-chi» em *The Five Houses of Zen*.

5. Na linguagem Zen, «morrer perante um dito» significa parar numa compreensão parcial e estagnar mentalmente.

6. Para Yunmen, ver «The House of Yun-men» em *The Five Houses of Zen*.

7. Isto refere-se a Shanben, um mestre altamente distinto da sexta geração da escola Yunmen. O seu mestre foi um sucessor de Xuedou, autor dos comentários poéticos sobre kōans que constituem o núcleo de *The Blue Cliff Record*.

8. O assistente de Linji, Xinghua, é brevemente citado em *Book of Serenity*, caso 35. Para comentários clássicos sobre kōans envolvendo Fengxue, ver *The Blue Cliff Record*, casos 38 e 61; e *Book of Serenity*, casos 29 e 34.

8

APRENDER COM UM MESTRE

Desde que a realização transcendente caiu por terra, ninguém valoriza aprender com um mestre. Auto-iluminadas, com as suas próprias opiniões, as pessoas discutem acerca do falso e do verdadeiro, entregando-se à sua própria parcela de conhecimento em vez de se basearem nos antigos.

Antigamente, o Mestre Zen Xuance de Dongyang visitou o Grande Mestre Xuanjiao de Yongjia e teve com ele uma discussão intensa. Ao verificar que as suas palavras concordavam inconscientemente com os

patriarcas, Xuance perguntou: «Quem é o teu mestre de Dharma?» Ele respondeu: «Escutei discursos sobre as escrituras universais e recebi transmissão de um mestre para cada uma delas. Mais tarde compreendi a escola da mente de Buda através da escritura de Vimalakirti, mas ainda não tive ninguém que a confirmasse.» Xuance disse: «Isso está bem “antes do Buda pré-histórico”, mas aqueles que se iluminam por si mesmos “depois dos Budas pré-históricos” são todos exterioristas naturalistas.»[1]

Também o Mestre Ying-an disse:

«O fundador do Zen veio do Ocidente proclamando particularmente esta coisa, valorizando apenas a compreensão para além das palavras, penetrando diretamente as alturas e as profundezas. Porque precisas de entoar de manhã e à noite na beira de um assento de meditação para lhe chamares budismo ou Caminho do Zen? Isso é na verdade cegar as pessoas. Mas não deves abandonar a instrução de um mestre para procurares por ti mesmo. Aqueles que alcançam procurando por si mesmos são na realidade exterioristas de uma espécie ou de outra.»

No tempo presente, faltando totalmente uma herança de ensinamento, a percepção não é completamente refinada, e cada um apresenta a sua própria opinião ao lidar com as pessoas, cegando inconscientemente os estudantes. Isto continua incessantemente, de um para outro, um cego conduzindo muitos cegos.

A questão de aprender com um mestre é da maior importância. As pessoas antigas que chegaram à fonte da visão da natureza, atravessaram muitas barreiras clara e completamente sem um ponto de dúvida, e viajaram livremente pelo mundo abrindo amplamente a boca em discussão, só chegaram a conhecer a mensagem transcendente do Zen depois de finalmente encontrarem mestres Zen de grande visão. Então procuraram sinceramente a certeza e acabaram com o dever da sucessão do mestre, suportando a dívida do Dharma, sem jamais a esquecer por um momento. Isto chama-se sucessão do Dharma. Desde os tempos antigos, a sucessão designada dos mestres ancestrais foi sempre assim.

Assim, Yunmen foi grandemente iluminado quando Muzhou lhe partiu a perna,[2] mas depois foi ter com Xuefeng, de quem herdou o Dharma. Certamente havia uma razão para isso.

Quando Longya viajava, tinha claramente percepção. A fim de testar se os velhos mestres por toda a parte tinham percepção ou não, começava primeiro por apresentar um ponto; nem mesmo Suiwei e Linji o conseguiam conter.[3] Mais tarde, quando «o rio Dong correu para trás», finalmente voltou atrás e reconheceu que estivera a aplicar esforço de forma errada. Em última análise, sucedeu a Dongshan. Mais tarde, as pessoas não perceberam que há um grande significado nesta questão e, com base nas palestras gerais de Xutang, disseram erradamente que a aplicação de Longya era o verdadeiro significado da transcendência. Se compreendem desta maneira, onde colocam então «o rio Dong correu para trás»?

O que não percebem é que Xutang falou dessa maneira temendo que interpretassem Longya como alguém sem percepção, querendo fazer-vos saber que Xuedou o versificou verdadeiramente — mesmo que ele compreendesse o significado vivo do Zen, ainda assim, ao chegar aqui, existe uma vida para além. Por esta razão ele também prestou homenagem ao monumento de Longya, dizendo no seu elogio: «Suiwei e Linji ficaram aquém na sua capacidade; apenas quando o rio Dong inverteu o seu fluxo é que ele finalmente chegou a casa.» Isto deixa claro que ele só chegou a esta montanha natal onde o rio Dong corria para trás porque a sua compreensão anterior ainda não era a sua verdadeira casa.

A sucessão dos dignos antigos foi sempre assim. As pessoas do tempo presente não conhecem a importância da sucessão e fazem erradamente todo o tipo de discussões repetidamente. Portanto, aqueles que não possuem herança de um mestre devem primeiro procurar um grande mestre Zen que tenha definitivamente sucedido aos Budas e Patriarcas, enquanto aqueles que possuem herança de um mestre devem descobrir o significado mais íntimo do mestre. Uma vez descoberto, então não o traíam.

Antigamente, o velho Jiao de Kaisheng foi primeiro treinado por Wuzu, mas mais tarde não rastreou as suas raízes até essa realização e erradamente sucedeu a Iron Legs Fu de Changlu. Quando ofereceu incenso em agradecimento a este último, desenvolveu subitamente um tumor no peito. Não sarou, e ele acabou por morrer.

Xiuyan foi primeiro grandemente iluminado pela citação de Shimen, mas subsequentemente sucedeu a Fozhao Guang. Por esta razão nunca estava tranquilo no coração e por vezes ria, por vezes chorava. As suas

palestras eram maioritariamente semelhantes a cantigas. Às vezes apontava para o retrato do outro e dizia: «Fui instruído por este velho mestre; é tudo por causa de ter falhado no dever de gratidão que trouxe sobre mim esta consequência dolorosa.»

De tempos a tempos, aqueles que não sabem em que se baseia a herança do ensinamento podem perseguir posições poderosas ou cair em sentimentos humanos. Vão para aqui e para ali, como pessoas pequenas observando um jogo, subindo e descendo juntamente com os outros. Por vezes há aqueles que possuem realização genuína mas nenhuma herança de mestre; ou podem possuir herança de mestre, mas não é uma transmissão genuína. Um antigo disse: «Buda estendeu a mão a Buda; mestre transmitiu a mestre.» No tempo presente não é assim; em vez disso, a herança de um mestre é tomada como um sinal indicando um cargo de abade. Como poderiam conhecer o significado profundo da sucessão dos Budas e Mestres?

Quão grandiosa é a nossa escola! Quão profundo é o nosso Caminho! Mesmo que o obtenham, é difícil sondá-lo. Mesmo que o sondem, é difícil esgotá-lo. Mesmo que o tenham sondado e esgotado, a sua subtilidade é difícil de penetrar. Antigamente Quan Dadao estudou com Ciming. Ciming disse: «Um pouco de nuvem atravessa a boca do vale; de onde vem o viajante?» Quan olhou em redor e disse: «Na noite passada o fogo vindo de onde queimou os túmulos dos antigos?» Ciming disse: «Ainda não — fala outra vez.» Quan soltou um rugido de tigre. Ciming estendeu um pano de assento; Quan empurrou-o para o assento. Ciming também soltou um rugido de tigre. Quan recuou e disse, rindo: «Visitei mais de oitenta mestres, e tu és o único que pode continuar a verdadeira escola de Linji.»

Isto deve ser valorizado; não só a realização de Ciming ia além do senso comum, como também espetou a própria coxa para suceder à verdadeira escola. Se os estudantes ouvirem falar da sua maneira de agir, como poderiam não corar de vergonha?

Baiyun citou um dia na sua sala o dito de Yunmen a uma assembleia: «Castanhas tão grandes — quantas conseguem comer?» Nenhum dos comentários do grupo servia. Perguntou a Wuzu. Wuzu disse: «Ele pendura carneiro mas vende carne de cão.» Baiyun ficou espantado com isto. Wuzu disse uma vez: «Após vinte anos de estudo, agora sei ter vergonha.» Mais tarde Lingyuan ouviu isto e disse em louvor: «Boas palavras — saber ter

vergonha», compondo um poema sobre sucessão verdadeira com base nisso, posteriormente incluído entre as suas obras. Inicialmente existira controvérsia entre as seitas Yangqi e Huanglong; foi neste contexto que Lingyuan Qing escreveu um poema sobre a verdadeira sucessão de Wuzu, apresentando-o aí como verdadeiro sucessor.[4]

Quando o Mestre Zen Dahui ouviu falar da palestra de Ying-an no Mosteiro Golden Wheel, ficou muito satisfeito e disse: «A linha principal de Yangqi está neste ancião!» Subsequentemente enviou-lhe o manto da verdadeira transmissão e um verso. O verso dizia:

«Ele senta-se ocupando o pico principal da Roda Dourada:
Mil espectros, cem monstros, todos desaparecem.
Recentemente também obtive algumas notícias da realidade;
Anuncio que a verdadeira linha de Yangqi passa através dele.»

A partir disto, Ying-an foi considerado a linha ortodoxa. Vejam como os antigos falavam repetidamente da linhagem autêntica. O Mestre Zen Dahui Zonggao possuía verdadeira percepção Zen, única no seu tempo. Xutang elogiou-o: «Não existe Sakyamuni antes dele, nem Maitreya depois dele; nos céus e no mundo humano, não existe outro igual.» Então qual era a razão para apresentar Ying-an como linha principal? Mesmo entre aqueles que igualmente sucederam à verdadeira transmissão dos Budas e Patriarcas, a linha principal é ainda mais extraordinária.

Só saber que o budismo é extremamente profundo e possui esta quintessência já basta para que primeiro pratiquem diligentemente este caminho. Mesmo que o façam, continua a ser difícil encontrar a verdadeira fonte. Mas se não o fizerem, como poderão ajudar a nossa escola a reviver?

As pessoas da geração presente nem sequer sonharam com o significado profundo da herança do mestre; como poderiam conhecer este fundamento da linha principal! Mas estudantes genuínos e elevados do mistério resolverão aqui a injustiça!

1. Ver «Key Events» em *The Sutra of Hui-neng: Grand Master of Zen*, pp. 56–57.
2. *The Blue Cliff Record*, comentário ao caso 6.
3. *The Blue Cliff Record*, caso 20.
4. *Lingyuan era um mestre Huanglong; Wuzu era um mestre Yangqi.*

9

MATURAÇÃO

O Mestre Zen Yuanwu disse:

«Os que usam o manto remendado devem preocupar-se intensamente com nascimento e morte, e trabalhar diligentemente para dissolver as barreiras do conhecimento, das opiniões e da interpretação, a fim de realizar completamente a grande causa transmitida pelos Budas e Patriarcas. Não cobicem fama; recuem e concentrem-se na verdade. Quanto mais se ocultarem, mais se devem esconder; são os sábios e os celestiais que promovem as pessoas.»[1]

Quando o Sexto Patriarca herdou o manto e recebeu o Dharma, desapareceu no Sul.[2]

Depois de o Mestre Nacional Zhong de Nanyang receber o selo da mente, viveu num vale montanhoso durante mais de quarenta anos sem descer da montanha, embora a sua prática do Caminho fosse conhecida na capital imperial.[3]

Nanquan descansou o seu bastão em Chiyang, construiu por si mesmo um estúdio de meditação, e a sua sombra não deixou a montanha durante mais de trinta anos.[4]

O Mestre Zen Fachang de Damei foi para o antigo retiro do Santo do Damasco, onde se alimentava de pinhões e se vestia com folhas de lótus, trabalhando arduamente durante trinta anos.[5]

O Mestre Fengxue costumava mendigar nas aldeias durante o dia e depois queimava resina de pinheiro à noite, permanecendo sobre uma única esteira durante sete anos.

O Mestre Fenyang, gesticulando com as mãos, disse: «Trabalhei durante muito tempo como monge da papa e do arroz antes da transmissão do selo da mente de Buda. Não é uma tarefa trivial.» Foi convidado oito vezes para assumir um cargo de abade, mas insistiu em permanecer deitado e não respondeu.

Yangqi viveu num lugar arruinado durante vinte anos, com «pérolas de neve» enchendo os assentos.[6]

O Quarto Grande Mestre concentrou a mente sem dormir durante cerca de sessenta anos.

O Mestre Guishan passou várias décadas a cozer castanhas para comer; depois, nos seus últimos anos, Da-an chegou, e eventualmente reuniram-se mil e quinhentos monges.[7]

O Mestre Ciming foi um verdadeiro modelo de diligência nas escolas Zen. Em Fenyang não dava importância ao frio rigoroso da região; enquanto trabalhava no Caminho, espetava a coxa com um furador para evitar adormecer. O seu alcance de poder amadureceu e ele tornou-se o Rei Leão do Rio Ocidental.

Depois de o Mestre Nacional Daito finalmente receber a missão de pureza profunda do velho patriarca, amadureceu durante vinte anos e acabou por revelar a grande e vasta virtude elevada de Daio.

Depois de o Mestre Nacional Kanzan obter a medula da iluminação de Daito, foi profundamente para os vales montanhosos e cultivou refinamento durante vinte anos. Durante o dia trabalhava como servo para pessoas comuns; à noite sentava-se pacificamente numa gruta da montanha.

Os outros mestres iluminados que se esconderam aqui e ali trabalhando intensamente são demasiados para os mencionar a todos. Shoji Rojin, por exemplo, abandonou as convenções sociais, cessou todos os envolvimento e trabalhou arduamente durante quarenta anos. Mesmo quando convidado por sábios e senhores, não ia; mesmo quando pressionado por monges Zen, não se levantava.

Certa vez, quando os aldeões estavam a ser molestados por lobos, durante vários dias foi secretamente aos terrenos de cremação e sepultura aqui e ali e sentava-se pacificamente durante a noite. Quando os lobos lhe cheiravam as orelhas irritados, ou bufavam junto da sua garganta, ele concentrava-se em testar se a continuidade da sua atenção correta seria ou não interrompida.

Todos aqueles que se esqueceram de si mesmos pelo Dharma eram assim. Cada um dos antigos desde tempos imemoriais foi assim. Em alguns era evidente; noutros era secreto. Entrar profundamente nas florestas montanhosas, cortar o contacto com o mundo mundano, com relatos do cultivo do Caminho a moverem os corações das pessoas, é aquilo a que se chama reclusão evidente. Nanyang e Lazy Can eram exemplos disso.[8] Quanto à continuidade da atenção correta independentemente do tempo ou do lugar, sem contaminação de opiniões, ninguém nota qualquer evidência disso; isto chama-se reclusão secreta. Zhaozhou e Puhua eram exemplos disso.[9]

Como os seus hábitos não eram os mesmos e as suas afinidades práticas eram individualmente diferentes, alguns esconderam-se em florestas montanhosas, alguns esconderam-se no pó das cidades, alguns viveram em mosteiros, alguns viveram sozinhos. Alguns eram evidentes; alguns eram discretos.

É como os medicamentos curando doenças. Quando a doença é curada, o medicamento é eliminado, e alguém coloca-se na posição dos outros; isto é uma descrição de como as pessoas antigas surgiam no mundo com expedientes hábeis. Portanto, se quiserem alcançar o domínio realizado pelos antigos, devem compreender completamente os princípios anteriores, atingir a experiência que nem Budas nem Mestres podem transmitir, sem perder a mensagem essencial do Zen nem errar na herança do ensinamento; isto é aquilo que deve ser desenvolvido até à maturidade.

Por favor cultivem o Caminho neste sentido durante muitos anos, sem fama nem lucro na mente, sem pensamentos de dinheiro ou objetos valiosos; devem desejar ajudar a restaurar o verdadeiro Caminho dos Budas e Mestres, que colapsou. Yuanwu disse: «Depois de as pessoas antigas terem alcançado o Caminho, viviam fervendo raízes de vegetais selvagens em panelas de pernas partidas em cabanas ou grutas, nunca procurando fama nem lucro, livres e sem entraves, ocasionalmente dizendo algo para

retribuir a sua dívida aos Budas e Mestres e transmitir o selo da mente de Buda.»

Depois de os monges Zen terem concluído a grande tarefa, a única regra durante longos anos é amadurecer a iluminação, nada mais. Não promovam precipitadamente construções nem insistam em convidar estudantes. Quando os antigos construíam templos e reuniam pessoas, não o faziam porque eles próprios o procurassem, mas porque o seu trabalho no Caminho estava plenamente amadurecido e os portadores do manto remendado vinham em número crescente; os santuários surgiam diariamente sem que os procurassem.

Yuanwu's Essentials of Mind diz:

«Quando Ciming se despediu de Fenyang antigamente, Fenyang felicitou-o dizendo: “Haverá naturalmente pessoas que repararão e construirão. Quanto a ti, serás mestre do budismo.” Depois disso foi abade em cinco grandes mosteiros, mas não moveu uma única viga; apenas promoveu a verdadeira escola de Linji. Eventualmente encontrou três grandes homens — Yangqi, Huanglong e Cuiyan — e os seus descendentes espalharam-se por toda a terra. Em suma, não violou o legado que lhe fora confiado. Tal era a seriedade com que os antigos escolhiam pessoas capazes. Na verdade, santuários magnificamente arranjados e esplendidamente adornados não são fundamento suficiente para considerar o budismo especial.»

Também as instruções finais do Mestre Nacional Daito dizem:

«Depois das minhas viagens, alguns templos floresceram, com santuários de budas e escrituras escritas a ouro e prata, grandes congregações fervilhando de atividade, alguns recitando escrituras ou mantras, sentando-se constantemente sem se deitarem, comendo uma vez por dia antes do meio-dia, realizando observâncias seis vezes ao dia. Mesmo seguindo assim, não têm no coração o Caminho sublime que nem Budas nem Mestres conseguem comunicar, e desprezam causa e efeito, pelo que o verdadeiro Caminho colapsa.

São todos descendência demoníaca. Depois de eu ter desaparecido há muito tempo, não poderão afirmar ser meus descendentes. Mas se existir sequer um único indivíduo que pratique nos ermos, sob um punhado de colmo, fervendo raízes de vegetais selvagens numa panela de pernas

partidas para atravessar os dias, concentrando-se apenas em compreender o eu, esse é alguém que me encontra todos os dias e que demonstra gratidão. Quem ousaria desprezá-lo? Trabalhem nisto. Trabalhem nisto.»

Por favor deixem que este documento seja um lembrete para desenvolver maturidade.

1. *A carta original de Yuanwu diz: «Quanto mais te ocultas, menos te consegues esconder.» Os antigos mestres tornaram-se famosos pela sua humildade, e mais humildes ainda na sua fama.*

2. *Ver Unlocking the Zen Koan, caso 23.*

3. *Ver The Blue Cliff Record, caso 18; Book of Serenity, caso 85; Unlocking the Zen Koan, caso 17.*

4. *Ver The Blue Cliff Record, casos 28 e 31; Book of Serenity, casos 9, 69, 91; Unlocking the Zen Koan, casos 14 e 34; The Pocket Zen Reader, p. 103; Teachings of Zen, pp. 21–23.*

5. *Ver Unlocking the Zen Koan, caso 30.*

6. *Ver Record of Things Heard, 4:14.*

7. *Ver «The House of Kuei-Yang» em The Five Houses of Zen; The Blue Cliff Record, casos 4, 24, 70; Book of Serenity, casos 37 e 60; Unlocking the Zen Koan, caso 40.*

8. *Para Nanyang, ver The Blue Cliff Record, comentário ao caso 18. Para Lazy Can, ver The Blue Cliff Record, comentário em verso ao caso 34.*

9. *Para Zhaozhou, ver The Blue Cliff Record, casos 2, 9, 30, 41, 45, 52, 57–59, 80, 96; Book of Serenity, casos 9, 18, 39, 47, 63; Unlocking the Zen Koan, casos 1, 7, 11, 14, 19, 31, 37; Teachings of Zen, pp. 33–34. Puhua era um monge excêntrico que aparece no Record of Linji.*

CIRCULAÇÃO

Comunicar o ensinamento e libertar os seres vivos é o objetivo fundamental do monge de manto remendado. O grande Nagarjuna disse: «Mesmo que te prostres durante incontáveis éones ou transformes o teu corpo num assento para todo o universo, se não comunicares o ensinamento e não libertares os seres vivos, não poderás retribuir a tua dívida.»

Também um antigo disse: «Aquilo que a nossa escola valoriza é apenas a comunhão com a fonte e a comunicação por meio da fala, possuindo o dente e a unha da transcendência, dissolvendo a viscosidade e removendo os laços das pessoas. Isto chama-se comunicar o ensinamento para libertar os seres vivos. Tudo o resto são trivialidades.»

Agora, aqueles a quem o transcendental foi comunicado e que estão a continuar o caminho do Zen, já colapsado, devem antes de mais pensar em retribuir a sua dívida aos Budas e Mestres. O que significa retribuir a dívida? Significa sustentar o transcendental para ensinar um ou dois indivíduos com ossos espirituais, permitindo-lhes herdar esta verdadeira escola e disseminá-la no futuro, não deixando extinguir-se o sol da sabedoria dos Budas e Mestres. Se, contudo, arrastarem lama e pingarem água, erguendo sinais e arranando clichés, fazendo tolos das pessoas, isso nunca servirá.

O Mestre Zhaozhou disse: «Se quereis que eu trate as pessoas de acordo com as suas faculdades e potenciais, já existem os ensinamentos dos três veículos em doze partes que trataram delas — não cabe a mim.»

O Mestre Xutang disse:

«Existe alguma comparação? Hoje em dia ocupam ilegitimamente o assento do ensinamento, usando dogma para prender os estudantes.

Cultivam pessoal com aposentos confortáveis, ambicionam sucessão distribuindo roupa e comida, tentando povoar as suas escolas por meio de uma série de incentivos. Que miserável! A voz da verdade extinguiu-se! Desde os tempos antigos os veneráveis adeptos tendiam a procurar pessoas no fio de uma espada e, mesmo assim, mal conseguiam encontrar alguém; quanto menos por meio de regras e regulamentos!»

Assim, os mestres ancestrais desde tempos imemoriais, que possuíam grande visão, não aprovavam facilmente as pessoas. Observem, por exemplo, a sucessão de Fayan. No seu tempo encontrou muitas pessoas, mas nunca ouvi falar de alguém que continuasse a sua linhagem geração após geração.[1] Quanto à escola de Linji, desde Xinghua e Nanyuan em diante, os sucessores do seu Dharma eram apenas um ou dois em cada caso.[2]

Não era porque lhes faltasse capacidade e não pudessem libertar pessoas; era porque não aprovavam facilmente as pessoas, uma vez que os seus próprios poderes estavam para além dos demais. Os do género daqueles que hoje pensam que grandes congregações agitadas e florescentes estabelecimentos de templos constituem uma grande prosperidade do budismo são verdadeiramente ridículos.

Contudo, quando se trata dos expedientes através dos quais os mestres alcançavam os outros e das adaptações estratégicas das operações, devem procurar dentro da vossa própria aplicação prática — não procurem nas palavras dos outros. Yantou disse: «Se quiseses um dia difundir a Grande Doutrina, deixa que tudo flua do teu próprio coração para cobrir céu e terra em favor dos outros.»

Por favor comuniquem desta forma para procurar sucessores que a transmitam ao futuro, para que não desapareça. O budismo está em perigo, como ovos empilhados, e pode extinguir-se.

Suponhamos que pessoas estão a viajar numa região selvagem e um vento feroz e chuva violenta apagam as suas lâmpadas, mas então existe um indivíduo cujo único medo é que a sua lâmpada se apague, protegendo-a com o corpo à esquerda e à direita, sem prestar atenção a mais nada. A verdadeira lâmpada do Zen é assim: se não permitirem que um ou dois sucessores autênticos perpetuem esta verdadeira lâmpada, em que poderão confiar os descendentes das gerações futuras? Quando a sua lâmpada na

região selvagem, na escuridão da noite, se apagar, nada poderá mantê-la acesa. Todos se perderão e nem sequer conseguirão ver onde estão. Como não haveríamos de sentir tristeza?

Agora então, quanto a todos os métodos das várias escolas, incluindo as meditações e concentrações, libertações, visões, poderes de eloquência, visão da natureza, realização da iluminação e todos os processos essenciais, existem escrituras e tratados, histórias e escritos, que os explicam claramente. Mesmo sem transmissão efetiva podem compreendê-los por vós mesmos e alcançá-los por vós mesmos. Mas quando se trata do ponto transcendental da nossa escola Zen, sem aprender com um mestre não podem dominar as suas subtilezas.

Que tristeza! Quando o Zen desaparecer, todo o budismo na terra colapsará. O céu e a terra podem ser vastos, mas não existe outro sol nem outra lua. A ascensão ou ruína de uma nação depende dos líderes. Agora, se o budismo declinar e morrer, também o caminho da liderança secular estará em perigo. Pelo modo como vejo o budismo no presente, ninguém alcança o Caminho. Apenas atuam como protetores da nação, na medida em que quaisquer virtudes que possuam criam bênçãos. Quando o budismo é corrompido e se torna difícil aprender o Dharma autêntico, cada um apresenta as suas próprias opiniões e as controvérsias enfurecem-se.

Por exemplo, aqueles que mantêm preceitos e praticam ascetismo, vendo erradamente mérito nisso, experimentam frequentemente felicidade humana ou celestial como resultado. Aqueles que recitam o nome de um buda ansiando por prazer renascem, portanto, em famílias prósperas. Existem terras puras celestiais; existem terras puras de fantasmas e espíritos; existem terras puras de todas as tribos e comunidades. Aqueles que procuram erradamente o renascimento, não confiando na estrada correta, na sua maioria não ultrapassam estas.

Os caminhos Shingon, Tendai e outros caminhos dos sábios não possuem adeptos preeminentes nem mestres iluminados,[3] pelo que se limitam à palavra escrita e não investigam o significado das escrituras. Em vez disso, disputa, conflito, egoísmo e ignorância aumentam atividades que conduzem ao inferno. Mesmo que existam praticantes genuínos, continuam sem sair de opiniões aberrantes.

Quando se trata da nossa escola Zen, não se consegue encontrar um único indivíduo que seja genuinamente correto. Todos caem nas opiniões dos dois veículos ou dos exterioristas,[4] sem contudo terem consciência disso.

Assim, os eruditos estudam cada um as ideias da sua própria seita para orientar as pessoas; comparado com o seu ensinamento confuso, seria melhor não haver ensinamento algum. Porquê? Uma coisa é estarem enganados eles próprios; mas podem conduzir qualquer número de pessoas inocentes por caminhos falsos. Isso é verdadeiramente lamentável!

No presente não posso evitar falar nestes termos simplesmente porque temo o colapso do budismo e a extinção do sol da sabedoria. É por isso que sou forçado a estabelecer distinções, para transmitir esta informação a todas as pessoas.

O nosso verdadeiro ensinamento não faz questão de alguém ser monge ou leigo, homem ou mulher; não escolhe entre aristocrata e plebeu, velho ou jovem. Não é uma questão de faculdades grandes ou pequenas, nem de ser inteligente ou lento. Desde que possuam um grande coração, no fim nenhum falhará.

Portanto acreditem profundamente neste Dharma e procurem urgentemente a libertação. Partam tão bem quanto puderem; não falem da distância da viagem. O *Combined Treatise on the Flower Ornament* diz:

«A quem é confiado o ensinamento desta escritura? O ensinamento desta escritura é confiado às pessoas comuns com grandes corações.

A escritura diz: “O ensinamento desta escritura não chega às mãos de outras pessoas.” Ao interpretar, “outras pessoas” significa os três veículos e os exterioristas apegados a condições humanas ou celestiais, bem como aqueles que procuram felicidade transcendental. Porquê? Esta escritura não admite bodhisattvas dos três veículos; mesmo com os seis poderes espirituais continuam incapazes de ouvir a escritura e desenvolver fé; quanto menos os dois veículos e os exterioristas dos caminhos humanos e celestiais!

A escritura diz: “Apenas os verdadeiros descendentes do Rei do Dharma, nascidos na família daqueles que chegam à realidade, isto é, pessoas comuns com grandes corações, conseguem acreditar nela e realizá-

la.” “Nascidos na família daqueles que chegam à realidade” não significa os grandes bodhisattvas já nascidos na família de Buda. O Dharma é sempre exposto aos seres vivos: se não existirem pessoas comuns de grande coração para acreditar e realizá-lo, então isto não se chama confiar, nem se chama circulação, porque não existe ninguém acreditando nem ninguém alcançando iluminação.

A escritura diz: “Se não fossem estes descendentes, esta escritura pereceria.” Se não fosse assim, porque estaria o Buda preocupado com o perecimento desta escritura quando os grandes bodhisattvas já nascidos na família de Buda são já tão numerosos quanto átomos em infinitos oceanos de mundos búdicos? Uma vez que ele não está a pensar nos grandes bodhisattvas já nascidos na família de Buda, obviamente deve estar a pensar nas pessoas comuns de grande coração; não é para aqueles que já se encontram entre os sábios. Portanto devemos reconhecer que esta escritura é confiada às pessoas comuns com grandes corações.»

Esta nossa verdade é também assim, confiada a todas as pessoas comuns com grandes corações. «Um grande coração» significa a capacidade de acreditar neste ensinamento — isto chama-se um grande coração. Quanto àqueles que não acreditam neste ensinamento, mesmo que possuam os seis poderes espirituais, irradiem grande luz e completem inúmeros caminhos sagrados, continuam afinal a ser pessoas de mente pequena. Não conseguem nascer na família de Buda, pelo que não conseguem realizar as práticas dos bodhisattvas.

Portanto a escritura diz:

«Filhos de Buda, mesmo que existam bodhisattvas que pratiquem os seis modos de transcendência durante incontáveis milhões de éones e cultivem os vários elementos da iluminação, se nunca ouvirem este ensinamento da inconcebível grande virtude daqueles que chegam à realidade, ou se o ouvem por vezes mas não acreditam, não compreendem, não seguem e não entram nele, não podem ser chamados verdadeiros e reais bodhisattvas, porque não conseguem nascer na família de Buda.

Se chegam a ouvir este ensinamento do conhecimento e visão infinitos, inconcebíveis, desimpedidos e sem obstrução daqueles que chegam à realidade e, tendo ouvido, acreditam nele, seguem-no, compreendem-no e entram nele, saibam que estas pessoas nascerão na

família daqueles que chegam à realidade, concordarão com todos os estados daqueles que chegam à realidade e incorporarão todos os princípios dos bodhisattvas.»

O que significa nascer na família daqueles que chegam à realidade? A prática refinada diferenciada após a iluminação é o pai; o conhecimento grande básico da visão da natureza é a mãe: quando entre eles é concebido um único pensamento de fé, alguém já se encontra no ventre da chegada à realidade.

A partir daqui não é uma questão de o caminho ser longo ou curto; partir e praticar progressivamente, estudando tão completamente quanto possível, é todo o processo da «gravidez». Quando chega o momento em que o trabalho está completo, isto chama-se chegar ao termo. Os vários estados que aparecem nessa altura são sinais de que o bebé está prestes a emergir do ventre. Se os estudantes continuarem a procurar sem fixação nos estados que aparecem, um dia ocorrerá a realização. Isto chama-se nascimento na família daqueles que chegam à realidade.

É como o caso de um príncipe recém-nascido, cujo intelecto e capacidade ainda não são como os do seu pai, o rei; mas as suas características essenciais e toda a nobreza da sua linhagem não diferem em nada das do seu pai, o rei. Mesmo os funcionários e ministros de Estado inteligentes e capazes não podem deixar de o respeitar.

Assim acontece com os verdadeiros herdeiros daqueles que chegam à realidade, os reis do Dharma; o seu conhecimento, eloquência, libertação e capacidades espirituais podem não ser comparáveis aos do Buda, mas claramente estão dotados das características essenciais dos Budas. Claramente estão plenamente impregnados dos traços dos Budas. A natureza do seu conhecimento, a natureza da sua eloquência, a natureza da sua libertação, os grandes expedientes e a grande radiância dos poderes espirituais, a grande bondade e a grande compaixão, não diferem dos Budas. Mesmo bodhisattvas e arhats com libertação e poderes espirituais não podem deixar de os honrar.

Não é isto uma alegria?

Aqueles que, entretanto, se confundem com estados visionários e concebem várias opiniões são como abortos espontâneos; nunca poderão desenvolver o subtil corpo de Buda, exceto aqueles que regressam ao

verdadeiro ensinamento, acreditam e entram nele, cultivam-no e realizam-no.

O que significa empreender a prática dos bodhisattvas? Significa não parar na visão da natureza, mas usar os ensinamentos verbais dos Budas e Mestres para cem refinamentos, mil têmperas, atravessando qualquer número de barreiras impenetráveis, transmitindo o ponto de transcendência progressiva dos mestres Zen, ajudando a erguer o caminho caído da verdade, sustentando esta realização para benefício universal do futuro, para que o sol da sabedoria não se extinga. Isto chama-se prática de bodhisattva.

É como um príncipe aprendendo gradualmente sabedoria prática e o uso do poder, para suceder ao trono do pai e disseminar instruções que tragam segurança ao mundo. E também torna competente o seu próprio herdeiro para suceder à sua posição. E assim sucessivamente, um sucedendo ao outro, para benefício eterno da nação. Se não fizer isto, mesmo possuindo linhagem real é igual a um homem comum e, em última análise, não beneficia ninguém. Se os monges Zen permanecem presos ao princípio da visão da natureza e não empreendem a prática dos bodhisattvas, mesmo que tenham realizado a iluminação, que uso podem fazer dela?

Vocês devem saber isto como um facto; este é um princípio estabelecido acerca do qual, em última análise, não pode haver dúvida. Assim podem cultivar iniciação e nascimento na família daqueles que chegam à realidade desta maneira. Mesmo aqueles cujo poder de fé ainda não é suficiente e cujo poder no caminho ainda não é pleno, se desenvolverem fé pura profunda ao chegarem aqui, todos eles já estão no ventre da chegada à realidade. Uma vez no ventre, haverá alguma razão para não nascerem?

Exceptuando apenas os abortos espontâneos que caem em falsas opiniões durante o processo, os restantes tornam-se todos verdadeira descendência dos Budas e mestres Zen. Portanto a escritura diz: «Mesmo ouvir sem acreditar continua a tornar-se uma semente de fé; quanto mais conceber fé pura profundamente enraizada!»

Aqueles que obtêm o corpo humano, comparados com aqueles que perdem o corpo humano, são como a sujidade numa unha comparada com a

terra inteira. Agora que tiveram a sorte de possuir um corpo humano, que é tão raro, porque não escutam este verdadeiro ensinamento? Repetidamente, porque não temem nascimento e morte e não compreendem causa e efeito, apenas perseguem incessantemente objetos imediatos, sem pensar no que acontece depois da existência física. Quando procuram riqueza material para vosso benefício, nos vossos próprios termos, não é porque receiam ser afligidos pela fome e pelo frio? Porque não temem as aflições da retribuição? Quando empregam todo o tipo de expedientes, ansiando por um meio de vida lucrativo, nos vossos próprios termos, não é porque amam os prazeres dos aristocratas? Porque não procuram o prazer da libertação?

Que vergonha! Todas as pessoas, religiosas e seculares, abandonam a raiz e perseguem os ramos. Não têm dignidade alguma.

Alguns, sob as compulsões das aflições psicológicas, discutem sobre o belo e o feio, desenfreados no seu comportamento, sem limite para o mal que farão, sem atender ao facto de que as aflições apenas confundem corpo e mente.[5]

Alguns, sob as compulsões da roupa e da comida, discutem sobre o fino e o grosseiro, matando e roubando, sem limite para o mal que farão, sem atender ao facto de que ouro e cereais servem apenas para sustentar a si mesmos e aos outros.

Alguns, sob a compulsão do poder e da posição, discutem sobre alto e baixo, gananciosos e coléricos, sem limite para o mal que farão, sem atender ao facto de que poder e posição servem apenas para governar a sociedade como um todo.

Alguns, sob a compulsão da literatura, discutem sobre certo e errado, orgulhosos e invejosos, sem limite para o mal que farão, sem atender ao facto de que a literatura serve apenas para rever passado e presente.

Alguns, sob a compulsão das doutrinas escriturais, debatem quais são profundas e quais superficiais, contenciosos e egotistas, sem limite para o mal que farão, sem atender ao facto de que as doutrinas escriturais apenas ilustram qualidades iluminadas.

Alguns, sob a compulsão do Zen, debatem sobre desvio e ortodoxia, enredados em opiniões e iludidos pela doutrina, sem limite para o mal que

farão, sem atender ao facto de que o Zen é apenas uma questão de duvidar dos ditos.

Todos eles falham em regressar à raiz porque perseguem erradamente os objetos presentes. Continuando assim incessantemente, acabam por cair nos estados dos infernos, fantasmas famintos e animais. Causa e efeito são evidentes, como a sombra seguindo a forma. Mas se a vossa mente for reta, sem desvio, então que dificuldade existe para o budismo?

Portanto a *Escritura do Progresso Heróico* diz:

«Agora, se desejais cultivar a iluminação suprema e realmente descobrir a natureza da iluminação, deveis responder às minhas perguntas com uma mente reta. Todos aqueles nas dez direcções que chegam à realidade deixam nascimento e morte pelo mesmo caminho, todos por meio de uma mente reta. Enquanto mente e fala forem retas, então ao longo de todas as etapas nunca existe qualquer desvio.»

É precisamente porque os estudantes não confiam na mente reta que produzem erradamente juízos e não descobrem o significado profundo. É por isso que existem tantos obstáculos. Se partirem com uma mente reta, atenderem aos mestres com uma mente reta, lerem os ensinamentos verbais dos Budas e Mestres com uma mente reta, estudarem Zen e trabalharem no caminho com uma mente reta, os ignorantes praticam enquanto ignorantes, os obstinados praticam enquanto obstinados, aqueles com faculdades inferiores praticam com faculdades inferiores, aqueles com muitas doenças praticam com muitas doenças, os jovens praticam enquanto jovens, os velhos praticam enquanto velhos, os pobres e os ricos e os nobres e os comuns praticam enquanto pobres ou ricos ou nobres ou comuns, os ocupados praticam enquanto ocupados: aquilo que é assim é considerado assim, aquilo que não é é considerado não; o sucesso é considerado sucesso, o fracasso é considerado fracasso, a realização é considerada realização, ainda não ter alcançado é considerado ainda não ter alcançado.

Nada é encoberto. Os termos certo e errado não são ouvidos; os termos ganho e perda não são ouvidos. Aqueles que chegaram são reais na chegada; aqueles que ainda não chegaram são reais no facto de ainda não terem chegado. Assim conhecimento e ignorância, aflição e iluminação, são todos verdade verdadeira, todos em conformidade com o verdadeiro Dharma.

Não se trata de parar nesta afirmação; o ponto é não perder a oportunidade de progredir e descobrir a iluminação por este meio, penetrando naturalmente sem forçar a mente.

Agora também tenho dez princípios para indicar aos estudantes como aplicar a mente. Por favor examinem-nos completamente.

1. Votos de compaixão — profundos e sérios
2. Força de vontade — acima e para além
3. Capacidade perceptiva — ampla e grandiosa
4. O espelho do conhecimento — elevado e claro
5. Ver o Caminho — realização transcendente
6. Aplicação prática — lúcida e segura
7. Sentimentos humanos — interrompidos
8. Pensamentos mundanos — abandonados
9. Arrependimento — intenso
10. Dúvida — completa

Testem constantemente a vossa própria mente com estes dez princípios. Se puderem confiar nestes princípios e colocá-los em prática, tudo será realizado tão facilmente como apontar para a palma da vossa mão.

Os Budas do passado, presente e futuro alcançam a verdadeira iluminação e iniciam bodhisattvas apenas vendo a natureza, por isso precisam de ver primeiro a natureza.

Todos os seres vivos — bodhisattvas e discípulos, pessoas de todas as raças e nações, todas as filosofias e religiões, todas as classes ocupacionais, todas as idades, religiosos e seculares, homens e mulheres, eunucos e hermafroditas, gigolôs e prostitutas, os deficientes, os incorrigíveis, até outras espécies, monstros e demónios, fantasmas, bestas e habitantes dos infernos — se puderem acreditar neste ensinamento e puderem praticá-lo, progredindo tão bem quanto puderem, alcançando realização tão bem quanto puderem, eu agora predigo explicitamente que certamente alcançarão a budeidade, seja nesta vida ou na próxima.

Mesmo que acreditem mas não pratiquem, isso continua a tornar-se uma semente de budeidade; e no futuro todos e cada um se tornarão Budas. Mesmo ouvir sem acreditar cria ainda assim associações poderosas que eventualmente produzirão fé pura profundamente enraizada no verdadeiro Dharma no futuro.

Os bodhisattvas do passado alcançaram a budeidade por este meio; os bodhisattvas do presente alcançam a budeidade por este meio; os bodhisattvas do futuro alcançarão a budeidade por este meio. Esta é a estrada direta e verdadeira da prática de todos os Budas.

Na altura, um noviço bodhisattva, ouvindo o ensinamento exposto nesta *Lâmpada Imorredoura*, ficou cheio de dúvida e confusão e veio fazer perguntas.

PERGUNTA: Ver a natureza e realizar o Caminho é realmente alcançar a budeidade?

RESPOSTA: É realmente alcançar a budeidade.

PERGUNTA: Todos os Budas possuem poderes espirituais e irradiam luzes. Se já vos tornastes um Buda, Mestre, então porque não possuíis estas coisas?

RESPOSTA: Certamente possuo poderes espirituais e irradio luzes.

PERGUNTA: Porque não os mostrais?

RESPOSTA: Estou sempre a mostrá-los; és tu mesmo que não vês. É como a incapacidade de um cego para ver não ser culpa do sol e da lua.

PERGUNTA: Ainda assim, os Budas usaram poderes espirituais e irradiaram luzes para despertar fé nas pessoas, manifestando vários milagres. Porque não fazeis isso?

RESPOSTA: Existem maiores poderes espirituais e menores poderes espirituais;[6] existem maiores luzes e menores luzes. Aquilo que alcancei são os maiores; aquilo sobre o qual perguntas são os menores. Os maiores são as grandes funções manifestadas pela percepção básica da natureza; os menores são apenas ramificações, poderes suplementares desenvolvidos no processo de cultivo. A nossa escola apenas aponta para a raiz e não discute os ramos. Quando a raiz está plenamente desenvolvida, os rebentos

aparecem por si mesmos. Se quiseses possuir ramos, folhagem, flores e frutos sem raiz nem tronco, isso é impossível.

Além disso, mostrar milagres ilude as pessoas e obscurece efetivamente a natureza básica. Todas pensam: «Ele é um santo; isto está para além de nós», acabando incapazes de acreditar nos poderes espirituais e nas luzes radiantes inerentes a elas próprias. Por esta razão os sábios não usam poderes suplementares mesmo que os possuam.

As trinta e duas marcas de distinção e os oitenta tipos de refinamentos, os poderes sobrenaturais, a radiância e assim por diante não constituem o corpo original do Buda; são sinais de excelência, temporariamente emprestados para induzir admiração em pessoas de faculdades inferiores. Portanto os governantes universais possuem as trinta e duas marcas de distinção, enquanto os devotos de várias divindades possuem poderes sobrenaturais e radiância. Até titãs, imortais espirituais, poderosos demónios e raposas e texugos com poder de concentração realizam estas projeções mágicas, produzindo todo o tipo de aparências.

Por analogia, até a água retida em mãos em concha refletirá coisas se estiver imóvel, enquanto o vasto oceano não produz reflexos quando está em movimento. De modo geral, todas as projeções mágicas provêm do poder da concentração. Os arhats possuem capacidades espirituais e os bodhisattvas possuem poderes espirituais porque os veículos inferiores enfatizam o cultivo do poder de concentração, pelo que as capacidades espirituais despertam facilmente. O Grande Veículo cultiva conhecimento abrangente e expedientes, pelo que o poder de concentração é difícil de aperfeiçoar. Grandes vasos levam muito tempo a completar-se, mas uma vez maduras as suas capacidades, estão por isso para além do alcance dos outros veículos, que perdem o brilho como uma lâmpada solitária sob o sol.

É como plantas e árvores, que apenas brotam quando os frutos mais maduros e bem desenvolvidos são retirados e enterrados na terra. Então a causa não difere do resultado, e o resultado não difere da causa. Se uma causa diverge do resultado, essa não é a verdadeira causa; se um resultado diverge da causa, esse resultado é aleatório. Vocês apenas discutem resultado após resultado enquanto permanecem em causa dentro de causa; uma vez que até a causa não está completada, como poderia o resultado existir?

A nossa escola distingue diretamente resultado dentro da causa e cultiva causa sobre resultado. Sendo a causa assim, como poderia o resultado não o ser? Por favor tentem considerar isto em termos da sementeira de plantas e árvores.

Quanto aos bodhisattvas dos veículos inferiores que ocasionalmente manifestam poderes espirituais e demonstram milagres, porque apreciam os ensinamentos inferiores e alcançam resultados inferiores, porque confiam no poder de uma concentração inferior e libertam poderes espirituais inferiores, porque exercem uma influência educativa menor através de virtudes menos impressionantes, não conseguem alcançar o grande resultado, não conseguem sondar o conhecimento dos Budas, não conseguem instruir pessoas de maiores faculdades e não conseguem fazer circular os ensinamentos do Veículo Supremo.

Todos eles são inferiores em faculdades, inferiores em conhecimento, inferiores em vontade e ação, ignorando erradamente o fundamental e perseguindo o trivial. Mesmo que consigam desenvolver capacidades espirituais, radiância e inúmeros fenômenos no Caminho, porque estas coisas não são percepção da natureza, não são verdadeiro budismo, uma vez que não são ensinamentos manifestados pela própria natureza. Portanto, se querem alcançar capacidades espirituais e radiância, primeiro têm de ver a natureza.

Por analogia, é como a forma como um bom médico trata primeiro o interno e depois trata o externo. Se tratarem primeiro o externo e não tratarem o interno, porque a raiz da doença não foi extraída, mesmo que o tratamento tenha efeito extraordinário, a doença acabará por regressar.

Deve compreender-se que tratar males externos produz sempre resultados rápidos, enquanto tratar males internos não só não produz resultados imediatos, como também ativa e espalha males ocultos, pelo que os males externos irrompem ainda mais. É por isso que os ignorantes primeiro anseiam por resultados rápidos e valorizam o tratamento de doenças externas. Por esta razão têm muitas doenças ao longo dos anos sem jamais conseguirem penetrar o caminho para a verdadeira saúde sem doença.

Quando a raiz da doença é profunda, então é necessário usar medicina potente. Quando uma doença é ligeira, então um único pacote de medicina

pode curá-la. Assim, como a natureza inata das pessoas da alta antiguidade era plena e substancial, geralmente não tinham doenças; e mesmo que adoecessem, não precisavam de muita medicina. Desde a média antiguidade, as faculdades das pessoas tornaram-se insubstanciais e fracas; assim que adoecem, usam medicinas potentes ou procuram vários métodos curativos antes de conseguirem erradicar a raiz da doença.

Assim é com o budismo. Os antigos eram pessoas inocentes e sinceras, pelo que podiam ser tratados com métodos médios e inferiores. O tempo presente é diferente; todos possuem doenças profundamente enraizadas, pelo que, sem os medicamentos do Veículo Único — visão da natureza, diferenciação, fusão, função e transcendência progressiva — mesmo que o exterior pareça curado, o interior nunca será curado.

As pessoas mundanas dizem que o caminho dos sábios existia na era do verdadeiro Dharma, mas que nas eras imitativa e terminal não existe prática nem realização alguma. Que estupidez! Se disseses que, embora uma doença fosse grave, não haveria necessidade de medicina potente, isso seria lógico? Se discutirem a dificuldade ou facilidade da prática e da realização, não é apenas o ensinamento do Veículo Superior, mas também os ensinamentos dos Veículos Médio e Inferior que são difíceis de praticar e realizar.

No geral, dificuldade e facilidade estão na pessoa, não no ensinamento. É como a medicina — tomá-la ou não é responsabilidade da pessoa, não da medicina. Aqueles que pensam que os ensinamentos médios e inferiores são eficazes porque são fáceis de praticar e realizar estão apenas a tratar doenças externas com curas rápidas, sem obter efeitos genuínos.

As fórmulas vendidas nas farmácias comuns são baratas, e contudo os efeitos que afirmam produzir continuam bastante notáveis. Ainda assim, quando se trata de curar doenças crônicas, pensam que funcionarão? É necessário usar as maravilhas das medicinas potentes e das técnicas higiênicas para curar isto. Porque haveria alguém de pensar que apenas o budismo seria diferente?

Quanto à afirmação de que não existe prática nem realização nas eras imitativa e terminal, isso é apenas algo que o Buda disse por piedade para com as pessoas da era terminal que não acreditam no verdadeiro

ensinamento.[7] É como dizer que as doenças mentais e físicas da última era estão tão profundamente enraizadas que poucos são curados mesmo tomando medicamentos. Sendo isto assim, se permanecem voluntariamente doentes e não tomam medicina potente, a loucura e a doença intensificar-se-ão, até já não conseguirem levantar-se.

Deixando de lado por um momento os loucos que não sabem que estão loucos, se sabem que estão doentes, não podem deixar de tomar medicina. Sabendo que estão doentes, procurem primeiro medicina potente.

Quanto aos loucos de hoje em dia, acreditam apenas nas palavras dos loucos e não acreditam nas instruções dos sãos. Só podem ser lamentados.

A doença do corpo físico, por mais grave que seja, afinal não ultrapassa esta vida. A doença do corpo espiritual permanece num mar tóxico desde um tempo sem princípio, instigada por seis bandidos, escravizada por cinco desejos.[8] A febre da ira e a humidade do desejo entram nos ossos e penetram a medula, extremamente difíceis de curar. Como poderia medicina comum curar isto? Precisam de encontrar a medicina verdadeiramente correta antes de terem sucesso.

Alguns dizem que a raiz da doença é tão profunda que não pode ser curada pelo esforço próprio e exige uma viagem ao reino do Médico Perito do Ocidente para ser curada.[9] Isto também é apenas um expediente temporário. É como persuadir crianças que não sabem melhor e não querem tomar medicina, apelando aos seus gostos para as induzir a tomá-la. A escritura diz: «Nas terras búdicas das dez direções existe apenas o ensinamento do Veículo Único; não existe segundo nem terceiro, exceto como doutrinas expedientes do Buda, apenas usando termos para induzir e conduzir as pessoas.»[10] Assim, aquilo que o Bom Médico do Ocidente dá é também a droga maravilhosa do Veículo Único. Uma vez que isso e isto são igualmente métodos do Veículo Único, porque incomodar-se em ir para outro lugar?[11]

O Buda viu que os insanos não estavam a tomar medicina, por isso na sua grande compaixão concebeu expedientes, concentrando primeiro medicamentos nas quatro verdades e nas doze causas e condições, fazendo-os ingerir estes.[12] Depois concentrou medicamentos nas seis perfeições e recomendou-os.[13] Para Lady Vaidehi concentrou medicamentos em

dezasseis visualizações,[14] enquanto para pessoas de potencial inferior ocultou medicina no renascimento por invocação do Buda Amida.[15]

Com isto, os insanos ganharam gradualmente gosto por elas e tomaram as medicinas que lhes convinham, vendo cada um o seu efeito. Agora, vendo os insanos regressarem gradualmente à sanidade, nos ensinamentos Universais voltou-se e criticou essas medicinas como inferiores, dizendo que por isso não eram efeitos substanciais reais; e elogiou os efeitos das verdadeiras medicinas especialmente tomadas pelos bodhisattvas.

Quando os pacientes ouviram falar delas, todos quiseram algumas, mas porque estavam apegados aos seus gostos anteriores, afinal era difícil abandoná-los. Foi por isso que acrescentou o medicamento Dharma da visão, infundindo-os todos igualmente. Sem se aperceberem, os pacientes tornaram-se cada vez mais sãos, vendo cada um o efeito da verdadeira medicina.

Ainda assim, isto não passava de método expedito; mas porque ficaram viciados em medicina substituta e não procuravam medicina verdadeira, estabeleceu métodos baseados no princípio do vazio.

Mais tarde, na assembleia do Lótus, afastou todos os expedientes e administrou a todos igualmente a medicina da percepção subtil completa, instantânea e total das verdadeiras características da natureza. As pessoas ficaram muito alegres, percebendo agora que até então tinham tomado erradamente medicina substituta.

A partir daí, com o medicamento Dharma do *ghee* do nirvana, erradicou as raízes de todas as doenças em toda a parte,[16] para que fossem física e mentalmente saudáveis e finalmente alcançassem o domínio do grande conforto onde não existe doença e desenvolvessem plenamente a capacidade de agir independentemente sem obstrução. Isto chama-se o universo da Guirlanda de Flores. O aspeto de terminar tarefas e regressar ao repouso, permanecendo estavelmente no autodomínio, chama-se o mistério do Mantra. Estas duas escrituras pertencem ambas ao Veículo da Projeção Mística, pelo que não são ensinamentos verbais do Buda.[17]

Isto chama-se a conclusão das tarefas do Rei dos Médicos.[18] Agora digam-me, e quanto ao nosso ponto final de transcendência fora da

doutrina? O que ilumina ele? Quando chegarem aqui, por favor estejam equipados com outro olho.

Assim, os estudantes da nossa escola possuem em si mesmos os tempos da vida inteira dos ensinamentos do Buda. Quando ouvem pela primeira vez os ensinamentos verbais dos Budas e Mestres, são como se fossem surdos e mudos, tal como na assembleia da Guirlanda de Flores. Fazendo meditação Zen, primeiro compreendem o princípio do vazio e desenvolvem várias opiniões, confundindo isto com o último. Isto é como as realizações dos três veículos dos Agamas.

Depois, chamando-lhes estados visionários, repudiando-os e afastando-os, procurando realização verdadeira para além deles, corresponde às escrituras Universais. Impulsionar ainda mais a determinação, sem escolher entre opiniões mas procurando profundamente a fonte das realizações, equivale ao grande sutra sobre a perfeição da visão. Quando chega o momento e os esforços amadurecem, isso aparece sem ser procurado, como o ensinamento do Veículo Único do *Sutra do Lótus*. Também descobrir o princípio da natureza essencial tão claramente como vê-lo na palma da mão é exatamente como o *Sutra do Nirvana*. Compreender claramente e penetrar com sucesso as afirmações diferenciadoras dos Budas e Mestres é como regressar ao universo da Guirlanda de Flores. Quando o seu estado é pacífico, interiormente é como entrar no Arranjo Místico. Finalmente, transcender progressivamente, possuindo uma vida para além, é a experiência da nossa escola, comunicada fora da doutrina. Não é isto grandioso?

Recentemente, budistas da Terra Pura que ainda não descobriram o significado da escola afirmam cegamente que o caminho dos sábios é difícil de praticar e, por isso, ineficaz. Dizem que apenas a recordação do Buda é fácil de praticar e, portanto, de valor superior. Ah! Recordação do Buda? Isto é um expediente esotérico dos Budas.

O Buda estabeleceu provisoriamente este ensinamento para um grupo de capacidades inferiores; se lhes tivesse falado imediatamente do veículo real, devido à fraqueza do seu poder de fé, as suas mentes não se concentrariam e não poderiam aperfeiçoar a absorção nem formar profunda afinidade com ele. Ao enfatizar provisoriamente o poder do Buda, a fé possui algo em que confiar, pelo que a absorção se desenvolve facilmente. Portanto aqueles que simplesmente acreditam na recordação do Buda

renascem seguramente. Quando mantêm a recordação sem preocupação com afirmação ou negação, sem misturar pensamentos aleatórios, então a absorção total ocorrerá subitamente; isto chama-se renascimento.

Quando as marcas de distinção e refinamentos do Buda Amida, as luzes radiantes e todos os ensinamentos aparecem diante dos vossos olhos, a Terra da Bem-aventurança, com os seus arranjos de qualidades positivas e todas as suas características extraordinárias, preenche céu e terra; cada pensamento individual é o Observador do Som do Mundo, o indivíduo em ação é o Grandemente Poderoso;[19] música de vinte e cinco tipos enche os ouvidos, comida e roupa de oitenta e quatro mil espécies são fornecidas em cada assento; rios, pássaros e florestas recordam todos o Buda, o Dharma e a Comunidade; e montanhas, rios e terra revelam plenamente as funções subtis do conhecimento de princípio e fenómenos; isto chama-se realização da classe mais elevada de renascimento na vida presente.

Quanto àqueles cuja fé não é completa, devido ao poder da recordação do Buda, nascerão numa terra búdica expedita. Isto chama-se renascimento futuro. Contudo, não ultrapassa o nível das categorias médias ou inferiores.

Quanto àqueles que aspiram às categorias superiores de renascimento e praticam progressivamente tão bem quanto podem, porque o seu esforço recai sobre a causa da compreensão, alcançam também os resultados mais elevados. Embora nascidos numa terra búdica e tendo-se tornado príncipes do Dharma juntamente com Manjusri, Samantabhadra, Avalokitesvara e Mahasthamaprapta, contentam-se em ser pessoas humildes e inferiores. Quanto àqueles que apenas anseiam pelo renascimento, o seu esforço recai sobre condições causais, pelo que alcançarão resultados de veículos inferiores. Mesmo em terras búdicas continuarão a ser ouvintes, iluminados solitários ou bodhisattvas de veículo inferior.

Por analogia, suponhamos que existe um país no Oriente chamado Tsune e um país no Ocidente chamado Nori. Agora o país de Tsune está em caos, numa emergência militar. O rei de Tsune, portanto, compadecendo-se do povo, anuncia a todos: «O nosso país está em tumulto, impróprio para pessoas comuns viverem nele. Agora o rei do país de Nori possui grande bondade e compaixão, e é capaz de sustentar pessoas destituídas. Devem apressar-se para essa terra; o rei de Nori certamente vos mostrará misericórdia e terão abundância de comida e roupa.»

Agora os destituídos que carecem de vontade firme encorajam todos as suas famílias a procurar alcançar esse país. Esse país está muito distante, para além de cem mil milhões de montanhas e mares, pelo que muitos deles encontram dificuldades, e não poucos morrem. Apenas alguns entre eles, aqueles que possuem a força da fé profunda e aqueles que embarcaram no navio sólido dos grandes votos, acabam por evitar todas essas dificuldades. Assim que alcançam a outra margem, o rei de Nori, movido por tremenda piedade, dá-lhes todos bens e valores, fornecendo a todos campos e casas, permitindo-lhes desfrutar para sempre de paz, prosperidade e prazer.

Quanto aos habitantes do país de Tsune que possuem coragem, dizem uns aos outros: «Embora o nosso país esteja em tumulto, não estamos sem líder; porque haveríamos de imitar a ambição de homens comuns ao ponto de nos darmos ao trabalho de obter assistência de outro líder? Preferimos deixar os nossos cadáveres estendidos às portas da cidadela a trocar o caminho da humanidade e da justiça por ganho pessoal. Devemos empregar os nossos maiores esforços para restaurar a nação.» Com isto levantam um exército e lançam uma guerra justa, destruindo fortalezas inimigas, matando ministros traidores, retificando injustiças e cuidando do povo comum. Então o rei de Tsune, grandemente satisfeito, distribui recompensas a todos.

Assim, para os cavaleiros da justiça e do princípio existem as honras dos mais altos cargos e os emolumentos de reis e senhores; como poderiam a sua nobreza e glória ser igualadas pelo povo de Nori? Até o rei de Nori, ouvindo o seu nome, diz: «O rei de Tsune possui abundância de súbditos leais, algo que não consigo igualar», e inveja-o à distância. Se vier em visita, fá-lo-á com grande demonstração de respeito e reverentes oferendas de todo o tipo de iguarias.

Também é como o caso de pessoas no mundo que possuem vontade bastante forte; conseguem prosperar dirigindo o seu próprio negócio, enquanto os pouco fiáveis abandonam as suas próprias profissões e tornam-se dependentes de casas ricas, mal conseguindo manter-se vivos.

Todos possuem originalmente a natureza de um Buda; todos são membros da família real do Dharma e herdeiros de um magnata. Como podem nascer nessa família e contudo repudiar o seu carácter para si mesmos? Que tristeza! Pode ser compreensível nos intratáveis e de mente baixa que não possuem sabedoria nem absolutamente afinidade alguma

com o bem, mas quanto àqueles com alguma coragem que conhecem o certo e o errado — como podem não se preocupar com isto?

O santo Honen disse no debate de Ohara:[20] «A Bem-aventurança Última não está longe:[21] é apresentada como estando dez miríades de milhões de terras a Oeste. Amida está na vossa própria mente, manifestando uma forma sobre um assento de lótus.» Também disse: «Deve compreender-se que poder próprio e poder alheio significam o mesmo que força e fraqueza.» Também: «Embora existam fortes e fracos, ambos são o poder da realidade.» Também: «Partir da prática formal como causa, entrando diretamente na bem-aventurança sem forma como resultado, restringe a noção de renascimento e permite a realização do númeno não nascido.» Também: «“Renascimento” é não nascimento.»

Estes pontos merecem reflexão séria.

On Diamond Discipline [do mesmo autor] diz: «“Disciplina de Diamante” significa que a natureza inerente da mente é a substância da disciplina do Grande Veículo. A substância da disciplina em geral é a mente dos seres vivos.»

Também: «Porque procurais o reino do Buda fora da vossa própria mente?»

Também: «Para começar, as palavras recordação do Buda devem ser compreendidas. Quanto à recordação, não possuir pensamentos chama-se recordação. Quanto a Buda, o buda da mente chama-se Buda.»

Também: «Em termos gerais, Bem-aventurança Última é um nome diferente para forma, mas continua a não haver forma para ver; Amida é um nome diferente para mente, mas onde existe mente para encontrar? Portanto Bem-aventurança Última e Amida não são realmente objetos externos, mas estão na vossa própria mente. A escritura diz: “Não está longe daqui... Esta mente é Buda.”»

Certamente Honen não era realmente um bodhisattva de veículo temporário; deve ter sido um grande bodhisattva do completo, instantâneo e inconcebível, que profundamente se compadeceu das pessoas da era terminal perdidas na ilusão e manifestou temporariamente uma encarnação para vir libertar pessoas fortes.

Agora, quando se trata do ensinamento do Veículo Único da visão da natureza, aqueles sem grandes mestres Zen que já o tenham alcançado invariavelmente caem em opiniões de exterioristas ou dos dois veículos, e muitos cometem o pecado de difamar a verdade.

Aqueles que conseguem ouvir o verdadeiro ensinamento e alcançar o caminho para ele transcendem tudo e ascendem imediatamente ao estado de budeidade. Aqueles que encontram falsos mestres e acreditam em falsas compreensões caem em opiniões erradas, sem esperança de alguma vez saírem delas.

Existe benefício e existe dano. Existe aquilo que deve ser honrado e aquilo que deve ser temido. Assim, uma era com guias iluminados possui abundantes benefícios, mas quando não existem mestres, sem expedientes como estes, como poderiam pessoas afundadas na confusão formar melhores condições?[22]

As pessoas da era de imitação, em conformidade com mentes medianas e inferiores, são basicamente humildes e reverentes, pelo que, mesmo desenvolvendo opiniões divergentes, não se tornam antissociais.[23] Com a única exceção daqueles culpados de repudiar o Grande Veículo, todos os restantes podem criar condições para ver o Buda. É por isso que existe benefício para pessoas medianas e inferiores.

É como um remédio padrão, que pode não valer a pena usar quando se tem um bom médico disponível, mas que possui algum benefício quando não existe médico. Ainda assim, porque um remédio padrão possui uma fórmula fixa, é difícil que o efeito seja completo. Não é tão bom como um médico habilidoso com conhecimento profundo da raiz das doenças, que ajusta a medicina à doença específica.

Eis por que a nossa escola não adota nomes ou formas, mas primeiro realiza a mente de Buda e, depois, as doutrinas de Buda. Os ensinamentos que ele estabeleceu podem parecer contraditórios, mas os seus usos de acomodação e oposição estão todos de acordo com a intenção de Buda. Apenas rogo que aqueles que praticam a recordação de Buda façam o seu melhor para ascender ao estágio superior, onde se esquece a noção de renascimento e se experiencia a não-existência do eu-existente. Deveis descobrir o significado interior da recordação de Buda, para libertar todos no futuro.

De um modo geral, todas as escolas, as de prática difícil e as de prática fácil, têm dois princípios em comum. No contexto dos expedientes, a recordação de Buda é considerada uma prática fácil, quando a mente não consegue concentrar-se nas outras práticas. No contexto dos veículos reais, ver a natureza é considerada uma prática fácil, pois todos os ensinamentos de Buda emergem daqui.

As Três Tratados baseiam-se no vazio real. O vazio real é o conhecimento fundamental da natureza essencial. Portanto, deveis voltar-vos para a vossa própria mente para clarificar o conhecimento fundamental. Uma vez que o fundamental esteja claro, as distinções tornam-se autoevidentes, tal como as imagens dos objetos aparecem todas num espelho quando este está limpo. Usai isto para ver as oitenta mil doutrinas sagradas do tesouro de todos os ensinamentos — o Hosso, o Tendai, o Kegon e o Shingon; então conhecê-los-eis sem os ter aprendido, alcançá-los-eis sem os ter cultivado. Não será este um caminho de prática fácil?

Se perseguirdes a palavra escrita, caçando ramos e folhas, a fim de clarificar os significados das escolas, as vossas faculdades físicas são limitadas, ao passo que os tesouros dos ensinamentos são inesgotáveis. Mesmo que trabalhásseis durante éons imensos, não poderíeis compreender o caminho dos mistérios subtis das Três Tratados.

O Hosso [*Características dos Fenómenos*] baseia-se na existência subtil.²⁴ Existência subtil significa o conhecimento subtil da diferenciação. Primeiro, voltai-vos para a vossa própria natureza para clarificar o conhecimento da diferenciação, e o conhecimento fundamental naturalmente não poderá deixar de aparecer. Usai este espelho subtil para ver os outros ensinamentos e a chave transcendental da escola, bem como as formas de prática adaptativa, que são alcançadas de uma só vez, com total clareza. Não seria isso agradável?

O Tendai baseia-se no carácter único da realidade do caminho do meio, considerando os dois princípios do vazio real e da existência subtil como sendo individualmente unilaterais.²⁵ O carácter da realidade é a totalidade inerente à nossa própria natureza. Portanto, clarificai profundamente a vossa própria natureza e transcendereis a fronteira nominal entre o vazio real e a existência subtil, e o conhecimento subtil imaculado do carácter da realidade aparecerá naturalmente. Porque compreende completamente tudo, é chamado redondo, ou completo;

porque alcança tudo de uma só vez, é chamado súbito, ou tudo-de-uma-vez. Se virdes tudo com este conhecimento subtil, que razão haveria para não compreender?

O Keron [*Ornamento de Flores*] baseia-se no reino da realidade.²⁶ O reino da realidade é como o lugar onde os cem rios retornam ao oceano e perdem todos os seus nomes, tornando-se igualmente água do oceano. No ensinamento Keron, não há mais nada, por isso o samsara e o nirvana, as aflições e a iluminação, cada átomo, cada folha de erva, preenche a substância da realidade; assim, o princípio e os fenómenos interpenetram-se, e os fenómenos interpenetram-se, e a natureza e as características fundem-se. Isto é chamado o reino da realidade.

Apontar para onde a flor-da-mente se abre é chamado o Lótus do Verdadeiro Ensino [*Hokke*]; apontar para onde a flor-da-mente floresce plenamente é chamado o Ornamento de Flores [*Keron*]. O Lótus do Verdadeiro Ensino e o Ornamento de Flores são um e o mesmo princípio e substância; a sua única diferença é de ordem.

Portanto, ambas as escrituras estão originalmente incluídas no ensinamento Tendai. Primeiro, descobris o significado do carácter da realidade de ver a natureza; uma vez que entreis no santuário interior, então o reino-da-realidade do Ornamento de Flores torna-se naturalmente claro. Se souberdes e virdes desta forma, haveria algum ensinamento que não alcançásseis? Haveria apenas mais, nada mais.²⁷

O Shingon baseia-se no não-criado fundamental. O Hokke e o Keron ensinam ambos a originação relativa instantânea; assim, uma vez que a originação relativa não tem início, é chamada fundamentalmente não-criada. O simples facto da não-criação, contudo, contém ensinamentos infinitos, pelo que todos os ensinamentos são esotéricos. Assim que entraís na discussão verbal, tudo cai em princípios exotéricos; por isso, novamente, para comunicar a natureza da realidade para além da explicação verbal, símbolos esotéricos podem ser mostrados.

Além disso, o elemento diamante é o conhecimento do fundamental não-criado; o elemento útero é o princípio do fundamental não-criado.²⁸ O conhecimento real é firme e sólido, por isso é chamado diamante. O princípio real é fecundo, por isso é chamado um útero. Sempre que se fala de princípio, é o mesmo que nas escrituras exotéricas, mas ao falar dos

princípios inerentes à substância do não-criado, todos são chamados esotéricos por essa razão.

Sempre que há qualquer discurso, esse não é o corpo da realidade. Considerar, todavia, o corpo da realidade como sendo o mestre [no Shingon], aponta para a realidade inerente a essa substância não-criada. Portanto, é chamado o corpo-da-realidade expondo o ensinamento. Este ensinamento só começou nos segundos cinco séculos [após a morte de Buda], no tempo de Nagarjuna,²⁹ porque o ensinamento esotérico não era necessário na era da pureza do verdadeiro ensinamento; eles eram capazes de compreender os princípios esotéricos espontaneamente.

Mas quando o sol do verdadeiro ensinamento se pôs, as faculdades das pessoas declinaram gradualmente e muitos ficaram presos em princípios exotéricos, e foi assim que este ensinamento [esotérico] começou. Isto pertence ao tesouro inconcebível do Buda de empoderamento por projeção espiritual; ele, por si só, vai além dos quarenta e nove anos [do ensinamento de Buda]. É como quando Bodhidharma chegou [à China] e todos tinham caído no dogma, então ele simplesmente estabeleceu uma prática separada fora da doutrina, não dependendo de escrituras ou tratados. Tudo isto foi uma adaptação ao tempo e uma resposta ao potencial — nunca houve um ensinamento fixo.

É como o caso de um médico habilidoso que não guarda uma única fórmula na mente, mas prescreve várias fórmulas, de acordo com as doenças. Assim, fundamentalmente não existem dois ensinamentos no Budismo. Aqueles que conseguem encontrar a intenção de uma escola não deixarão de alcançar nenhuma delas, não deixarão de dominar nenhuma delas.

Se fôssemos impor rótulos e classificações sobre eles, então guardar os preceitos, o ascetismo, todas as raízes construídas do bem, são como ter origem numa aldeia isolada com nada para fomentar a concentração ou o discernimento. Além disso, quando vos perdeis nos ermos, enquanto tiverdes comida e roupa, desfrutais do passeio, mas quando as vossas provisões se esgotam, sofreis de fome e frio; as melhores recompensas dos estados humanos e celestiais não vão além disto.

A meditação, a concentração, o conhecimento e o discernimento são como progredir ao longo de uma estrada; sem votos de compaixão, parareis

numa estalagem, gerindo o aluguer de um dia, permanecendo pobres e humildes para sempre. Os poderes psíquicos dos discípulos, dos iluminados individuais, dos seres celestiais e dos forasteiros são os resultados.

Os bodhisattvas do veículo menor podem ter votos de compaixão, mas a sua vontade é fraca e eles não descobrem a rota completa. É como entrar na casa de um oficial territorial; embora ele tenha nobreza, esta ainda não é verdadeiramente real. Ter o brio para ir além destes estágios e descobrir a rota completa é como contemplar a capital real.

Os significados das escolas do Grande Veículo são todos experiências na capital real, pelo que o Sanron [Três Tratados] é como o portal da cidadela, o Hosso [*Características dos Fenómenos*] é como o centro da cidadela, o Hokke [*Lótus do Verdadeiro Ensino*] é como o portão do palácio, o Keron [*Ornamento de Flores*] é como o salão de audiências, o Shingon [*Mantra*] é como o tesouro. Assim, para os princípios de todos os ensinamentos, e os resultados obtidos no ambiente e nas pessoas, o Keron é considerado claro e abrangente, pois mostra arranjos magníficos no salão. Para todos os recursos valiosos e a morada dos Budas, o Shingon é considerado correto, porque quando as tarefas estão terminadas, tudo é devolvido ao armazenamento.

E quando se trata da entrada, o Hokke é considerado primordial, porque se for de facto o portão do palácio, passareis naturalmente por ele, ao passo que, se vos enganardes no portão, entrareis na casa de outra pessoa. Quanto ao ensinamento em que se entra, o esotérico é primordial, porque o governante e todos os implementos preciosos estão no tesouro, visto que as coisas são realizadas no reino exotérico e ocultadas no esotérico.

Mesmo assim, quando alcançais os significados das escolas, não há diferença alguma. É como as pessoas que procuram a morada do imperador; primeiro, o portão da cidadela é-lhes apontado, e os sábios vão até ao fim na cidadela e não param até encontrarem o imperador. Aqueles que carecem de conhecimento, em contraste, não conhecem a distinção, por isso acabam por parar assim que chegam ao portal da cidadela.

No geral, embora existam distinções nominais no estágio causal, quando alcançais a realização resultante não há diferença. É como os cem rios que têm diferenças, mas o oceano não as tem. Todas as correntes do

ensinamento levam ao oceano da natureza fundamental, onde se tornam igualmente água-de-conhecimento de sabor uniforme.

Todos os seres vivos no mundo dependem do oceano, por isso o Sanron e o Hosso não devem deixar de penetrar no Tendai e no Shingon, e o Tendai e o Shingon não devem deixar de passar pelo Sanron e pelo Hosso. O mesmo se aplica a todos os outros ensinamentos. Apenas tende cuidado para que todas as correntes do ensinamento não fluam para fora e, assim, nunca consigam entrar no oceano do omniconhecimento fundamental dos Budas.

O Confucionismo, o Taoismo e o Xintoísmo foram todos ensinados de acordo com as condições por bodhisattvas no estágio equivalente à iluminação, que ocultaram as suas virtudes, esconderam a sua luz e pareceram ser como as outras pessoas. Estes ajudam naturalmente o ensinamento do Veículo Único de ver a natureza interiormente, enquanto fornecem diretrizes perenes para a sociedade exteriormente. As pessoas mundanas pensam que eles são mutuamente exclusivos porque as suas doutrinas diferem e os seus termos são distintos, por isso cada uma concebe visões de "eles" e "nós", não só prejudicando o Budismo, mas também obscurecendo essas doutrinas, tornando-as piores do que as dos ignorantes. Que triste!

Os sábios conceberam doutrinas de forma diferente para se adaptarem aos tempos, mas queriam apenas que as pessoas as seguissem de volta à raiz. As pessoas da alta antiguidade tinham originalmente mentes diretas, por isso, assim que ouviam orientações, chegavam logo à fonte. Mesmo que as instruções fossem rudimentares, o seu efeito era mais do que suficiente. As pessoas da última era perderam a substancialidade da natureza original; procurando vaidades na sua insubstancialidade, destruíram a verdade na sua substância. Portanto, o Budismo é muito detalhado e preciso e, mesmo assim, educa e reforma com dificuldade — quanto mais o Confucionismo, o Taoismo e o Xintoísmo!³⁰

Assim, o *Registo Básico que Constitui o Tesouro Supremamente Secreto do Santuário* diz:³¹

No inverno do vigésimo sexto ano do reinado de Ikume Irihiko Isachi no Mikoto,³² na noite da cerimónia de prova das novas colheitas no décimo primeiro mês lunar, oitenta sacerdotes e sacerdotisas assistiram ao anúncio:

"Esta noite recebi uma revelação de um comando temível do grande espírito." (Yamato-hime no Mikoto recebeu e anunciou a revelação do grande espírito).³³ Os sacerdotes e sacerdotisas estavam atentos, sem distrações, ouvindo-a com precisão e clareza. "Os humanos são os seres espirituais da terra (autoajuda); eles devem assumir a responsabilidade pela tranquilidade e pela paz (aspiração). A mente é o hospedeiro dos espíritos (ajudar os outros). Não fira o espírito na mente (cortesia)."

O Veículo do Espírito [Xintoísmo] coloca a oração em primeiro lugar; a assistência invisível baseia-se na honestidade. (Necessariamente.) Quando todos são capacitados a alcançar o Grande Caminho pelos seus compromissos originais,³⁴ então o mundo é harmonioso, o sol e a lua são claros, o vento e a chuva estão na estação, o país é próspero e as pessoas estão seguras.

Portanto, as pessoas espirituais mantiveram o primitivo e excluíram qualquer sopro de Budismo. Em geral, na era do espírito, os corações das pessoas eram sábios e constantes, honestos e íntegros. Quanto aos descendentes dos espíritos da terra, tais como as pessoas comuns em todo o mundo, os espíritos nas suas mentes são obscuros; eles dividem termos diferentes de existência e não-existência; as suas mentes correm compulsivamente, sem nunca um momento de descanso. Os seus corações partem-se e os seus espíritos dispersam-se; quando os seus espíritos se dispersam, os seus corpos morrem.

Os humanos são dotados das energias etéreas do céu e da terra; se não respeitarem o que as energias etéreas produzem, vendo a progénie-luz dos espíritos, porque não acreditam nos tabus dos espíritos, submergem na escuridão da longa noite de nascimento e morte, e suspiram no submundo. Por causa disto, o humano realizado do Ocidente, em lugar da divindade imperial, instruiu assiduamente, ensinando as pessoas a cultivar o bem, distribuindo ensinamentos de acordo com as capacidades. Desde então, o grande espírito regressou à posição original.

Ah, é verdadeiramente assim: Na era inocente da alta antiguidade, as mentes das pessoas eram íntegras e honestas e podiam facilmente alcançar o Grande Caminho de acordo com as suas faculdades e capacidades. Uma vez que as pessoas espirituais mantiveram o primitivo, que necessidade tinham de notícias do Budismo? Então, à medida que a última era eventualmente chegou, perderam a sua mente original e correram a

procurar lá fora, perseguindo objetos na sua confusão, sendo assim rodopiados no nascimento e na morte, afundando-se e sofrendo em estados miseráveis. Neste ponto, se não fosse pelo ensinamento subtil de Buda, como poderiam libertar-se do nascimento e da morte?

Diz também: "O Xintoísmo emerge das fronteiras do primevo e regressa à origem do primevo. Os Três Tesouros³⁵ refutam visões de existência e não-existência para realizar o fundamento do carácter da realidade. Esta é a mensagem suprema final dos espíritos." Agora apontamos o primevo como sendo antes da criação do céu e da terra, quando nem um único pensamento ocorre; por isso, quando fala em emergir das fronteiras do primevo e regressar ao início do primevo, qual é o princípio? Hoje em dia é realmente difícil encontrar pessoas que alguma vez tenham atingido o ponto onde nem um único pensamento ocorre — como pode haver quem tenha regressado à origem do primevo?

Quando se diz que as pessoas espirituais mantêm este estado, é apenas um termo; elas não captam o princípio. Na nossa escola, os de grande coração abandonam objetos mundanos e param miríades de preocupações, e ainda acham difícil alcançar este caminho mesmo após dez ou vinte anos. Quanto mais para aqueles que estão fisicamente presos ao labor mundano e mentalmente deficientes na mediação e concentração, tentando forçar-se a manter este ensinamento! De facto, uma vez que o Xintoísmo tem um alcance tão profundo, não será lamentável pensar levianamente no Budismo?

De um modo geral, o termo espírito refere-se à mente. Quando a poluição mental é eliminada, é como um espelho estar limpo — isto é chamado espírito. Portanto, o Veículo do Espírito usa um espelho para simbolizar a sua substância. O espelho-da-mente é originalmente límpido e limpo, estável e calmo — isto é chamado Kunitokotachi no Mikoto.³⁶ O espelho-da-mente é originalmente redondo e brilhante, refletindo tudo sem exceção — isto é chamado Amaterasu Omikami.³⁷ O *Registo Original do Assento do Grande Espírito Toyoukeko* diz: "Exercendo uma compaixão imensa, com poder espiritual independente manifestando várias formas de acordo com várias mentalidades, criando caminhos expedientes de bem-estar, é representado pelos nomes Alma do Sol e Espírito Que Ilumina o Céu. Esta é a substância original de todas as coisas, libertando todas as classes."

Assim, deve reconhecer-se que o Veículo do Espírito e o Budismo têm a mesma substância noumérica, e nenhum deles está além da única verdade de ver a natureza. Se conseguirdes compreender a vossa própria natureza, então fundir-vos-eis com o númeno primevo logo no início; se, depois, buscardes o significado profundo dentro da natureza, emergireis gradualmente das suas fronteiras e regressareis à origem do primordial. Ah, a palavra *origem* é excruciantemente difícil de abordar — os estudantes do Veículo do Espírito não devem passar por ela de forma superficial!

Além disso, nas doutrinas de Confúcio e Mêncio, o nome e a realidade são usados em conjunto para o bem-estar geral do mundo. Humanidade, justiça, lealdade e reciprocidade são produzidas por uma única natureza. As doutrinas de Lao-Tsé e Zhuangzi refutam nomes para chegar às realidades, estudando unicamente o Caminho e as suas virtudes. Vazio, inexistência e espontaneidade são produzidos por uma única natureza. Portanto, Confúcio e Mêncio nunca fizeram da humanidade, da justiça e da reciprocidade o Caminho, e Lao-Tsé e Zhuangzi nunca fizeram do vazio, da inexistência e da espontaneidade o Caminho. Eles apenas impuseram nomes para abrir estradas essenciais; estes não são o que eles consideram fins últimos.

Por isso Confúcio disse: “Pensais que eu sei muito através do estudo amplo? O meu caminho é permeado pela unidade.” Lao-Tsé disse: “Sempre sem desejo para observar o subtil, sempre desejando para observar o cíclico.” Confúcio e Mêncio disciplinaram através da educação; Lao-Tsé e Zhuangzi educaram através da disciplina. Buda podia educar e podia disciplinar. Confúcio e Mêncio são enriquecidos por Lao-Tsé e Zhuangzi; Lao-Tsé e Zhuangzi são completados por Confúcio e Mêncio; ambas as doutrinas são penetradas pelo Budismo, enquanto o Budismo usa as duas doutrinas para auxiliar.

A influência de Confúcio e Mêncio expande-se; a influência de Lao-Tsé e Zhuangzi aprofunda-se; a influência de Buda aperfeiçoa e clarifica. Os ensinamentos do Confucionismo e do Taoismo comunicam a sua sabedoria a uma era e apenas beneficiam os seres humanos, não outras formas de vida. O conhecimento e a compaixão dos Budas é infinitamente vasto, beneficiando seres em todas as formas de vida e compreendendo todas as coisas em todos os tempos.

No entanto, embora existam diferenças na amplitude e na estreiteza, na parcialidade e na completude, o sentido essencial é apenas um. Alguns

comparam Confúcio e Lao-Tsé aos dois veículos menores, mas sem uma discussão profunda. Deixem-me agora discutir isto em termos dos seus ensinamentos. Compará-los aos veículos menores é aceitável no que toca à falha do enviesamento, mas, mesmo assim, trata-se de uma questão de crueza ou precisão comparativa da instrução verbal; não significa que os seus caminhos tenham esse problema. Quando Confúcio e Mêncio explicaram a acumulação de sofrimento e estabeleceram diretrizes próximas dos padrões de conduta dos veículos menores, estavam temporariamente a ensinar o

Caminho em conformidade com a sociedade; se não reconhecerdes a habilidade nos meios expedientes, parareis a meio do caminho. Quando Lao-Tsé e Zhuangzi repudiaram tudo baseando-se no caminho para a extinção assemelhando-se ao nirvana com resto, estavam temporariamente a tratar sintomas de acordo com o potencial; se não estudardes o princípio da completude, decerto ficareis na cidadela mágica.³⁸

É como Buda estabelecendo três veículos; embora haja um significado profundo, as pessoas de pequeno potencial param todas nos rastros do ensinamento. Portanto, não é culpa do Caminho, mas das deficiências das faculdades e potenciais das pessoas. O Mestre Zen Dazhu Huihai disse: “Quando pessoas de grande medida os aplicam, eles são o mesmo; quando pessoas de pouco potencial se agarram a eles, eles são diferentes.” Todos produzem as suas funções a partir de uma natureza, mas as diferenças nos potenciais e perceções fazem deles três. A confusão e a iluminação vêm da pessoa; não estão na diferença ou semelhança da doutrina.

Para generalizar sobre os caminhos do Xintoísmo, Confucionismo e Taoismo, os bodhisattvas ensinam em resposta aos tempos — nunca houve uma doutrina fixa. Desde os tempos antigos que os perfeitamente bons ilustraram o Caminho para a sua geração, por isso era possível obter a essência sem o uso de preceitos ou formalidades. É por isso que foram benéficos nos tempos antigos. Os potenciais inferiores das eras posteriores estão tão amarrados que são difíceis de libertar, por isso, primeiro, eles abandonam os envolvimento sociais para entrar no caminho com os seus corpos inteiros.

É como o caso de alguém que viaja por uma estrada íngreme. Se tiver muita bagagem, à medida que a força se esgota, fica tão exausto que não consegue ultrapassar aquele troço da estrada. Se não tiver um fardo pesado,

sozinho e livre, realmente resolvido, passa diretamente pela inclinação difícil e consegue chegar ao fim. Assim, cultivar o caminho na vida leiga é como viajar para longe com uma carga pesada; leva muito tempo e trabalho árduo, e é difícil ganhar independência. Se abandonardes o mundo para entrar no Dharma, é como atravessar as montanhas sem bagagem; porque estais a viajar leves, é fácil seguir pelo caminho elevado.

Agora, no método de ver a natureza de que falo, não há questão de monástico ou leigo — é apenas uma questão de partir o melhor que puderdes. Quando chegar a hora, libertar-vos-eis do fardo. Se dizeis que não há obstáculos na vida leiga, isto é preferir carregar um fardo, aumentando ainda mais o cativeiro, cansados e sofrendo para sempre. Contudo, aqueles que nem sequer partem porque têm medo de ter uma carga pesada no presente estão ainda mais longe de casa.

Passar uma vida inteira em vão é como a água a afundar-se, para eventualmente desaparecer. Se as pessoas não o cultivarem, a sua vontade de iluminação acabará por extinguir-se. Se fordes assim hoje, sereis assim vida após vida. Seria melhor partir o melhor que puderdes para entrar na estrada certa; então, algum dia chegará o momento em que vos libertareis do vosso fardo. Depois podereis agir de forma não convencional ou ir com o fluxo, sem impedimentos, independentes. É por isso que o Budismo tem disciplina, concentração, discernimento e renúncia, transcendendo os envoltórios mundanos.

Outro problema com a vida leiga é que, mesmo que passeis a estrada íngreme, mesmo que entreis no conhecimento da natureza essencial, os princípios da diferenciação serão difíceis de compreender completamente.³⁹ É como um mercador que tem capital, mas mal consegue lucrar porque a sua estratégia de negócio é inexperiente. O anseio e o amor, as emoções e os desejos, desgastam interiormente o carácter, enquanto as ilusões de nome e ganho corrompem exteriormente o comportamento. Quando estais física e mentalmente sobrecarregados por tais coisas, não só a vossa estratégia com a natureza é inexperiente, como o vosso consumo é excessivo. Os ladrões estão lá dentro, drenando os vossos bens, por isso não conseguis ter sucesso no desenvolvimento de um carácter rico.

Neste sentido, os estudantes não devem perder o seu tempo, sejam eles leigos ou monásticos. Se estais na vida leiga hoje, não há remédio; por isso, deveis libertar-vos assim que tiverdes oportunidade. Por este motivo,

poderá haver quem diga que não haverá ninguém no mundo se todos se tornarem monásticos. Esta é a teoria das minhocas que poupam a terra. Ora, não há ninguém no mundo que não procure riqueza e estatuto, mas se todos fossem aristocratas ricos, quem seriam os seus empregados? Quem seriam os cidadãos comuns? Mas os ricos em todo o lado estão a diminuir diariamente, enquanto há cada vez mais pobres. O que é que isso quer dizer?

Em todo o lado os médicos formulam medicamentos potentes para curar as doenças dos outros, mas não há fim para os pacientes. Os caçadores perseguem aves e feras todos os dias, mas elas não diminuem. Porque seria isto considerado estranho apenas no Budismo? Os Budas e bodhisattvas fizeram votos universais para libertar todos os seres e nunca retroceder, no entanto os reinos dos seres vivos não terminaram, porque são infinitos.

Por estas razões, o Xintoísmo, o Confucionismo e o Taoismo só podem ser cumpridos na extensão máxima se primeiro conseguirdes ver a natureza. Se estudardes todos os ensinamentos budistas, isso pode ser chamado estar totalmente equipado. Até o alcance da perícia em todas as artes do mundo baseia-se no oceano da natureza fundamental. Se estais perdidos e não o sabeis, desgastais o vosso corpo perseguindo sombras. Portanto, se todos os aprendizes apenas se voltarem para a sua própria natureza e a clarificarem, a investigarem, então os essenciais de todas as escolas tornar-se-ão espontaneamente evidentes. Se os buscardes fora, isso é como o filho empobrecido que deixou o seu pai e fugiu, procurando comida e roupa ao acaso.⁴⁰ Não podemos sentir pena?

É como uma doença que persiste há muitos anos, de modo que a mente e a energia estão exaustas ao extremo, e o baço e os rins estão drenados e depauperados. Mesmo a acupuntura, a moxabustão e a medicina dificilmente terão qualquer efeito. O corpo humano originalmente não tem doença; quando há um lugar vazio lá dentro, então anomalias externas invadem-no, e isso cria a raiz da doença. A medicina acalma as energias anormais, não a energia mental; quando as energias anormais são eliminadas, a energia mental é inerentemente robusta. Mesmo assim, quando a energia mental está exausta ao extremo, as energias anormais aumentam, de modo que a força da medicina mal consegue igualá-la e, portanto, a doença não pode ser curada. Se vós próprios nutrides o vosso

espírito dentro do vosso corpo, então a vossa energia mental irá preencher-se gradualmente e não será afetada por anomalias do exterior. Portanto, também achareis a medicina eficaz.⁴¹

É como a ascensão ou queda de uma nação dependendo da liderança. Se a liderança estiver correta, os forasteiros não se atrevem a invadir. Assim é com o Budismo; primeiro voltai-vos para a vossa própria mente e olhai profundamente para a sua natureza original, e então a consciência condicionada desaparece e o discernimento iluminado aparece. Todos os ensinamentos são compreendidos, sem exceção.

Por esta razão, não é apenas a nossa escola que se baseia em ver a natureza; as outras escolas, em essência, devem todas basear-se em ver a natureza. Se quiserdes estudar as ideias de uma escola sem ver a natureza, mesmo que estudeis todas as doutrinas budistas, a vossa consciência condicionada será tão profunda como sempre, pelo que o discernimento iluminado não pode aparecer. Quando o espírito não é nutrido, o tormento da doença aumenta. Quando a natureza búdica não é revelada, a consciência condicionada aumenta. A força da medicina não supera a força da doença; o poder do caminho não supera o poder do condicionamento. Por favor, usai os princípios da cura de doenças para examinar minuciosamente e contemplar objetivamente; os caminhos de prática difícil e prática fácil culminam aqui!

As únicas exceções são os bodhisattvas inconcebivelmente libertados que vêm cavalgando grandes votos de compaixão e ensinam temporariamente doutrinas menores. Eles por vezes mostram poderes miraculosos para abrir as mentes das pessoas, acolhendo aqueles de potencial mais baixo, despertando aqueles sem fé, para criar condições que produzirão a libertação. Isto também é uma abordagem ao Budismo, um exemplo de grande compaixão que deve ser valorizado.

A nossa escola apenas discute a realização genuína para as pessoas comuns; não discutimos o domínio do poder secular. Apenas escolhemos líderes do Budismo; não perguntamos sobre outras coisas. Se as pessoas comuns não experienciarem isto realmente, o verdadeiro Dharma morrerá. Se os líderes forem inteligentes e iluminados, uma vez que tudo vem de si mesmo, eles sustentam diretamente a doutrina da transcendência progressiva para lidar com pessoas do mais alto potencial.

Para aqueles nas categorias médias e inferiores que ouvem e acreditam nisso, torna-se a semente mais fina, de modo que certamente alcançarão o Caminho nesta vida ou na próxima. Para aqueles que ouvem mas não acreditam, continuará a ser uma semente de fé, que algum dia se tornará fé profunda.

Uma vez que ninguém é deixado de fora e os de faculdades superiores, médias e inferiores alcançam todos o verdadeiro Budismo genuíno, que doutrina poderia acrescentar a isso? Comparado a educar o mundo inteiro na esperança de sucesso, educar um governante é sábio, pois então todos na terra recorrerão ao verdadeiro ensinamento. Comparado a trabalhar permanentemente para um governante, discursando sobre esse caminho, é melhor herdardes vós próprios o trono e governardes a terra. Quando onde quer que vivais é a vossa capital, onde quer que residais é o vosso palácio, e o vosso tesouro é também conforme desejardes, isto chama-se o trabalho da grande pessoa.

Quanto àqueles em vários quadrantes que são parciais a escrituras ou tratados particulares, ou procuram a Terra Pura arbitrariamente, sem descobrir o fundamental, tornam-se tipos médios e inferiores, por isso acreditam em doutrinas médias e inferiores vida após vida, geração após geração, alcançando caminhos médios e inferiores. Mesmo que nasçam em terras búdicas, não conseguem acreditar no ensinamento supremo e não conseguem alcançar o caminho fundamental.

É como se usardes um fruto como semente, ele produz brotos de acordo com o tipo. Por esta razão, diz-se que aqueles que são intensos quanto aos preceitos mas frouxos quanto ao veículo são semelhantes na congregação do Buda, mesmo que se tornem ouvintes ou iluminados individuais, mas no reino da budicidade são como se fossem surdos e mudos. Aqueles que são intensos quanto ao veículo mas frouxos quanto aos preceitos, vendo e ouvindo, acreditando e aceitando, todos realizarão o Caminho, mesmo que sejam de tipos diferentes.

Além disso, para os bodhisattvas dos três veículos, a obtenção da budicidade é remota, após três éons incalculáveis, porque negligenciam a raiz e perseguem os ramos, não clarificando a sua própria natureza. Os bodhisattvas do Veículo Único realizam o despertar verdadeiro no momento da sua inspiração inicial, porque veem a natureza claramente e conseguem compreender a realidade.

Também as chaves de todas as escolas dependem de condições dominantes de virtude acumulada, ao passo que no contexto de ver a natureza tudo é uma questão de um único momento de fé. É como quando quereis ir para outra província, primeiro precisais de muito dinheiro, e se quereis entrar na casa de outro, primeiro precisais de estabelecer uma boa relação. Mas para ir para a vossa própria província não precisais de muito dinheiro, e para regressar à vossa própria casa não precisais de uma relação. Todos, sem exceção, são dotados da grande sabedoria fundamental e da grande virtude da natureza búdica — não é essa a melhor das ligações?

1. *Este não é Wuzu Fayan, mas Fayan Wenyi (885–958). Ver “The House of Fa-Yen” em The Five Houses of Zen; Book of Serenity, casos 17, 27, 51, 74; Unlocking the Zen Koan, caso 26.*

2. *Nanyuan era um mestre Linji de terceira geração; foi o professor do mais famoso Fengxue, citado anteriormente nesta obra. Ver The Blue Cliff Record, comentário ao caso 38.*

3. *“Caminhos dos sábios” é um termo usado no Budismo da Terra Pura para se referir a outros tipos de Budismo.*

4. *Isto é, ou algum tipo de quietismo, niilismo ou devoção a estados de meditação como fins em si mesmos.*

5. *“Aflição” é um termo técnico para condições mentais, comportamentos ou complexos que causam miséria. Embora se diga serem inumeráveis, as seis principais aflições, tal como tradicionalmente definidas na psicologia budista, são a ganância, o ódio, o orgulho, a ignorância, a indecisão e a percepção imprecisa.*

6. *Para as bases dos poderes espirituais num contexto de Veículo Único, ver The Flower Ornament Scripture, p. 730.*

7. *Isto refere-se ao conceito de três períodos de um ensinamento — genuíno, imitação e terminal. Um ensinamento genuíno satisfaz as necessidades do seu tempo; um ensinamento de imitação mimetiza na esperança de que funcione; um ensinamento terminal é simbólico. De acordo com a Escritura da Grande Extinção, a característica definidora da última era, ou a era terminal, é quando o ensinamento é vendido em pedaços como uma mercadoria.*

8. Os “seis bandidos” referem-se às seis principais aflições mencionadas acima. Os “cinco desejos” referem-se aos cinco sentidos elementares, enquanto portas de entrada do desejo.

9. Isto refere-se à doutrina de tariki, ou poder-do-outro, do Budismo da Terra Pura. O “Médico Experiente” é Amitabha, o Buda da Luz Infinita, que também é chamado Amitayur, o Buda da Vida Infinita; a Terra Pura, Sukhavati, ou Bem-aventurada, diz-se estar no Oeste, a direção do pôr do sol, que no Zen é tomada como símbolo da cessação dos pensamentos.

10. Esta é uma frase famosa do Sutra do Lótus, que introduz o Ekayana ou Veículo Único.

11. Hakuin costumava dizer que as pessoas que tinham sucesso na prática da Terra Pura se voltavam para o Zen, enquanto as pessoas que falhavam no Zen se voltavam para a prática da Terra Pura. O significado Zen de “outro lugar” aqui não é que as pessoas não devam estudar outras escolas, pois de facto este tratado insiste que os estudantes de Zen devem estudar todas as escolas; antes, é um lembrete de que as experiências visionárias de outro mundo induzidas pelos métodos da Terra Pura não são objetivos em si mesmos.

12. Para uma visão do Veículo Único sobre “as quatro verdades”, ver “As Quatro Nobres Verdades”, livro 8 de *The Flower Ornament Scripture*, e os estágios três e quatro de “Os Dez Estágios”, livro 26, pp. 721–35. Para “as doze causas e condições”, ver o estágio seis de “Os Dez Estágios” no livro 26 de *The Flower Ornament Scripture*, pp. 745–49.

13. As primeiras seis das dez perfeições ou caminhos de transcendência; ver *Buddhist Yoga*, capítulo 7, “Os Caminhos Transcendentes dos Estágios”.

14. Isto refere-se à escritura sobre a visualização do Buda da Vida Infinita, um dos principais textos do Budismo da Terra Pura. A Senhora Vaidehi é a figura que recebe este ensinamento numa visão em sonho enquanto está presa e impedida de encontrar o Buda pessoalmente.

15. “Amida” é a renderização japonesa de Amitabha, o visionário Buda da Luz Infinita, também tomado como referindo-se à própria mente. Este Buda é o principal objeto de devoção das escolas da Terra Pura. De acordo com as versões mais populares do Budismo da Terra Pura japoneses, as pessoas imersas na vida comum geralmente não conseguem aperfeiçoar as dezasseis visualizações da Vida Infinita, e é por isso que para elas o

chamado Voto Especial do Buda Amida prevê que mesmo aqueles que simplesmente recitem o nome do Buda renascerão na terra pura desse Buda. Munan chamou a esta prática uma espada afiada para cortar pensamentos aleatórios; no Zen, ela é entendida como um expediente para purificar a mente, mas é também combinada com a introspecção de quem a está a realizar.

16. Isto não se refere ao nirvana tranquilo dos veículos menores, mas à natureza búdica; aqui, “nirvana” alude ao Mahaparinirvana-sutra, no qual a natureza búdica é simbolizada pelo ghee, sendo a manteiga clarificada a realização mais quintessencial e refinada do potencial contido no leite.

17. A escola Shingon ou Mantra baseia-se em dois textos Vajrayana, o Mahavairocana-sutra e o Vajrasekhara-sutra. Os textos esotéricos Vajrayana são representados como misticamente projetados.

18. Um epíteto de Buda. A “conclusão das tarefas” refere-se ao ciclo de ensinamentos da sua vida.

19. “Vidente do Som do Mundo” é uma das formas como o nome do superno bodhisattva Avalokitesvara foi traduzido. O “Grande Empoderado” refere-se ao superno bodhisattva Mahasthamaprabhata. Estes dois bodhisattvas são visionados como os principais assistentes do Buda Amitabha (Amida) na Terra da Bem-aventurança.

20. Honen (1133–1212) é reverenciado como o fundador da escola da Terra Pura japonesa chamada Jodo Shu. Várias escolas da Terra Pura ramificaram-se da Jodo Shu, incluindo a Jodo Shin Shu, ou Shinshu abreviadamente, a maior de todas as seitas budistas japonesas, fundada pelo discípulo de Honen, Shinran (1173–1262).

21. “Bem-aventurança Suprema” é a tradução chinesa do sânscrito Sukhavati, “Bem-aventurada”, que é o nome da terra pura do Buda Amida.

22. Isto refere-se ao expediente da Terra Pura, que contém a sua própria prescrição.

23. Isto é, eles imitam por respeito, por isso, embora não sejam iluminados, não são inteiramente desenfreados.

24. Para o Sandhinirmocana-sutra, uma das duas principais fontes escriturais do Hosso, ver Buddhist Yoga.

25. Sobre a meditação Tendai, ver Stopping and Seeing.

26. Sobre a meditação Kegon, ver Entry into the Realm of Reality.

27. *Isto refere-se à infinitude sem fim do reino da realidade, permeado pelos mesmos princípios.*

28. *As principais mandalas que contêm os ensinamentos Shingon são chamadas de mandala vajra, ou diamante, e mandala do útero, ou os reinos da realidade do diamante e do útero. O diamante geralmente corresponde ao fenomenal, o útero ao noumérico.*

29. *Diz-se que as eras do ensinamento verdadeiro e do ensinamento de imitação duraram quinhentos anos cada, enquanto a era terminal supostamente durará dez mil anos. Não se sabe realmente quando Nagarjuna viveu, mas alguns situam-no no primeiro século a.C., outros no primeiro século d.C. Ele é considerado virtualmente um segundo Buda, um patriarca do Budismo Tântrico Shingon, bem como das escolas Zen, Três Tratados, Tendai e Terra Pura. Ver *The Ecstasy of Enlightenment* para os papéis do vazio, da mente e da autorrealização na chamada escola sahaja ou “natural” do Budismo esotérico.*

30. *Este comentário refere-se aos tempos; a comparação de religiões não é feita em termos de superioridade, mas de complexidade. A ideia é que, quanto mais os tempos se deterioram, mais “medicamentos” são necessários, mas embora o Budismo tenha um inventário maior de expedientes do que os outros caminhos conforme geralmente conhecidos, continua a revelar-se difícil produzir os efeitos desejados.*

31. *“O Santuário” refere-se ao santuário xintoísta em Ise, associado à casa imperial.*

32. *Este é o nome do Imperador Suinin, que se supõe ter sido o décimo imperador, reinando de 29 a.C. a 70 d.C. Os túmulos antigos não estão acessíveis para lançar luz sobre a historicidade deste imperador.*

33. *Isto está entre parênteses no original. As outras notas entre parênteses relacionam o Xintoísmo com o Budismo e o Confucionismo. A médium, cujo nome significa “Princesa de Yamato”, era a quarta filha do Imperador Suinin. Yamato era o nome do antigo estado que passou a governar o Japão e, por isso, é também usado como um nome literário para o Japão.*

34. *Isto é, pela sua própria religião. Embora isto seja representado como uma revelação de tempos antigos, foi escrito depois de o Confucionismo, o Taoísmo e o Budismo já estarem no Japão.*

35. *Isto é, o Budismo.*

36. *O criador da terra.*

37. *A deusa do sol.*

38. *“A cidadela mágica” é uma metáfora pejorativa para o nirvana.*

39. *A sociedade japonesa estava nesta época controlada por um sistema de castas construído para limitar o alcance da experiência, do conhecimento e da iniciativa individual e coletiva. A defesa do monasticismo por Torei pode ser compreendida neste contexto de rigor social e estagnação sob o domínio militar e castas hereditárias, bem como numa reconhecida e generalizada decadência monástica e desconfiança oficial e popular em relação aos monges. Pode também estar ligada, talvez inconscientemente, à sua própria natureza doentia. A tendência para promover o monasticismo como uma forma de elitismo aumentou como medida defensiva com a restauração do Xintoísmo de estado e o antagonismo oficial ao Budismo na era Meiji, já prefigurado na obra de Torei um século antes.*

40. *Este é um símile do Sutra do Lótus, muito comumente usado em escritos Zen, criticando os seguidores dos veículos menores por não realizarem a sua própria natureza búdica intrínseca.*

41. *O Mestre Zen Dahui costumava prescrever a poupança de energia mental como um exercício Zen, e isto é também uma chave para a cura taoísta.*

Apêndice

SOBRE A PRÁTICA

O trabalho da atenção plena correta é a prática insuperável. Se tiverdes o trabalho da atenção plena correta, não ficais presos a práticas formais e não vos preocupais com maneiras dignas. Em princípio e em facto, sentado e caminhando, certo e errado, ação e repouso, verdade e não-verdade, no mundo e além do mundo, tudo o que é necessário é não perder a atenção plena correta.

Agora disse-me, o que é precisamente o princípio da atenção plena correta? Praticar a meditação e cultivar a concentração é o cerne do trabalho; ver a natureza e testemunhar o Caminho é o cerne do trabalho; o entrelaçamento da diferenciação é o cerne do trabalho; a estrada única da transcendência progressiva é o cerne do trabalho. Os Budas de todos os

tempos apenas realizam o cerne do trabalho da atenção plena correta; os mestres ao longo da história apenas transmitiram o cerne do trabalho da atenção plena correta. Os cinco períodos e as oito doutrinas apenas expõem o cerne do trabalho da atenção plena correta. Os velhos exemplos de koans apenas discutem o cerne do trabalho da atenção plena correta.

Há o grosseiro e há o fino, há o raso e há o profundo, há o longe e há o perto, há o cru e há o maduro. Os principiantes devem certificar-se; os experientes precisam de ser minuciosos e precisos.

É por isso que a nossa escola apenas estima o trabalho da atenção plena correta e não estima modelos de conduta ou formas de prática. Porquê? Quando a atenção plena correta é contínua, não há mais nada na vossa mente; quando a atenção plena correta é contínua, ela não difere onde quer que estejais. Esqueceis completamente os objetos diante de vós. É isto que Yongjia queria dizer com “vendo as montanhas, esqueceis o Caminho; vendo o Caminho, esqueceis as montanhas”.

Muitos dos “Zennistas” de cabeça vazia da última era vangloriam as suas próprias visões; em vez de se basearem em se o trabalho da atenção plena correta é ou não contínuo, apenas porque consideram as maneiras e formas como práticas menores, consideram erradamente a licença e o abandono como sendo libertação viva, liberdade e facilidade. Todos dizem: “Maneiras e formas são práticas do veículo menor; na escola dos monges de mantos remendados, porquê estar preso a formas de prática?”

Com isto, fazem o seu melhor para se providenciarem com objetos de prazer, formam cliques e procuram associados. Desenfreados na sua licença e abandono, descartam a dignidade dos monges e misturam-se com estilos seculares; desdenhando conversas religiosas, preferem conversas variadas. Perdendo o trabalho mentalmente, esforçam-se por diversão. Por dentro, mandriam; por fora, agem como loucos. Em casos extremos frequentam as portas da canção e da dança, vão aos bordéis e bares; comportando-se excentricamente, consideram isto o Caminho transcendental do Zen. Que miserável! Que miserável!

Mesmo que não ofendais, como podem as ações que vedes e ouvis ser inconsequentes? Interiormente compelidos pelo desejo, visões pervertidas manifestam-se exteriormente, arruinando o corpo espiritual, perdendo o

sentido do Caminho e, em vez disso, estragando os novatos, fazendo com que eles também continuem estes caminhos decadentes. Portanto, a dignidade do Budismo desapareceu e o exemplo brilhante da monasticidade desapareceu. Patronos fiéis retiram-se por causa disso, enquanto pessoas com ideias pervertidas aumentam por causa disso. Elas caluniam o verdadeiro ensinamento e demeritam aqueles de carácter elevado. O jade é esmagado juntamente com a rocha; o ouro é descartado com o metal base.

Ouvi dizer que em tempos antigos houve um rei demónio que prometeu ao Buda: “Algum dia entrarei na tua casa, vestirei as tuas roupas, comerei a tua comida, estudarei o teu caminho e exporei a tua doutrina a fim de destruir o teu ensinamento.” Essas palavras já foram provadas.

A libertação viva não é tal princípio. Um antigo disse: “Matai a pessoa viva, e só então vereis a pessoa viva; se quereis alcançar a vida, deveis procurá-la na morte.” Isto significa que quando a atenção plena correta é contínua, ainda assim não considerais que basta quando a natureza da realidade se torna aparente. Quando a atenção plena correta é contínua e cultivais o caminho até à maturidade completa, ainda assim não considerais que basta. Quando a atenção plena correta é contínua e ides além dos Budas e Patriarcas, quando chegais aqui, sois livres para agir de forma não convencional ou convencional conforme o expediente, dando e tirando independentemente. Quando deixais ir, até o entulho irradia luz; quando ficais parados, o universo inteiro perde a cor.

Quando chegais aqui, que grosseiro e fino ou profundo e raso podeis discutir? Quando chegais aqui, que cru e maduro ou perto e longe podeis debater? Nem sequer o Dharma de Buda lá está; como pode haver um mundo mundano? Até o corpo e a mente são esquecidos — onde vedes maneiras e formalidades?

Quando o estudo atinge isto, chama-se o reino da libertação viva, desembaraçado e livre, claro e desimpedido. Portanto, as razões pelas quais os estudantes não se deixam apanhar na preocupação com maneiras e formas é para que não percam o trabalho da atenção plena correta. A razão pela qual as pessoas plenamente desenvolvidas não têm maneiras ou formalidades é que, quando a atenção plena correta está presente, esquecem-se as maneiras e as formalidades.

Se a vossa atenção plena correta estiver presente, e continuar momento a momento, no movimento esqueceis o movimento, na quietude esqueceis a quietude. No meio dos objetos esqueceis os objetos; na vossa mente esqueceis a mente. Indivisos pelo movimento e quietude, indivisos pelo bom e mau, indivisos pela dor e prazer, indivisos pela aflição e iluminação, indivisos pelo céu e inferno, aqueles que chegam a este estado indiviso já não se importam com nada e já não procuram nada. Uma vez que não procuram nada, que indulgência pode haver?

Ora, uma coisa é renunciar a maneiras e formalidades, mas e quanto a apenas entregar-se à licença? A Escritura diz: “Até o Dharma deve ser renunciado; quanto mais o seu contrário.” Uma vez que estais indivisos, não deveríeis entregar-vos a nada; se o fazeis, isso não é estar indiviso. Se ainda não estais indivisos, deveríeis arrepender-vos — que lazer tendes para satisfazer os vossos sentimentos e deixar a vossa mente ir, desfrutando preguiçosamente de diversão?

Aqueles que são capazes de estar indivisos já não procuram nada para si mesmos; a sua única busca é libertar os vivos. Eles não se mimam; a sua única indulgência é libertar os vivos. Eles não agem para si mesmos; apenas agem para libertar os vivos. Eles não têm pensamentos para si mesmos; o seu único pensamento é libertar os vivos.

Porquê? Porque eles próprios atingiram um estado indiviso, ao passo que todas as pessoas não chegaram a este reino; com grande compaixão, eles produzem magicamente expedientes para todos. Todas as suas práticas, todos os seus discursos, são para a multidão dos vivos, não para si mesmos. De facto, se quereis tornar-vos indivisos por desejo de serdes vistos e ouvidos, isto é impossível.

Portanto, os sábios apenas se atêm a manter a prática do trabalho da atenção plena correta. Não vos prendais a quaisquer fixações. Não percais a atenção plena correta onde quer que estejais, e a experiência da libertação surgirá naturalmente. Quando surgir, e virdes sem falhar nada, não conseguireis encontrar nenhum lugar onde fixar-vos.

Quando chegais aqui, então que bom estado há para agitar a vossa mente e sobrecarregar o vosso corpo, estender as vossas mãos e mover os vossos pés, tal como pudesse pacificar o vosso sentido religioso? Errado,

errado! Precisamente onde cada um está, existe esta prática insuperável; que os verdadeiros estudantes do mistério tentem discernir.